UM DOM DE PROFECIA

RUTH MONTGOMERY

Tradução: Amadeu António

A FENOMENAL JEANE DIXON
(Edição Bantam de 1966)
RUTH MONTGOMERY

PARA

Todos aqueles que buscam respostas para o eterno mistério da vida e que, reconhecendo que existe um Poder maior que nós, encontram inspiração na prescrição Bíblica: “Pede, e ser-te-á dado; procura, e encontrarás; bate, e ser-te-á aberto.”

PREFÁCIO

Nós, Americanos, estamos acostumados a encarar as visões nos termos do conhecimento Bíblico e a associar a cidade de Washington ao poder político e à burocracia sem rosto. Parece, pois, notável descobrir nesta movimentada capital do Novo Mundo uma médium dos dias modernos cujas visões aparentemente erguem a cortina do amanhã da mesma maneira que os dos profetas do Antigo Testamento.

Por causa desse dom misterioso, Jeane Dixon tornou-se quase tanto uma instituição quanto o Pentágono, durante o quarto de século em que partilharam a atenção nacional. Ambos apareceram em Washington no início da Segunda Guerra Mundial e, desde então, foram abordados por inúmeros dignitários estrangeiros. Do Pentágono, esses visitantes estrangeiros buscavam dólares e armamento; da Sra. Dixon, um vislumbre do futuro; o dinheiro da ajuda externa foi dispensado com certas restrições, mas Jeane Dixon recusou-se a aceitar qualquer remuneração por um talento que ela acredita que Deus lhe concedeu com um propósito. Devota religiosa, ela usará o seu estranho dom apenas em benefício de outros. Ela acredita que, se aceitasse dinheiro, poderia perder esse talento.

Enquanto repórter cética de jornal, não me deixei impressionar por esses supostos poderes até que, com o passar dos anos, a precisão das suas muitas previsões começou a forjar uma impressionante cadeia de provas. Ela estava a nomear listas presidenciais muito antes de os delegados se reunirem numa convenção quadrienal para indicar as nomeações. Com regularidade, ela estava a acertar em cada vencedor da Casa Branca um ano antes da sua eleição. Ela não apenas previu a morte ou a queda de certos líderes mundiais, como foi capaz de identificar o momento em que isso ocorreria. Eventos de fazer abalar o mundo por vezes eram preditos uma década antes do tempo e, eventualmente, aconteceram no ano exato que ela tinha mencionado.

Comecei a escrever colunas anuais sobre as previsões de Jeane Dixon em 1952, simplesmente como uma mudança dos contínuos discursos sobre política e

assuntos mundiais. Gradualmente, fui fiquei bastante impressionada com a precisão fenomenal das suas previsões para me sentir aliviado quando, em algumas ocasiões, ela errava. Se ela estivesse sempre certa, alguns de seus pressentimentos pareceriam horríveis demais para uma consideração agradável. Eu não acreditava que o presidente Kennedy viesse a ser assassinado. Recusei-me a aceitar o seu pronunciamento de que o secretário de Estado Dulles viria a morrer na primavera de 1959. Recusei-me a publicar a profecia que ela fez de 1952 de que graves distúrbios raciais encheriam as nossas ruas Americanas de sangue em 1963 e 1964.

Por outro lado, Jeane fez algumas previsões que não ocorreram. Ela previu que a China Vermelha mergulharia o mundo em guerra por causa de Quemoy e Matsu em Outubro de 1958; ela achou que o líder trabalhista Walter Reuther procuraria ativamente a presidência em 1964. Ela culpa-se por esses erros, acreditando que lhe foram mostrados os símbolos corretos, mas que os interpretara mal. Um psicólogo notável que é uma autoridade em perceção extrassensorial tem uma explicação inteiramente diferente, que é discutida neste livro.

Para aqueles que estremecem ante alguns dos impressionantes "eventos futuros" que Jeane sente que já lançaram as suas sombras adiante, é reconfortante lembrar que ela não é infalível; mas o seu registo de precisão é tal que o ónus dessa prova deve recair sobre os futuros historiadores. Em certos casos, os nomes e locais foram alterados para proteger as pessoas envolvidas e evitar possíveis invasões de privacidade. Certamente não há intenção de envergonhar ninguém, vivo ou morto.

Desde que eu sou destituída de talento psíquico e posso ver apenas a minha própria imagem distorcida refletida numa bola de cristal, eu simplesmente tentei apresentar, com tanta precisão jornalística quanto possível, a história incrível de Jeane Dixon.

Ruth Montgomery
Washington DC.

CAPÍTULO 1

Era um dia claro e fresco no final de Novembro. O almoço havia sido agendado com várias semanas de antecedência quando ao entrarem três mulheres elegantemente vestidas na Sala de jantar da presidência do Mayflower Hotel, o líder da orquestra sorriu e acenou com a cabeça em reconhecimento. O gerente do hotel sentou-as a uma mesa reservada e apresentou, cerimonioso, as ementas. A Sra.. Harley Cope, viúva de um contra-almirante, e Jeane Dixon, a famosa vidente de Washington, pediram ovos à la Florentina *(NT: Receita com espinafres).* A Sra.. Rebecca Kaufmann, uma nativa de Washington, calculou mentalmente as calorias e revistou a consciência antes de escolher a rica salada de lagosta.

Quando a comida chegou, a Sra.. Cope e a Sra.. Kaufmann começaram de imediato a comer, enquanto mantinham uma animada conversa. Porém, notando que Jeane não tocara na dela A Sra.. Kaufmann exclamou: “Filha, por que não come? Certamente você não precisa preocupar-se com o seu peso, com a cintura delgada como a que tem!”

A morena atraente recostou-se na cadeira e fechou os olhos. “Sra.. Kaufmann,” disse ela, “simplesmente não consigo. Estou muito perturbada. Algo terrível vai acontecer com o presidente hoje.”

“Hoje? O que é que está a dizer?” Perguntou a viúva materna.

Jeane só conseguiu assentir de forma lastimosa, enquanto a Sra. Cope explicava: “A senhora Dixon previu uma tragédia para o presidente Kennedy muito em breve. Ela pôs-me a par disso anteontem.”

A Sra. Kaufmann, que testemunhou muitas mágoas desde que nasceu em Georgetown, na virada do século, deu uma palmadinha consoladora na mão de Jeane. “Não se preocupe, querida,” aconselhou ela. “O que vai acontecer acontecerá, e não adianta antecipar problemas.”

A tristeza brilhou nos olhos verde-azulados de Jeane e, enquanto lutava por manter o controlo dela própria, disse: “Pois, a vontade da humanidade não pode mudar a vontade de Deus.”

Naquele momento, a música da orquestra de celebridade internacional de Sidney Seidenman parou, e o maestro correu para a mesa delas. Cumprimentando as três mulheres pelo nome, ele disse: “Alguém tentou justamente atirar no presidente!”

A Sra. Dixon murmurou sem qualquer inflexão de tom: “O presidente está morto.”

Sidney, cujas bandas de dança tinham tocado para *soirés* e bailes de debutantes da Casa Branca desde a época de Herbert Hoover, tentou tranquilizar as mulheres perturbadas. “Não, não, ele não está morto coisa nenhuma. Ele pode nem ter sido atingido.”

“Você irá ter notícias de que ele está morto,” repetiu Jeane na mesma voz estranhamente distante.

Sidney saiu a correr da sala, mas voltou quase de imediato a fim de informar que o Presidente Kennedy se encontrava apenas ferido. “Eu ouvi no rádio,” disse ele de modo a acalmar. “Ele ainda está vivo, e eles estão fazer-lhe uma transfusão de sangue.”

Jeane olhou para ele entorpecida. “O rádio está errado,” disse ela calmamente perentória. O Presidente Kennedy está morto. Eu tentei enviar-lhe um aviso, mas ninguém quis ouvir. Agora é demasiado tarde.”

Lembrando a sua expressão profética, o líder da orquestra disse-me mais tarde: “A Sra. Dixon é uma mulher muito doce. Ouvi dizer que ela às vezes tem presságios, ou seja o que for que vocês lhes chamam, mas não acredito muito nessas coisas. Eu apenas senti que ela estava enganada... mas no espaço de meia hora apuramos que ela estava certa.”

A meio caminho de Washington, outro almoço estava em curso. Lady West tinha parado na histórica casa de tijolos vermelhos de Kay Halle em Georgetown para dar conta de um passeio a motor pelos Estados Unidos, de que ela e Sir Michael West, presidente da equipe de defesa da Embaixada Britânica, acabavam de regressar.

“Aquilo que mais nos impressionou,” começou a Lady West com sotaque seco, “foi a violência dos sentimentos da vossa nação. No Texas, fomos recebidos com carinho e hospitalidade; no entanto, onde quer que fôssemos, éramos simplesmente surpreendidos pela maneira violenta com que vocês Americanos discutem política. Agora na Inglaterra...”

A empregada interrompeu para anunciar que a Sra. Alice Roosevelt Longworth (filha do presidente Theodore Roosevelt) gostaria de falar com a anfitriã. Com um pedido de desculpas, Kay foi até o telefone, respondeu com um animado “Estou” e ouviu horrorizada a amiga a exclamar: - Liga o rádio rapidamente. Aconteceu... como a Jeane Dixon disse que iria acontecer.”

Com as mãos a começar a tremer, a senhorita Halle ligou o rádio mais próximo. Uma voz ecoou: “Repetimos, o presidente foi baleado. Ainda não sabemos quão gravemente ele está ferido, mas estamos junto ao Hospital Memorial Parkland, aqui em Dallas. “

A data era sexta-feira, 22 de Novembro de 1963. Mil e cem milhas a sudoeste, enquanto o corvo voa, um rápido movimento de tiros pontuou o ar do outono e uma bala assassina deixou a sua marca precisa mortal. Kay Halle teve motivos para se sentir ainda mais horrorizada com as notícias assustadoras do que a maioria do resto da América. Algumas semanas antes do trágico acontecimento de Dallas, Kay, que é filha do filantropo de Cleveland Samuel Halle, atendeu à campainha e recebeu a Sra. Dixon, que estava agitada.

“Por favor, perdoe-me por vir nesta correria,” desculpou-se Jeane, “mas eu sei o quão próxima você é dos Kennedys. O presidente acaba de tomar uma decisão de ir a algum lugar no sul que lhe será fatal. Você deve transmitir-lhe uma palavra no sentido de não fazer essa viagem.” Enquanto Kay tentava reunir

as ideias, Jeane prosseguiu: “Há muito tempo que vejo uma nuvem negra a pairar sobre a Casa Branca. Ela aumentou cada vez mais e agora está a começar a baixar. Isso significa que o tempo está próximo. Ele será morto enquanto estiver afastado da Casa Branca.”

Kay, que tinha apenas um contacto casual com a Sra. Dixon, tentou mostrar-se cortês, mas parou dizendo: “Se essas coisas estão predestinadas, não há muito o que possamos fazer com respeito a elas, haverá?”

Jeane não se deixaria desarmar tão facilmente. Curvando o polegar e o indicador quase juntos, ela disse com solenidade: “Às vezes há um pequeno momento em que se pode inclinar a balança e desviar o evento. Você precisa preveni-lo.”

Kay Halle conhecia bem o Presidente Kennedy. Ela havia servido no Comitê Inaugural e havia concebido a ideia de convidar os duzentos eminentes vencedores de galardões nos campos da arte, da ciência e das humanidades como convidados especiais para a sua inauguração. Foi ela quem posteriormente o convenceu a recomendar a cidadania Americana honorária a Sir Winston Churchill e ajudou a produzir o projeto de lei por intermédio do Congresso. Ela visitou Sir Winston muitas vezes na sua estância preferida, Chartwell, e ouviu-o dizer: “Sou uma União da Língua Inglesa.”

Agora ela considerava a sua interlocutora com embaraço. Ela ouvira dizer que Jeane era vidente, mas sabia o quanto esses interesses eram estranhos ao exuberante clã Kennedy. Ela também supunha que Jeane não fosse infalível. Com uma risada nervosa, perguntou: “Como poderei eu levar tal mensagem ao Presidente? Até agora, as pessoas na Casa Branca consideraram-me uma pessoa razoavelmente sensata. O que pensariam eles se eu lhes levasse um aviso místico como este?”

Jeane entendeu a relutância demonstrada. Ela já havia defrontado essa resistência antes, mas mesmo assim pediu a Kay que lhe transmitisse a mensagem. Kay finalmente concordou em fazer o que pudesse, e Jeane, pensando que tinha obtido a sua anuência, partiu de bom humor.

“Eu dei voltas àquilo na minha mente diversas vezes,” disse-me Kay tristemente mais tarde, “mas eu simplesmente não tive coragem de lhe dar um aviso tão terrível e nebuloso. Francamente, eu não conseguia nem convencer-me de que fosse verdade e, ciente do quão corajoso e determinado era o Presidente Kennedy, percebi que ele teria sido o último a dar atenção a tal aviso. Posteriormente, falei do aviso da Jeane com Alice Longworth e nós olhamos uma para a outra um tanto nervosas, mas o que poderíamos fazer? Nós, Americanos, simplesmente não temos a capacidade de abarcar algo assim. Eu sabia que os Kennedys considerariam isso algum tipo de patranha. O presidente teria rido da mera sugestão.

Alice Longworth, refletindo sobre isso mais tarde, disse solenemente: “Eu realmente não acredito nessas coisas, mas naturalmente dou atenção quando as pessoas me falam delas. Todo mundo tem uma certa curiosidade, suponho.”

Logo após o assassinato do presidente, Kay Halle relatou a estranha sequência de eventos ao embaixador G. Frederick Reinhardt durante um jantar na casa da Sra. Longworth. Quando ela terminou, o nosso enviado à Itália exclamou em tom chocado: “Essa é uma história incrível!”

Na verdade, a história incrível tivera início onze anos antes, em 1952. Uma chuva enevoada caía quando Jeane entrou na Catedral de São Mateus para a sua meditação matinal. Durante vários dias, ela experimentara uma estranha sensação de distanciamento - uma condição que chegara a reconhecer como precursora de uma visão importante.

Ela lembra-se que ter depositado algumas moedas para velas e estava a preparar-se para se ajoelhar em oração diante de uma estátua da Virgem Maria, quando a Casa Branca surgiu de repente com um brilho radiante diante dela. Quase imediatamente os números “1960” formaram-se acima dela e, enquanto ela observava, uma nuvem escura se espalhou dos números e “pingaram como cobertura de chocolate num bolo” sobre a Casa Branca e um homem que estava à frente dela.

O homem, recorda ela, era jovem, alto e de olhos azuis, com um tufo de cabelo castanho espesso. Uma voz interior disse-lhe que ele era um Democrata e que o presidente eleito em 1960 sofreria morte violenta enquanto estivesse no cargo. Tão repentinamente quanto a visão surgiu, ela desvaneceu-se, mas a sensação de desapego emocional permaneceu com Jeane por mais três dias. Quatro anos depois, enquanto dois repórteres da revista Parade a estavam a entrevistar sobre previsões, ela pulou abruptamente de volta aos anos anteriores e declarou: “Um presidente Democrata de olhos azuis eleito em 1960 será assassinado.”

Assustados com a contundência das palavras dela, os repórteres sugeriram que elas simplesmente quisessem dizer que ele “morreria no cargo.”

“Digam como quiserem, mas ele será assassinado,” respondeu ela. A sua previsão apareceu na edição de Parade de 11 de Março de 1956, e os amigos de Jeane lembraram-se disso quando John F. Kennedy conquistou a desconcertante vitória de 1960. A descrição que ela fizera do homem na visão apresentava uma semelhança perturbadora com o presidente eleito. Além disso, Jeane continuou a “ver” a nuvem negra a pairar sobre a Casa Branca.

No verão de 1963, quando o pequeno Patrick Kennedy perdeu a sua breve luta pela vida, o telefone da Jeane Dixon começou a tocar sem interrupção.

Lorene Mason, secretária de Washington e outros amigos queriam saber se a morte do filho de três dias do presidente poderia explicar a nuvem negra que ela havia visto há tanto tempo sobre a Casa Branca. Jeane teve que responder pela negativa.

"Não pode ser," explicou ela, "por eu ainda ver um caixão grande a ser carregado para a Casa Branca. Isso significa que o presidente encontrará a sua morte em outro lugar e o seu corpo será devolvido à Casa Branca para procederem ao luto nacional."

O tempo passou e Jeane preencheu o seu tempo com as suas atividades imobiliárias. Ela também trabalhava como voluntária no Damon Runyon Cancer Fund e, nessa condição, presenteou cheques de dezenas de milhares de dólares aos embaixadores dos EUA e a embaixadores do exterior para pesquisa do cancro. Certa noite, no final de Outubro de 1963, ela jantou com o Dr. F. Regis Riesenman, um eminente psiquiatra e pesquisador em parapsicologia, no restaurante do Duke Zeibert, e ele recorda: "A Sra. Dixon disse-me que teve uma visão em que viu o nome de Lyndon B. Johnson ser removido da porta da vice-presidência. Ela disse que vislumbrou o nome do homem que faria com que isso acontecesse, e que, embora se tivesse prontamente desvanecido, ela percebeu que era uma palavra de duas sílabas que continha cinco ou seis letras. Ela estava bastante certa de que a segunda letra era um s."

Um dia antes de Jeane jantar com a Dra. Riesenman, ela telefonou-me e declarou sem fôlego: "Tenho algumas informações que não vão esperar pela coluna das minhas previsões do seu Ano Novo. É muito importante! Posso ir já aí?" Ela chegou de táxi alguns minutos depois e, ao entrar apressadamente em minha casa, disse: "Eu tive uma visão. Tão claramente quanto você me vê agora, vi alguém removendo o nome de Lyndon Johnson da porta do escritório da vice-presidência. Ele terá uma placa na porta dele a dizer 'Vice-Presidente'?

Deve haver, porque eu vi o sinal a ser removido, mas não por ele. A seguir eu vi um homem desconhecido, e o nome dele passou-me pelos olhos. Era um nome de duas sílabas com cinco ou seis letras. A segunda letra era definitivamente um *s*, e a primeira parecia um *o* ou um *q*, mas eu não tenho a certeza. A última letra terminou com uma pequena curva que seguia reta para cima.

Como o nome de Billie Sol Estes, o especulador de grãos do Texas, estava nas manchetes, e alguns escritores anti-Administração estavam a tentar vinculá-lo ao seu colega Texano Lyndon Johnson, perguntei se ela achava que o nome poderia ser Estes. Esse nome tem duas sílabas, e a segunda letra era um *s*.

Jeane respondeu imediatamente: "Não, não poderia ser Estes, por a primeira letra do nome estar definitivamente fechada, como um *o* ou um *q*. Além disso, apreendi que a remoção do nome do Sr. Johnson da porta não será iniciativa sua.

Será uma circunstância fora de seu controlo. Também vejo Lady Bird Johnson a ter algum tipo de problema com os negócios, embora não seja culpa dela. Também ela será vítima das circunstâncias.

Perguntei se ela havia "visto" esse curioso evento na sua bola de cristal e ela disse: "Não, essa foi uma visão que me apareceu no início da manhã, logo depois que me levantar de fazer as minhas orações. Como sempre faço ao me levantar, eu estava de pé à minha janela, de frente para leste e silenciosamente a repetir o Vigésimo Terceiro Salmo. Eu nem estava a pensar no governo. Assim que eu disse as palavras: 'Sim, embora eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei o mal, pois Tu estás comigo,' duas mãos negras estenderam a mão e removeram a placa da porta do Vice-Presidente. Não eram as mãos da morte. Quando a placa desapareceu, vi o nome de cinco ou seis letras aparecer diante de mim e soube que esse homem estava a provocar isso."

Aquilo que Jeane me descreveu de maneira tão vívida fez pouco sentido para mim, mas por ela estar tão obviamente agitada, tentei obter mais informações dela. Reconstruindo a visão, ela disse que viu o nome de Lady Bird Johnson nas manchetes e que alguma transação relacionada com os negócios dela seria alvo de muita publicidade desfavorável, e que lançaria uma sombra sobre a reputação pessoal de Johnson, embora não sobre o assunto da esposa dele.

"Eu simplesmente queria alertá-la para o que vai suceder," disse Jeane, "porque será muito em breve. Não prevalecerá até que você esteja pronta para escrever a coluna anual de Ano Novo sobre as minhas previsões."

No Domingo, 17 de Novembro de 1963, ela teve um compromisso para jantar com o Sr. John Teeter, director executivo do Damon Runyon Memorial Fund, a Viscontessa Fournier de la Batre de Paris, e a senhorita Eleanor Bumgardner num restaurante favorito nos arredores de Washington.

"Jeane levou-me consigo no carro dela," recorda Miss Bumgardner, "e senti imediatamente que se passava algo de errado. Ela parecia distanciada, como se a sua mente estivesse noutro lugar. Ela geralmente é uma excelente motorista, mas naquele dia ela arrastava-se a um ritmo de caracol tal que eu finalmente perguntei-lhe qual era o problema."

Ela recorda que Jeane respondeu: "Eu simplesmente não consigo desviar a mente da Casa Branca. Onde quer que eu vá, vejo a Casa Branca com uma nuvem negra a descer sobre ela. Algo trágico vai acontecer muito, muito em breve."

A Miss Bumgardner notou que Jeane mal tocava na sua comida. Quando o Sr. Teeter comentou o facto, Jeane desistiu de todo o pretexto de comer. "Nunca tive nada que me dominasse como esta visão," disse ela. "Está em todo lugar para onde viro o olhar.

Algo terrível vai acontecer ao nosso Presidente - e em breve!"

Eleanor Bumgardner é chamada de "Lady" pela sua multidão de amigos. O apelido foi originalmente concedido por seu ex-empregador, o falecido juiz do Supremo, Frank Murphy. Mais recentemente, ela trabalhara como secretária pessoal da Sra. Sargent Shriver, a irmã do presidente, Eunice. Três anos antes, Jeane havia dito a Lady Bumgardner: "É muito mau para Jack Kennedy concorrer à presidência este ano. Se ele esperasse oito anos, apenas para seu próprio bem! Neste momento, será desastroso para ele." Lady não conseguia afastar esse comentário da cabeça ou parar de pensar no estranho comportamento de Jeane no almoço de Domingo com o Sr. Teeter e a viscondessa, de modo que, na segunda-feira, ela parou no Dixon escritório da imobiliária.

Jeane, sentada à sua mesa, mal cumprimentou Lady antes de exclamar: "Santo Deus! Dentro de poucos dias, o presidente será assassinado. Eu vejo o caixão dele a entrar na Casa Branca. Espero que Kay Halle o alcance a tempo de lhe recomendar para que não faça a viagem ao Texas.

Miss Bumgardner recorda o próprio alívio que sentiu ao ouvir que Jeane havia providenciado que outra pessoa avisasse diretamente o presidente, pois se sentia tão relutante quanto Kay Halle em levar uma mensagem tão macabra a um membro da família Kennedy.

Na quarta-feira, 20 de Novembro, Jeane participou num almoço de negócios com a Sra. Cope e Charles Benter, organizador e líder de longa data da Banda da Marinha dos EU, que havia participado de catorze desfiles inaugurais ao longo da Pennsylvania Avenue. Agora aposentado do serviço ativo, o Sr. Benter estava a trabalhar na Companhhia James L. Dixon, e a Sra. Cope estava classificar alguns dos anúncios das suas propriedades na agência imobiliária. Jeane, normalmente uma participante interessada em tais transações imobiliárias, parecia não estar a ouvir nesse dia, mas após o Sr. Benter lhe repetir duas vezes algo, ela murmurou: "Sinto muito, mas não consigo dar-lhe ouvidos, porque o presidente vai sofrer um atentado."

Pensando que havia entendido mal, a Sra. Cope perguntou: "Quem você disse ia ser alvo de um atentado?" "O nosso presidente. O Presidente Kennedy" lamentou Jeane. "Ah, não diga uma coisa dessas," advertiu a viúva do almirante.

Quinta-feira, Jeane literalmente andava de um lado para o outro no seu escritório. Quando David Greene, um dos vendedores, observou que ela parecia chateada, ela disse: "O presidente vai ser assassinado." Alarmado, por ter testemunhado outras manifestações dos talentos proféticos de Jeane, ele bradou: "Não poderemos fazer algo sobre isso?"

Jeane respondeu que pedira a Kay Halle que enviasse uma mensagem ao presidente Kennedy a fim de cancelar sua viagem, mas que ele tinha ido para o

Texas de qualquer maneira: “E agora vejo a morte a balançar na sua cadeira de balanço. Se ao menos ele pudesse manter-se invulnerável às balas pelos próximos dias!

Na manhã seguinte, Jeane foi à missa, como acontece todas as manhãs da sua vida, e depois encontrou-se com o Sr. Benter para o café da manhã numa cafeteria perto do escritório. Ao deslizar para dentro da tenda ao lado da figura paternal do velho veterano, ela apertou a mão dele e suspirou: “Este é o dia em que vai acontecerá!” Eles entreolharam-se impotentes. John Fitzgerald Kennedy, o jovem e vibrante presidente, tinha apenas mais quatro horas de vida.

A morte de John F. Kennedy foi devastadora para mim, por ele ter sido meu amigo pessoal de longa data assim como o meu presidente. O presságio da misteriosa profecia de Jeane não me impressionou, pois, até que soube que Lee Oswald havia sido preso pelo assassinato. Oswald! O nome que Jeane vislumbrou de forma fugaz na sua visão, quando as mãos negras da morte removeram a placa vice-presidencial da porta! Oswald começou com um *o* e a letra seguinte era um *s*. Era um nome de duas sílabas, com seis letras, e a última letra fazia uma curva para “cima.” A sua estranha previsão sobre o Presidente tornara-se realidade aos mais ínfimos detalhes.

Mas isso não era tudo. Poucas semanas depois de Lyndon Baines Johnson fazer o juramento presidencial, uma comissão do Senado iniciou uma investigação sobre o tráfico de influência do secretário da maioria do Senado Robert Baker, ex-protegido de Mr. Johnson. O corretor de seguros Don Reynolds jurou que, para vender uma grande apólice de seguro de vida ao líder maioritário Johnson após o seu ataque cardíaco, ele fora pressionado a comprar um tempo inútil de publicidade na KTBC, a emissora de televisão de Austin pertencente em grande parte a Lady Bird Johnson.

Jeane previra que uma transação relacionada com os negócios da Sra. Johnson se tornaria alvo de publicidade desfavorável, embora ela não fosse pessoalmente culpada. Nenhuma testemunha ou senador insinuou que a Sra. Johnson houvesse participado da pressão, mas a possível conexão do próprio presidente com ela tornou-se num problema significativo na campanha de 1964.

Jeane Dixon obtivera resultados acertados em todos os aspetos.

Três meses após o assassinato do presidente Kennedy a sintonia psíquica de Jeane com as forças desconhecidas, trouxe mais notícias inquietantes. Ela disse a Kay Halle, a Eleanor Bumgardner e a mim: “As tragédias na família Kennedy ainda não ficaram por aqui. Vejo outra para breve, com outro membro masculino da família.”

Na manhã de sexta-feira, 19 de Junho de 1964, a Sra. Walter Stork telefonou à Sra. Dixon para falar de problemas familiares. Stork, um destacado

funcionário do governo que servira sob todos os presidentes desde Calvin Coolidge e que fora condecorado pelos presidentes Eisenhower e Kennedy, contraiu a doença de Parkinson. Os médicos concordaram que a condição dele era incurável e, embora a Sra. Stork tivesse planejado transferi-lo para um hospital diferente, ela estava a tentar preparar-se para "aceitar a vontade de Deus."

Com a voz embargada, Mary Alice Stork disse a Jeane: "Se algo acontecer ao meu amado Walter, vou pedir que ele seja enterrado o mais próximo possível do Presidente Kennedy em Arlington, por ele o amar muito." Jeane disse com um suspiro: "Mary Alice, as tragédias na família Kennedy não terminaram. Eu vejo que outra se seguirá quase de imediato."

"Você refere-se ao pai do presidente?" perguntou a Sra. Stork, pensando no golpe incapacitante que o patriarca do clã havia sofrido quase três anos antes.

"Não, não," respondeu Jeane. "Esta tem que ver com o jovem senador. Mary Alice, se você gosta tanto dos Kennedys, por favor, avise-os que Teddy simplesmente deve ficar afastado de aviões particulares durante as próximas duas semanas. Caso contrário, algo de muito, muito grave ocorrerá."

Na manhã seguinte, a Sra. Stork apanhou o jornal à porta e leu o cabeçalho flagrante. O senador Edward Kennedy havia sido gravemente ferido no acidente de um avião fretado que tirou a vida ao seu assistente mais próximo e ao piloto. O senador e a Sra. Birch Bayh ficaram feridos com menos gravidade que Ted Kennedy, que ficou com as costas quebradas. A senhora Stork correu para o telefone e ligou freneticamente para casa da Jeane. "Jeane, aconteceu! A premonição que anunciou estava certa, como sempre."

Jeane, que ainda não ouvira as notícias do acidente de avião, ouviu em silêncio enquanto a Sra. Stork lia os detalhes. Quando terminou, Jeane disse apenas: "Não era uma premonição. Deus mostrou-mo."

CAPÍTULO 2

Através de uma curiosa cadeia de circunstâncias, foi uma cigana que despertou Jeane para o estranho potencial que tinha dentro de si. Baptizada Jeane Pinckert numa aldeia de exploração florestal do Wisconsin pouco antes do armistício que pôs termo à Primeira Guerra Mundial, mudou-se ainda criança para a Califórnia com os seus pais, Emma Von Graffee e Frank Pinckert.

Herr Pinckert, que trouxe a sua noiva para a América em lua-de-mel, gostou tanto do Novo Mundo que vendera os interesses que detinha na Alemanha para voltar aqui. Aos 45 anos, tendo acumulado uma fortuna confortável, ele aposentou-se e mudou a família para Santa Rosa, Califórnia. Há muito que ele se

interessava muito pelos Índios Americanos e, depois de desenvolver uma amizade calorosa com Lutero Burbank, o horticultor de fama mundial, também se deixou fascinar pelos ciganos nômadas que vagavam pelo campo. Um dia, ao saber que uma cigana estava acampada na propriedade de Burbank, ele sugeriu que a sua esposa levasse Jeane a vê-la. O encontro revolucionou a vida da criança. Recordando a reunião, Jeane ainda ferve de emoção.

"A cigana tinha uma carroça coberta com uma chaminé a sair por um telhado de lona," diz ela. "Galinhas punham a cabeça para fora da porta da carroça, e um cavalo amarrado a uma árvore escoiceou e saltou descontroladamente enquanto lá estivemos. A cigana vivia quase sempre ao ar livre, mas mantinha o chão impecavelmente limpo varria-o com uma vassoura, e lembro-me de que ela cortava as unhas com um canivete."

A cigana revelava a sorte de uma mulher com cartas quando a Sra. Pinckert e a sua filha de oito anos chegaram ao acampamento. Quando chegou a vez de Jeane, ela pegou as mãos da criança, virou-as e ofegou. "Essa garotinha vai ser muito famosa. Ela será capaz de prever mudanças em todo o mundo, por ter sido abençoada com o dom de profecia. Nunca vi linhas da mão como estas!"

A jovem fora ensinada por Índios que trabalhavam para o pai dela a cavalgar pôneis sem sela, mas ainda não tinha ido à escola. Ensinada em casa pelos pais e uma governanta Europeia, ela falava Alemão melhor que Inglês. No entanto, ela entendeu que a cigana estava a alertar a mãe para a "proteger das pessoas" por causa da sensibilidade incomum que tinha.

"Olhe para a mão esquerda dela," maravilhava-se a cigana. "Aqui está uma estrela de David e, com esta dupla linha de cabeça a sair dela, ela não precisaria de outro símbolo para ter o dom de profecia. Mas veja também aqui! Ela tem outra estrela no Monte de Júpiter [o nome místico da lomba na base do dedo indicador] e, na palma da mão direita, tem esta estrela formidável que se estende em todas as direções. Eu nunca vi uma linha da cabeça como esta. Atravessa completamente a palma da mão e envolve a mão, com uma meia-lua no punho.

Percebendo pela primeira vez essas marcas incomuns nas mãos da filha, que um místico Hindu disse a Jeane ocorrer talvez uma vez a cada mil anos - a Sra. Pinckert perguntou-lhe o significado delas. "Elas querem dizer," disse a cigana solenemente, "que esta criança crescerá poderosamente em sabedoria. As linhas na mão esquerda são a planta dos sonhos e do potencial de cada um. As da mão direita significam o que você faz com o que Deus lhe deu. Ela já se está a desenvolver rapidamente."

A cigana desapareceu na sua carroça coberta e voltou com uma bola de cristal. Entregando-a a Jeane, ela disse: "É para tu guardares. Serás capaz de meditar sobre isto e de ver coisas maravilhosas, pois as marcas nas tuas mãos são as de um místico." A Jeane espiou ansiosamente o novo" brinquedo" brilhante e

começaram a formar-se imagens dentro dele. Embora a televisão fosse desconhecida naqueles dias, era como se ela estivesse a assistir a uma tela de TV.

"Vi grandes ondas de água azul," diz ela, "e de alguma maneira percebi que estava a ver a baía numa terra longínqua da qual a cigana originalmente viera. Descrevi-lhe o que vi e ela disse que era exatamente como a recordava. Colocando as minhas mãos em volta da bola, eu a vi-a a tentar pegar num tipo estranho de panela. Senti perigo e gritei que ela devia ter cuidado para não se escaldar. Da vez seguinte que voltamos a visitá-la, ela trazia as mãos enfaixadas. Disse que se tinha queimado profundamente com água a escaldar que ela havia derramado ao cozinhar.

E qual foi a reação da mãe carinhosamente criada de Jeane, nascida na Alemanha, ao saber do estranho talento da sua filha? Jeane encolhe os ombros. "A mãe não pareceu considerar invulgar. Ela simplesmente disse que se Deus me tinha dado esse dom, ela queria que eu o usasse apenas para o bem nesta terra."

Os filhos de Pinckert, criados na tradição Europeia culta por pais ricos, tinham uma ama alemã chamada "Mãe Koosey," que governava as crianças com mão firme.

Mas a vida de Jeane foi mais profundamente influenciada pela sua mãe aristocrática, de falas mansas, e pelo seu pai dominante, que inculcaram nos jovens a necessidade de ter um objetivo na vida.

"A mãe sempre dizia que não lhe pertencíamos, mas a Deus," reflete Jeane. "Ela achava que estávamos apenas confiados aos seus cuidados. Embora ela e o pai fossem Católicos devotos, a mãe costumava observar que nenhuma alma deveria estar ligada a uma igreja porque, não importa onde adorássemos, o mesmo Poder Todo-Poderoso guiava cada um de nós. Ela achava que era responsabilidade dela assegurar-se que desenvolvemos quaisquer talentos que nos tivessem sido dados no momento da nossa conceção."

Foi nesse espírito que a Sra. Pinckert encorajou o "sexto sentido" de Jeane. Ela já havia percebido que Jeane era diferente dos seus outros seis filhos. Quando mal conseguia falar, a criança foi até a porta um dia e pediu permissão para brincar com "a carta enfeitada de preto." Intrigada, a Sra. Pinckert respondeu que não tinha nenhuma carta assim, mas dez dias depois uma carta com borda preta chegou de barco proveniente da Alemanha, a comunicar a triste notícia de que o seu pai, Garhardt Von Graffee, tinha morrido.

Um ano depois, enquanto o Sr. Pinckert ia numa viagem de negócios a Chicago, Jeane disse à mãe: "O pai trará de volta um grande cão pastor preto e branco." Quando ele voltou com um raro collie preto e branco, a Sra. Pinckert perguntou à menininha como ela adivinhara, e Jeane respondeu que tinha "visto" o pai a comprá-lo.

Um dia, o irmão mais velho dela, Erny, atirou a Jeane para um palheiro e, de repente, ela exclamou: “Oh, Erny, tu vais ser um grande atleta. Vi-te a brincar com uma bola e multidões a aplaudir.” Quando os seus pais tentaram desencorajar Erny de jogar futebol, Jeane implorou:” Por favor, por favor, deixem-no jogar, porque ele vai ser muito famoso no desporto e fará com que vocês se orgulhem dele. “No espaço de uma década, o nome de Erny Pinckert seria inscrito como um Americano Típico no Hall da Fama do futebol.

Durante um tempo, Jeane sentiu-se inclinada a usar a bola de cristal como brinquedo. Ela naturalmente supunha que todo mundo pudesse ver imagens e que era apenas algo para se apreciar, como um caleidoscópio. Foi a Sra. Pinckert quem tratou do caso e procurou incentivar o estranho talento de Jeane. Os amigos logo descobriram o talento da criança para prever eventos e, depois que os Pinckerts se mudaram para Los Angeles, até estranhos começaram a bater na porta. Jeane tinha apenas nove anos quando uma mulher se apresentou como Marie Dressler e disse que estava a pensar abrir uma pensão porque não estar a obter sucesso como atriz.

Ela pediu que Jeane lesse para ela e, quando a menininha olhou na sua bola de cristal, ela “acendeu-se como uma estrelinha do quatro de Julho.” Descrevendo o que viu, Jeane diz: Saltando dessa estrelinha vi centenas de notas de dólar, que interpretei como significando que um dia ela se tornaria uma grande estrela e ganharia muito dinheiro. Eu disse-lhe que ela deveria desistir da ideia da pensão e dedicar todas as suas energias à representação.”

“Mas eu morrerei de fome se o fizer - objetou Miss Dressler.” Jeane, cujos pais haviam abandonado o Velho Mundo pelo Novo, indignou-se: “Ah não! As pessoas na América não morrem de fome. Você deve prosseguir com a sua carreira de atriz.”

Depois que o nome de Marie Dressler começou a aparecer em letreiros de filmes por todo o país, ela costumava dizer às pessoas que, se não fosse pela pequena Jeane Pinckert, ela teria abandonado o teatro. A própria Jeane encolhe os ombros em relação ao elogio, dizendo: “Ela seria famosa de qualquer maneira, porque esse era o seu destino. Eu pode ver claramente. A bola de cristal apenas a ajudou a orientar-se nos aspetos difíceis.”

Anos depois, Jeane teve outro encontro dramático com uma atriz. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela estava a arranjar o cabelo no Salão de Beleza Westmore, em Los Angeles, quando Carole Lombard entrou. Jeane, é claro, reconheceu a glamorosa estrela de cinema que tinha Clark Gable por marido. Um operador apresentou-as e Jeane deliciosamente estendeu a mão para a cumprimentar. Ao fazê-lo, sentiu uma vibração alarmante. Esquecendo-se de si, exclamou: “Ah, miss Lombard, você não deve viajar de avião para lugar nenhum durante as próximas seis semanas.”

A loira atriz respondeu a sorrir que estava quase imediatamente de saída numa turnê, para promover a venda de títulos de guerra. Jeane, que também estava a ajudar com a venda desses títulos, percebeu a importância da missão de Carole, mas alertou que ela deveria viajar apenas de automóvel ou de comboio durante o período de "perigo."

A cabeleireira que as apresentou mais tarde disse a Jeane que, depois de deixar o salão, a senhorita Lombard jogou uma moeda ao ar para ver se deveria seguir os conselhos não solicitados. Ela pedira cara, e a moeda deu coroa. A estrela da tela de cinema voou para o Centro-Oeste alguns dias depois e morreu num acidente de avião.

Procurando explicar como ela sentira a tragédia iminente, Jeane reflete: "Quando toquei na mão dela, vi o símbolo da morte sobre ela. Estava bem acima do solo. Vi a vida no chão ao seu redor e, assim soube que, se ela mantivesse os pés no chão, poderia escapar do perigo. Foi uma espécie de voz interior que disse: "Seis semanas." Essa voz vem a mim com frequência, e eu sempre a ouço."

Jeane não consegue recordar quando foi que James L. Dixon entrou na vida dela, nem se lembra do primeiro encontro. Sorrindo de forma reminiscente, diz: "Parece que eu sempre o conheci. Embora os meus pais fossem Católicos e o pai de Jimmy fosse ministro Metodista, as nossas duas famílias eram muito chegadas. Ele é muito mais velho que eu, mas eu apaixonei-me secretamente por ele desde a infância. Ele casou quando eu tinha apenas doze anos e quase me deixou de coração destroçado. Ninguém soube disso, muito menos Jimmy. Se tivessem sabido, eles teriam considerado isso meramente como uma paixão da escola."

Para Jeane, foi muito mais. Por ela o amar tão profundamente que não conseguiu encará-lo depois do casamento. Certa vez, foi a um bar Pig and Whistle, e deixou a sua taça de gelado de chocolate e uma nota de dólar, por o ter visto a entrar na loja de refrigerantes lanchonete por outra porta. Se o visse a descer a rua, atravessava-a apressadamente e passava para o outro lado para evitar um encontro. Certa vez, suspeitando da afeição dela, uma amiga anunciou em voz alta ao grupo endinheirado que passava o verão em Novaport Beach, Califórnia, que Jimmy Dixon tinha sido morto. Com o coração ao pé da boca, Jeane foi a uma cabine telefone numa farmácia próxima e ligou para a agência Dixon Chevrolet em Los Angeles. O próprio Jimmy atendeu o telefone. A sua voz profunda e rica de barítono era inconfundível, e ela silenciosamente pousou o recetor. O homem que ela amava ainda estava vivo.

No décimo sexto aniversário de Jeane, Pinckert comprou-lhe um automóvel, como era seu costume fazer a cada um de seus filhos. Ao se pôr ao volante, uma visão surgiu diante dos seus olhos, e ela confidenciou: "Pai, quando

a pequena Evelyn tiver dezasseis anos, ela pedirá um avião em vez de um automóvel, e vai-lho dar. Também posso vê-la aa sair disparada pelo ar de uma maneira estranha, sem o avião. Herr Pinckert riu da fantasia dela. Nem Jeane nem nenhum de seus outros filhos demonstraram interesse por aviões. No entanto, no décimo sexto aniversário de Evelyn Pinckert, ela solicitou e recebeu o seu próprio avião. Ela tornou-se numa das aviadoras mais conhecidas da América; deu saltos de paraquedas da maneira que a sua irmã mais velha havia previsto; e tornou-se a única mulher envolvida nas forças militares dos EUA a ensinar acrobacias a pilotos do exército.

CAPÍTULO 3

Jeane Dixon fascina os investigadores dos fenómenos psíquicos por a sua precognição se revelar através de tantos canais diferentes. Às vezes, ela apenas "toca com os dedos" numa pessoa e parece instantaneamente saber o que o futuro lhe reserva. Ela muitas vezes consegue identificar eventos no passado e no futuro de pessoas que nunca viu, apenas ao tomar conhecimento da data do seu nascimento. As revelações que faz com mais frequência ocorrem pela leitura da bola de cristal, mas as previsões às quais ela mesma atribui o maior significado vieram através de visões que não esperava receber.

Como eu não tenho faculdades psíquicas e esses fenómenos são simplesmente mistérios fascinantes para mim, pedi a Jeane para discutir as diferentes abordagens e explicar como ela aprendeu a interpretar os símbolos que descreve de maneira tão dramática. Esta foi a resposta que me deu:

"Em criança, ao ter visões que não eram aparentes às outras pessoas, eu descrevia-as à Mãe Koosey, a nossa ama Alemã. Ela fazia o possível por explicar o significado delas. Um padre Católico acrescentou outra dimensão, ao dizer que sempre que eu via púrpura e ouro nas visões, estava a tocar num reino altamente espiritual. As visões são tão diferentes das imagens que observo na minha bola de cristal quanto o dia da noite. Quando uma visão começa a formar-se, tudo muda, inclusive o ar ao meu redor. Pareço não mais estar na mesma atmosfera. Sinto uma paz e um amor indescritíveis. Fico sozinha, e nada de mundano me consegue tocar. Sinto que estou a olhar para baixo de um plano superior e questiono-me do por quê os outros não conseguirem ver o que estou a ver.

"Ao contrário das figuras da bola de cristal, uma visão é completa. O momento é o oportuno, pois normalmente eu me ter preparado para isso com três dias de antecedência. Ocasionalmente eu interpreto mal os símbolos da minha bola de cristal, mas nunca interpreto mal uma visão. Estudar a bola de cristal de modo a descobrir as respostas que procuro para os outros atrai-me bastante. Depois, muitas vezes sinto-me debilitada. Nunca acontece isso com uma visão. Uma visão enche-nos! Só posso descrevê-lo dizendo: 'Meu cálice transborda.' Durante uma experiência dessas sinto-me tão cheia da glória de Deus que quero dar tudo a todos. Sinto que nunca mais voltarei a cansar-me, por ter muita força.

Nesse momento, sinto que não há nada neste mundo que jamais deseje para mim."

"Depois de ter uma visão dessas, nada neste mundo pode impressionar-nos. Sentimos que finalmente entendemos a palavra 'amor.' Sabemos o que é realmente adorar a Deus. Ansiamos por desenvolver o talento que Ele nos designou; fazer o trabalho d'Ele nesta terra. Isso não significa que devamos necessariamente sair por aí a pregar, mas ao invés que devemos desenvolver os talentos especiais que Ele nos delegou. Quando fazemos essa coisa simples, somos repletos de amor a partir de então. Fazemos isso automaticamente e desejamos que todos os outros experimentem esse amor que sentimos.

"De repente, conhecemos o significado das palavras: 'Ama o próximo' e 'Faz aos outros como gostarias que eles te fizessem.' Mas isso não significa que possamos descarregar os nossos problemas no Senhor, sem esforço da nossa parte. Eu fico muito irritada com homens do clero que dizem ao seu rebanho para entregarem os seus problemas ao Senhor. Deus deu-nos o nosso próprio trabalho. Um zelador da nossa agência imobiliária negligenciava constantemente o seu trabalho e, quando conversamos com ele sobre isso, a resposta que dava era invariavelmente que ele se disporia a entregar o problema ao Senhor. Eu finalmente disse-lhe que, nesse caso, daria ao Senhor o cheque de pagamento dele. Somos colocados aqui para provar nosso próprio valor."

Descrevendo como a bola de cristal funciona para ela, Jeane disse: "Ao meditar na bola de cristal, devo tentar extrair dela a vida de outra pessoa. Isso exige muita força da minha parte, por precisar encontrar o canal de cores do indivíduo e, muitas vezes, assumir as suas doenças antes de saber que estou no caminho certo. Acontece o mesmo com a ponta dos dedos. As tristezas ou deficiências físicas dessa pessoa frequentemente tornam-se minhas e, por isso fico exausta." Para ilustrar, Jeane usou vários casos com os quais sabia que eu estava familiarizada. O primeiro incidente ocorreu na minha biblioteca, quando eu a convidei para tomar um chá, para conhecer uma bela jovem com quem me familiarizei casualmente numa viagem ao exterior.

Quando Mona soube que eu era de Washington, ela perguntou se eu conhecia a Jeane Dixon, de quem ela ouvira falar tanto. Eu disse-lhe que estava a escrever um livro sobre Jeane, e ela pediu-me para lha apresentar na próxima vez que visitasse Washington. Eu não sabia nada sobre Mona, exceto que ela era linda, jovial e inteligente. Jeane nunca tinha ouvido falar dela, mas depois de lhe apertar a mão, ela afundou abruptamente no meu sofá veneziano e disse: "Minha querida, você tem um problema no coração que pode causar problemas se você não tomar cuidado. Você deve tomar cuidado para não sobrecarregar ou exagerar."

Mona não disse nada, e eu pensei que Jeane havia cometido um erro grave. Obviamente, essa jovem vibrante não tinha nada de errado com ela. A pausa que

se seguiu foi embaraçosa para mim, mas evidentemente não para Jeane, que num momento prosseguiu: “Você se cansa com facilidade. Às vezes, você sente que simplesmente não tem forças para continuar.”

Enquanto eu me perguntava como Jeane poderia dizer isso sobre uma pessoa tão animada, Mona disse: “Sra.. Dixon, você está incrivelmente certa. Os médicos disseram-me que eu tenho um problema cardíaco e, às vezes, acho que não tenho forças para respirar.” Surpreendida, protestei: “Mas, Mona, você sempre é a pessoa mais jovial do grupo. Você está sempre a pular de energia.” Ela balançou a cabeça. “É uma encenação. Quando eu estava a vir para aqui hoje de carro, interroguei-me se conseguiria fazê-lo sem me deitar no banco. Eu nunca sei de onde vem o sopro de energia seguinte.

Preocupado com essa revelação, eu pulei e disse: “Olhe, eu vou imediatamente pegar um comprimido que lhe dê vitalidade,” Jeane quase gritou: “Ela nunca deve tomar comprimidos, nunca! Se Mona aceitasse um, poderia ser o fim para ela. Ela deve tomar óleo líquido de fígado de bacalhau todos os dias e conservar a energia, mas nunca deve, nunca tomar comprimidos estimulantes. Para ela, eles podem ser fatais.”

Mais tarde, Jeane disse-me: “Lembra-se da Mona? No momento em que apertei a mão dela, o meu próprio coração começou a pular. Senti que o sangue estava a sair-me do corpo e estava tão mole que tive que me sentar rapidamente, no primeiro lugar disponível, que foi no sofá ao lado dela. Eu fiquei completamente esgotada por ter absorvido as vibrações dela. Eu não tinha energia e o meu coração comportava-se de uma forma estranha, pelo que simples eu diagnosticar-lhe o problema.”

Algumas semanas após o episódio com Mona, outra amiga chamada Marta passou a noite comigo. Ela parecia estar num estado bastante desesperado. Após um breve período de casamento, ela deixou o marido por razões lógicas. Ele estava sob os cuidados de um psiquiatra, e ela estava a levar uma vida bem-sucedida e feliz numa outra cidade. Agora ela estava prestes a voltar para o marido, embora continuasse a dizer que não queria.

“Por que eu considero voltar para ele?” perguntou-me ela repetidamente. “Eu sei que será a mesma coisa novamente, mas ele continua a implorar-me para ir, e eu sinto que, se não o fizer, sempre me odiarei como covarde. Mas não vai funcionar. Eu sei que não vai.”

Discutimos interminavelmente o seu problema. Por fim, sabendo que eu não estava qualificado para a aconselhar, telefonei à Jeane a perguntar se ela poderia meditar na Marta. Revelei-lhe apenas o aniversário dela e o facto de ela estar a interrogar-se se deveria voltar para o marido que deixara. Embora cansada, Jeane concordou em fazê-lo, desde que Marta meditasse

simultaneamente. A minha amiga entrou no quarto e ajoelhou-se ao lado da cama. No espaço de meia hora, Jeane telefonou a dizer:

"Ruth, eu captei as vibrações da sua amiga. Ela estava a sofrer alguma dor na região intestinal há alguns minutos, o que acredito ser uma condição crônica provocada por tensão nervosa. A sua amiga voltará para o marido, não importa o que você ou eu dissermos, porque ela está a ser atraída como um magneto. Seria melhor para ela se ela pudesse terminar por aqui e forjar uma nova vida para si própria, mas ela é incapaz de fazê-lo neste momento. Esse ímã que a atrai é mais forte do que ela. Ela tem assuntos por acabar lá, e até que ela se satisfaça por ter feito tudo o que podia, nenhuma lógica poderá impedi-la de completar esse ciclo da sua vida."

Remeti a mensagem de Jeane a Marta e ela confirmou que havia sofrido dores na região intestinal enquanto se ajoelhara ao lado da cama. Isso não era incomum, acrescentou, por ter dores similares todas as manhãs. Ela também concordou que a atração que sentia era como um ímã. Logo depois, voltou para o marido e o que por fim narrou foi miseravelmente infeliz.

O outro caso que Jeane deu como exemplo do uso que faz da bola de cristal foi o da irmã do meu marido, Rhoda Montgomery, para quem eu havia solicitado uma leitura, embora ela estivesse a milhares de quilómetros de distância. Dei a Jeane o aniversário dela, mas ela parecia bloqueada nas tentativas que fez por encontrar Rhoda na sua bola de cristal. Por fim, ela admitiu a derrota, dizendo: "No lugar em que a devia encontrar, eu continuo a receber uma mulher casada há muitos anos - o casamento dela estava um caos - e, no entanto, sei que a sua cunhada é uma moça solteira."

Então disse-lhe que Rhoda tinha sido casada muitos anos antes por um breve período, mas que havia retomado o seu nome de solteira após o divórcio. Depois disso, surgiram informações sobre o passado e o futuro de Rhoda, incluindo o facto de ela ter sido submetida a uma grande operação.

O facto de Jeane aparentemente ter de assumir esses sofrimentos físicos de outras pessoas para captar as suas vibrações é uma das razões pelas quais ela precisa recusar os pedidos de milhares de pessoas que escrevem suplicar por marcações. Também explica por que Jimmy Dixon, um empresário de grande sucesso, insiste em que a sua esposa trabalhe no seu escritório. Dessa forma, ele pode ficar de olho nas atividades dela e fornecer uma desculpa legítima quando amigos e estranhos rogam por leituras. Caso contrário, Jeane acha quase impossível dizer não.

Ao dar leituras Jeane às vezes estende um baralho de cartas rasgado, que ela pede ao sujeito para baralhar e cortar. A seguir ela pega nelas com as duas mãos, mas não olha para as cartas. O baralho, na verdade, nem é completo, pelo que lhe perguntei o significado que isso teria.

O rosto dela mostrou descontração num sorriso suave. “A velha cigana amável deu-me estas cartas quando eu tinha oito anos e, por ela as ter abençoado, eles carregam vibrações boas. Não sei nada sobre revelar a sorte pelas cartas. Eu simplesmente levo a pessoa segurar nelas para que eu possa captar-lhe as vibrações. Às vezes, isso ajuda-me a captar os canais dela.” Passado um instante, ela acrescentou: “Eu mantenho aquele velho baralho desgastado cuidadosamente embrulhado num lenço, por eu simplesmente amar aquela cigana!”

A pergunta seguinte que lhe dirigi dizia respeito ao conhecimento que ela tinha da astrologia. Por ela perguntava o dia do nascimento de uma pessoa, mas não o ano? Com um sorriso extravagante, ela confessou: “Eu não faço astrologia. Eu poderia, se quisesse, por um padre jesuíta me ter sido ensinado na adolescência, mas leva muito tempo. As pessoas às vezes revelam a hora e o ano de nascimento, mas eu não peço. Eu apenas quero o mês e o dia, por facilitar localizá-los na minha bola de cristal.

Veja, a bola representa o mundo ou o ano, dependendo do que eu estiver à procura.”

“Requer muita força e tempo da minha parte se eu precisar procurar por toda a bola de cristal o canal da pessoa, mas se eu souber que ele nasceu em Janeiro ou Fevereiro, olho para a frente da bola. Se tiver sido em Junho ou Julho, eu a encontrarei no meio; se for em Novembro ou Dezembro, na parte de trás da bola. É tão simples quanto isso.”

Talvez seja simples para a Jeane Dixon!

Como é que ela faz isso? A própria Jeane não vê nada de misterioso ou estranho no talento que tem. Com toda a naturalidade, como se ela estivesse a discutir a capacidade de um soprano atingir um Dó agudo, ela diz: “Existem muitas variedades de dons, mas um mesmo Espírito. Existem diversas formas de serviço, mas o mesmo Senhor sobre todos. Muitas formas de trabalho, mas o mesmo Poder Todo-Poderoso acima de nós, não importa qual seja a língua ou religião que tenhamos.

Em cada um de nós, o Espírito manifesta-se de uma maneira particular, para um propósito que Ele projetou para nós. Uma pessoa possui o dom da eloquência. Outra, pelo mesmo Espírito, pode escrever sobre o conhecimento mais profundo. Outra possui fé, outra o dom de curar, outra o é da profecia. Todos esses dons são obra de um e do mesmo Espírito. Eles são predeterminado por Deus no momento da nossa conceção e do nosso desenvolvimento para o bem dos outros.”

Jeane quase não come carne. A sua dieta é composta principalmente de vegetais, frutas e sumos. Ela nunca bebe nem fuma, e antes de ir à missa todas as

manhãs, põe-se à janela do quarto, de frente para o leste, enquanto repete o Vigésimo Terceiro Salmo.

Tais modos abstêmios são comuns aos de muitos dos grandes videntes e médiuns das eras, mas isso não sugere que alguém possa desenvolver o dom de Jeane imitando os seus hábitos. Como ela mesma enfatiza, cada um de nós tem talentos especiais que são nossos para utilizar o máximo que pudermos.

Poucos poderiam esperar, por exemplo, duplicar o feito que ela realizou no final de 1956. Durante a entrevista que deu a um jornal, um repórter pediu uma previsão sobre Jawaharlal Nehru, que era primeiro-ministro da Índia desde 1947. Jeane consultou a sua bola de cristal e respondeu que seria sucedido em aproximadamente sete anos por um homem cujo nome começaria com a letra *s*. Em 27 de Maio de 1964, a morte reivindicou o grande líder indiano, e o Parlamento escolheu como seu sucessor Lai Bahadur Shastri. O nome de Shastri, como previsto um pouco mais de sete anos antes, realmente começava com um *s*.

CAPÍTULO 4

Nos anos imediatamente anteriores à nossa entrada na Segunda Guerra Mundial, James L. Dixon e o seu parceiro, Hal Roach, possuíam a maior distribuição da Chevrolet do mundo. Roach, que era um renomado produtor de Hollywood, e a imagem das estrelas infantis nas suas populares comédias "Our Gang" aparecia no verso dos cartões de visita da empresa. Através das ligações que tinha com o ramo automobilístico, Jimmy tinha desenvolvido amizades entusiastas com grandes nomes da indústria, como Alfred P. Sloan Jr. e William Knudsen.

Outro dos seus amigos era Arthur Brisbane e, sempre que o famoso colunista do Hearst chegava à Califórnia, ligava para Jimmy, que se encontrava com ele no café da manhã no Biltmore Hotel. Depois que Brisbane terminava a sua coluna diária, ele e Dixon passeavam juntos pelo campo ou ligavam para o editor. William Randolph Hearst na sua fabulosa propriedade, de San Simeon.

Jeane Pinckert entretanto estava a morar num mundo completamente diferente. Além do estranho talento místico que tinha, ela combinava uma adorável voz mezzo-soprano com a capacidade de atuação. Aos 21 anos, ela desempenhou o papel coadjuvante de Maria Madalena em A vida de Cristo no Hollywood Bowl. Na noite de abertura, o camarim dela situado nos bastidores foi inundado com telegramas e flores de felicitações, mas ela procurou em vão por uma palavra de Jimmy Dixon. Ela não o via há vários anos, mas de alguma forma pensava que a sua bem divulgada estreia no palco chegaria a sua atenção e que ele haveria de se recordar dela.

O papel seguinte de Jeane no Hollywood Bowl foi como dama de companhia numa produção do Sonho de Uma Noite de Verão de Shakespeare. O

diretor era Max Reinhardt, amigo do seu pai. Jeane nunca esquecerá o traje que usou no dia em que as fotografias publicitárias foram tiradas. O vestido dela era de gaze feita de uma fina fazenda amarela, com cinto apertado na cintura, acima de uma saia plissada dourada, com a qual ela usava luvas pretas, sapatos de salto alto pretos e um alfinete dourado da mãe.

Como ela estava atrasada, não teve tempo para trocar de roupa nem tirar a maquilhagem antes de se juntar às amigas na sua box na pista em Hollywood. A primeira corrida já estava em andamento e, quando o cavalo delas não rendeu qualquer dinheiro, as amigas pediram a Jeane para fazer as apostas delas numa segunda corrida "para lhes dar sorte." Ela nunca se tinha dirigido a um balcão de apostas antes, mas memorizou as escolhas delas e repetia-as mentalmente para si própria enquanto abria caminho por entre a multidão. De repente, ela esbarrou de caras com Jimmy Dixon, que ficou pasmado com a visão de amarelo com que se deparou e exclamou: "Caramba, como a garota cresceu!"

Concentrada na sua tarefa, ela mal acenou com a cabeça para o homem que uma vez a levava a cruzar as ruas. Dessa vez, foi o coração de Jimmy que palpitou e ele mormurou ao companheiro, Bert Northrup, atordoado: "Esta é a futura senhora Dixon. Northrup só conseguiu gaguejar de surpresa.

Na mesma noite, ele telefonou-lhe em casa e, depois de mencionar que agora estava divorciado, perguntou se ela acederia a jantar com ele e a sua mãe na noite seguinte. Jeane conhecia e amava a mãe de Jimmy desde a infância e hesitou apenas um instante antes de aceitar o convite. Antes do jantar estar meio terminado, Jimmy já tinha marcado encontros com Jeane todas as noites naquela semana e na seguinte.

Era um turbilhão de namoro, cuidadosamente acompanhado pela Sra. Dixon. Dentro de cinco semanas eles estavam casados, mas não antes de Jeane devolver por duas vezes o anel de noivado de diamante de cinco quilates de Jimmy e o aceitar de novo por insistência da mãe dele. Não era fácil para uma Católica devota como Jeane casar-se com um homem divorciado, mesmo um a quem ela adorava por quase tanto tempo quanto se conseguia lembrar. "A mãe amava Jeane como uma filha - não, muito mais que uma filha," recorda Jimmy. "Quando finalmente nos casamos, a mãe disse que esperara muito tempo por uma ocasião tão jubilosa. Ela sabia que Jeane era a pessoa certa para mim."

O casamento ocorreu em San Diego. A amiga de infância de Jeane, Mildred Kadlec, que mais tarde se tornaria sua cunhada ao se casar com Erny Pinckert, cuidou dos detalhes, incluindo a compra do anel de casamento. O casamento foi sancionado por uma dispensa eclesiástica da Igreja Católica, e a cerimónia foi realizada por um padre.

A adaptação ao casamento com Jimmy não foi fácil. Não mais ela teve tempo para as aulas diárias de voz, a representação de palco, as partidas de polo e

as cavalgadas. Jimmy, jogador de golfe e empresário, era um severo capataz que esperava que ela estivesse à sua disposição. A mãe dele ainda era a matriarca da casa para que Jeane se mudou, e continuou a sentar-se à cabeceira da mesa, com Jimmy na sua frente.

Jeane, ocupava o seu próprio lugar a um lado, gostava francamente da ideia de uma sogra que pudesse ocupar o lugar de Mãe Koosey na sua vida. Ela própria não estava adestrada para administrar a casa, e as duas mulheres devotaram-se de tal modo que, quando a Sra. Dixon morreu, ela deixou a sua propriedade a Jeane, em vez de a deixar aos próprios filhos.

A guerra na Europa já tinha começado quando Jeane ficou comprometida, e os Estados Unidos atravessavam a febre do preparo. Jimmy, especialista em suprimentos automóveis, foi a Detroit para trabalhar em projetos de defesa e, enquanto ele e Jeane moraram na Pousada Dearborn, ela conheceu um homem cego idoso, um outro inquilino, a quem ela começou a levar sumo de cenoura e óleo de fígado de bacalhau "para os olhos,"

Apesar de trabalhar como voluntária na Bundles para a Grã-Bretanha, ela também encontrava tempo todas as manhãs para ler os jornais ao velho cavalheiro, amigo de Henry Ford. A Pousada Dearborn ficava do outro lado da rua em frente a Greenfield Village, uma das primeiras cidades Americanas em miniatura que o pioneiro da indústria automóvel (Ford) havia reconstruído e Jeane passeava com frequência pelas ruas com o Sr. Ford.

Numa dessas excursões, quando o Sr. Ford se mostrava visivelmente preocupado com alguns conflitos familiares, Jeane disse que ele iria sobreviver ao seu filho único, Edsel. Naturalmente, ele não acreditou nela, mas isso foi verdade. Ford riu do absurdo disso quando disse que a bola de cristal dela lhes havia mostrado que a produção da linha de montagem de carros de passageiros de Ford iria sofrer uma paragem de vários anos, mas no espaço de um ano os utensílios de guerra ocuparam todas as fábricas de montagem de motores e a produção de veículos particulares cessou.

A guerra estava a aproximar-se das nossas costas, e Jimmy viajava frequentemente entre Detroit, Chicago e Nova Iorque. Uma manhã, enquanto Jeane meditava com a sua bola de cristal, ela "viu" um avião sofrer um acidente e entrar em chamas. Quando Jimmy chegou a casa nessa tarde para fazer as malas para um voo para Chicago, Jeane contou-lhe a visão que teve e avisou que ele deveria ir de comboio. Jimmy hesitou e, pela primeira vez na sua vida, ela bateu o pé de frustrada. Recordando o incidente passado, o Sr. Dixon diz com pesar: "Como a maioria dos maridos, eu sigo os conselhos de minha esposa, embora não goste de que ela pense assim. Às vezes eu saio de casa, ainda insistindo no meu próprio termo, mas quando um homem e uma esposa se amam, ele presta atenção. Naquele dia eu não voei." O avião no qual ele tinha marcado passagem caiu perto de Chicago, matando todos os passageiros que iam a bordo.

O dia 7 de Dezembro de 1941, trouxe uma dupla tragédia a Jeane e Jimmy Dixon. Mal conhecimento tomaram do ataque furtivo a Pearl Harbor quando o telefone informou que a amada mãe de Jimmy havia morrido de ataque cardíaco ao ouvir a notícia. Poucas semanas depois do seu retorno da Califórnia, Jimmy, que tinha servido no exterior com a 13th Esquadrão Aéreo na I Guerra Mundial e agora tinha passado a idade militar, alistou-se como um assalariado simbólico. Rapidamente designado pelo Departamento de Guerra para administrar aquisições de imóveis para depósitos e armazéns, ele voou para Washington e Jeane acompanhou-o.

Quando Jeane chegou à capital do país, ela já estava em tumulto. Formavam-se longas filas longas para o serviço de restaurante, e o custo da habitação era tão alto que os quartos de hotel só podiam ser mantidos por apenas três noites seguidas. Os Dixons, que haviam deixado para trás a sua casa e piscina paisagística em Los Angeles, deslocavam-se agora de hotel em hotel. Finalmente eles estabeleceram-se num apartamento, e Jeane mergulhou no trabalho de guerra. Tão aguçada tinha a sua sensibilidade que ela teve que recusar um convite Gray Lady de voluntariado na Cruz Vermelha Americana, por invariavelmente assumir o sofrimento dos pacientes de hospital e ficar fisicamente enferma, mas ofereceu os seus serviços ao Comité de Hospitalidade Doméstica, que havia sido organizado pelas mulheres da sociedade local a fim de proporcionar recreação aos militares e convalescentes dos hospitais militares e da marinha.

A senhora Martin Vogel, presidente do comité, dava festas frequentes na sua espaçosa mansão para os soldados e marinheiros desalojados. A maioria das embaixadas também abriu as suas portas ao entretenimento dos homens de uniforme, e as esposas de senadores, congressistas, oficiais de gabinete, embaixadores e funcionários do governo rodaram como assistente de rececionistas. Jeane foi uma sensação desde o início. Fazendo o que ela sabia fazer melhor, ela começou a dar “leituras” para os militares, que aguardavam ansiosamente para saber o que o futuro lhes reservava. Ao recordar aqueles dias de ansiedade, a Sra. Vogel diz de Jeane:

“Ela sempre foi um enorme trunfo nas festas. Os militares ansiavam estar com ela, e ela inspirou em especial os amputados, muitos dos quais haviam perdido a esperança de um futuro normal. Jeane também passou muito tempo em hospitais do exército e da marinha, e ia de ala em ala a animar os convalescentes. As nossas festas de Hospitalidade Domestica incluíam muitas celebridades. Lembro-me de homenagear o general e a Sra. Jimmy Doolittle, Myrna Loy, Robert Montgomery e a organista Virgil Fox numa reunião, mas sempre que eu perguntava aos militares as celebridades que eles mais queriam conhecer, eles quase sempre diziam: 'Jeane Dixon.’ Eles sentiram que Jeane estava a ajudá-los a conhecer-se.

A bonita e loira Patricia Parker, uma anfitriã júnior nas festas, recorda que, quando os soldados às vezes se queixavam de serem enviados para lutar em solo estrangeiro, Jeane os encorajava dizendo que essa era a oportunidade dada por Deus de mostrar à América o que eles podiam fazer por ela. Invariavelmente, eles sentavam-se um pouco mais retos quando ela dizia isso e jogavam os ombros para trás.

O slogan recorrente de Jeane naqueles dias, de acordo com Patricia e outras pessoas que trabalharam com ela, era: "Não é o que o vosso país pode fazer por vós; é o que vocês podem fazer pelo vosso país." O slogan dela foi publicado no Jornal do Exército de 1946 e, de forma ligeiramente revista, tornou-se o emocionante grito de guerra do discurso de posse de John F. Kennedy em 1961. "Não perguntem o que o país pode fazer por vós," afirmou JFK, "mas o que vocês pode fazer pelo vosso país."

Jeane tentou ajudar especialmente os amputados e os feridos a perceber que a vida valia a pena ser vivida. De uma veterana paraplégica, Patricia Parker diz: "Ele disse-me que preferia ver Jeane Dixon do que todas as famosas estrelas de cinema reunidas, por ela dar tanto de si. Jeane ajudou literalmente aqueles homens a voltar à vida, ao os incentivar e ajudar a encontrar o seu canto na vida. Tocando-os com as pontas dos dedos, ela conseguia descobrir talentos latentes que eles poderiam desenvolver e utilizar. Vinte anos depois, ela ainda recebia cartas de muitos deles, a agradecer-lhe por lhes incutir coragem quando eles mais precisavam.

Às vezes, nas festas da Hospitalidade Doméstica, Jeane fazia leituras para legisladores, diplomatas e outros dignitários, que, em demonstrações de gratidão, doavam dinheiro ao comité, pois Jeane nunca aceitava nada para si própria. Antes de Patricia se casar com Grayson Headley em 1946, Jeane fez uma leitura para o noivo e previu que ele contrairia uma doença que seria extremamente difícil de diagnosticar. Ela preveniu os dois que, quando esse momento chegasse, ele deveria tratar de conseguir de imediato a melhor assistência médica possível, ou revelar-se-ia tarde demais.

Dezoito anos depois, a Sra. Headley recorda a profecia de Jeane como se fosse ontem, dizendo: "Cerca de cinco anos antes da morte do meu marido, ele foi informado de que tinha linfossarcoma, um cancro mortal das glândulas que tira a vida mais rapidamente do que a leucemia. Os médicos não lhe deram mais de um ano de vida, mas estavam enganados.

Quatro anos depois, ele começou a queixar-se de dor de garganta e consultou diversos médicos cada um dos quais lhe receitou antibióticos e a garantia de que não tinha nada de seriamente grave. Quando por fim ele fez uma biopsia, era tarde demais. Ele tinha contraído cancro da laringe e, apesar de uma operação, faleceu seis meses depois. Uma autópsia revelou que ele nunca tinha

contraído linfossarcoma, que tinha sido um diagnóstico errado. Jeane tinha razão."

A fama de vidente de Jeane estava a espalhar-se por Washington, e outras estavam clamar os serviços dela. Certa noite, enquanto lia para convidados numa festa de caridade no Clube de Sulgrave, Jeane tocou com as pontas dos dedos no vice-presidente Harry S. Truman e profetizou: "Você irá tornar-se presidente por um ato de Deus."

Um outro convidado dessa noite foi Eric Johnston, ex-presidente da Câmara Nacional de Comércio, que já havia sido apontado como possível candidato presidencial Republicano. Johnston perguntou a Jeane se ele seria alvo de uma nomeação do presidente Roosevelt e, depois de consultar a sua bola de cristal, ela respondeu que, embora ele não recebesse a nomeação governamental que procurava, aceitaria outro cargo importante relacionado com a indústria cinematográfica. O Sr. Johnston riu alto, mas alguns meses após a morte de FDR., ele recebeu a presidência da Motion Picture Association of America, cargo que ocupou por dezoito anos até à sua morte em 1963.

CAPÍTULO 5

Franklin Delano Roosevelt não foi o primeiro presidente da época da guerra a convocar uma médium à Casa Branca numa época de perigo para a nação. Oitenta e dois anos antes da pequena Jeane Dixon levar a sua bola de cristal ao gabinete presidencial, a convite, Abraham Lincoln satisfez a insistência da esposa e convocou uma médium educada chamada Nettie Colburn (posteriormente Maynard).

À semelhança da Sra. Dixon, a senhorita Colburn era uma amadora que descobriu os seus dons psíquicos por acaso e que não aceitava dinheiro pelo talento que sentia que Deus lhe dera. No entanto, Jeane não é médium nenhuma de transe e, por conseguinte, tem consciência de tudo o que ocorre ao seu redor quando ela aparentemente prevê eventos futuros por meio de visões, da bola de cristal ou das vibrações.

O papel de Miss Colburn enquanto consultora não oficial da família presidencial começou em dezembro de 1862, quando Mary Todd Lincoln assistiu a uma sessão espírita na casa de Cranston Laurie, em Georgetown, um perito em estatística do Departamento de Correios. Igualmente presentes nessa noite estavam o Exmo. D. E. Somes, ex-congressista do Maine; Thomas Gales Foster, funcionário do Departamento de Guerra; o Rev. John Pierpont; um funcionário do Departamento do Tesouro; a Sr. Elvira M. Depuy, de Washington; os Lauries e a sua filha, e a Sra. Belle Miller.

A Sra. Lincoln ficou tão impressionada com o que ouviu e viu que convidou a senhorita Colburn para realizar uma sessão espírita para o presidente,

e o primeiro encontro que teve com Abraham Lincoln ocorreu alguns dias depois na Sala Vermelha da Casa Branca. Um relato dessa e de sessões subsequentes pode ser visto em vários livros que se encontram em arquivo na Biblioteca do Congresso, que se acham disponíveis para consulta pública. Embora eu naturalmente não possa atestar os factos sobre as sessões de Lincoln, que supostamente ocorreram enquanto o Presidente Lincoln estava fortemente sobrecarregado pelas decisões da Guerra Civil, o material que se segue é citado no testemunho de várias testemunhas registadas nesses livros.

"Lincoln entrou na Sala Vermelha depois que os outros se reuniram e, ao ser apresentado, disse gentilmente: "Então esta é a nossa pequena Nettie, acerca da qual tanto ouvimos falar?"

A senhorita Colburn a seguir entrou em transe, e supostamente uma outra voz falou por mais de uma hora através dela, traçando a história da nação e terminando com um apelo apaixonado pela emissão da Proclamação da Emancipação. Uma testemunha registou:

"O Presidente foi incumbido, com a máxima solenidade e veemência, a não enfraquecer os termos do seu problema e a não adiar a sua aplicação como lei para além do começo do ano; e foi-lhe assegurado que esse viria a ser o principal evento da sua administração e da sua vida; e que, conquanto ele esteja a ser aconselhado por fortes partidos a adiar a sua execução, na esperança de a substituir por outras medidas e de adiar a ação, ele não deve de modo algum atender a esse conselho, mas permanecer firme nas suas convicções e executar e trabalhar sem medo para cumprir a missão para a qual ele havia sido elevado por uma Providência dominante."

Os presentes falaram da "tom de majestade com que o discurso foi enunciado, da força da linguagem empregue e da importância; e pareceram perceber que alguma força espiritual masculina forte estava a enunciar o discurso quase como uma ordem divina." Enquanto se encontrava na frente do presidente, a senhorita Colburn recuperou a consciência e recuou confusa, sem lembrar onde estava. O presidente, de braços cruzados, estava a olhar atentamente para ela. Um cavalheiro presente perguntou em tom baixo: "Sr. Presidente, você notou algo peculiar no modo de fala?"

Lincoln ergueu o corpo como se sacudisse um feitiço, olhou de maneira significativa para um retrato de Daniel Webster que se encontrava pendurado por cima do piano e respondeu:

"Notei, e é bastante singular; muito mesmo."

Somes perguntou se alguma pressão tinha de facto sido exercida sobre o presidente no sentido de adiar a aplicação da Proclamação de Emancipação, e Lincoln respondeu:

"Nestas circunstâncias, essa pergunta é perfeitamente adequada, já que somos todos amigos. Está a custar-me todos os meus nervos e forças, suportar essa pressão."

Enquanto os homens continuavam a conversar, Lincoln colocou a mão sobre Nettie e disse:

"Minha filha, você possui um dom muito singular; por ser de Deus, não tenho dúvida. Agradeço aqui ter vindo esta noite. É mais importante do que talvez qualquer pessoa presente poderá entender."

No dia 1º de Janeiro de 1863, o Presidente Lincoln emitiu a Proclamação de Emancipação.

No início de Fevereiro daquele ano, a Sra. Lincoln enviou uma mensagem a anunciar que gostaria de trazer alguns amigos a casa dos Lauries para uma outra sessão. O presidente não esperava alinhar, mas à última da hora foi. Entre outros presentes estavam o coronel Simon P. Kase, de Filadélfia, o ex-congressista Somes e um major que acompanhava o presidente. No início do transe, enquanto a Sra. Belle Miller tocava piano, uma "força espiritual" supostamente o ergueu do chão. Lincoln, Somes, Kase e o major sentaram-se simultaneamente sobre o piano para tentar contê-lo, mas ele continuou a "subir e a descer a acompanhar a música." Quando um dos homens comentou que ninguém acreditaria neles com respeito ao piano, Lincoln observou com perspicácia:

"Você deve trazer essa pessoa dessas aqui e, quando o piano parecer que se ergue, fazer com que ele deslize o pé por baixo da perna e se deixe convencer pelo peso da evidência que pesar sobre sua compreensão."

Um dos "espíritos controladores" de Nettie Colburn, chamado Dr. Bamford, assumiu o controlo e disse a Lincoln que havia uma situação muito precária na frente em que o general Hooker acabara de assumir o comando. A voz dizia que o exército estava completamente desmoralizado, que os regimentos estavam empilhar as armas, e a recusar-se a obedecer às ordens e estava a ameaçar uma retirada geral para Washington. Todos os presentes pareciam surpreendidos com a conversa, exceto o presidente, que disse à forma inconsciente da senhorita Colburn: "Você parece entender a situação. Pode indicar o remédio?" O chamado Dr. Bamford respondeu: "Sim, se você tiver coragem de o usar." "Ponha-me à prova," respondeu Lincoln sorrir.

A voz disse-lhe para se deslocar pessoalmente à frente, levar a esposa e os filhos com ele e deixar para trás todos os dignitários e toda a pompa. Foi-lhe dito para resistir aos apelos dos altos funcionários que desejariam acompanhá-lo e que levasse o menor número possível de ajudantes. "Evite os oficiais de alto escalão e

procure as tendas dos soldados particulares," instruiu a voz em transe de Nettie. "Informe-se das queixas deles e mostre que é o que você é - o pai do seu povo."

Lincoln respondeu calmamente: "Se isso servir de alguma coisa, será facilmente feito." O "espírito controlador" garantiu-lhe que uniria os soldados como um só homem e que, para conter a insubordinação no Exército do Potomac, ele deveria espalhar a notícia da sua viagem iminente à frente sem demora.

Depois que a senhorita Colburn emergiu do transe, Laurie perguntou se o moral do exército poderia estar tão ruim quanto o "controlo" informara e Lincoln respondeu de forma sonele: "Dificilmente poderá ser exagerado." Apontando para o major que o acompanhava, Lincoln disse: "Ele acabou de trazer despachos da frente, que descrevem um estado de coisas idêntico ao que o nosso amigo mostrou; e nós estávamos justamente a ter uma reunião de gabinete em que considerávamos a questão quando alguma coisa, não sei o quê, me induziu a sair da sala e a descer. Quando encontrei a Sra. Lincoln no ato de vir aqui, senti que me poderia ser útil vir; Eu não sabia porquê."

Ele acrescentou que a senhorita Colburn "certamente não poderia ter conhecimento dos factos que me foram comunicados, nem do que estava a acontecer na reunião de gabinete que estava a ter antes de me juntar a este círculo, nem dos assuntos concernentes à frente, nem dos eventos que são exclusivamente do meu conhecimento, e de que não dei parte a ninguém e que tampouco foram tornados públicos."

A Gazeta do dia seguinte exibia as manchetes: "O Presidente está prestes a visitar o Exército do Potomac." O artigo mencionava que uma canhoneira estava a ser preparada para o Presidente, que levaria a sua família para a Fortaleza Monroe. Ele foi para a frente e foi literalmente carregado aos ombros por soldados entusiastas. Todos se reuniram atrás dele, e esqueceram as queixas. A Sra. Lincoln confidenciou às amigas que, quando o marido foi sitiado por congressistas e membros do gabinete que desejavam acompanhar o Presidente e a sua família, ela recordou que, se ele quisesse seguir o conselho dos espíritos, deveria encetar tudo o que lhe havia sido recomendado. Portanto, nenhum funcionário de alto escalão foi autorizado a acompanhá-lo.

Os historiadores registam que Miss Colburn foi convocada várias vezes à Casa Branca. Numa dessas visitas, a Sra. Lincoln exclamou: "Oh, senhorita Nettie, que notícias terríveis. Eles estão a sofrer um massacre medonho na frente; os nossos generais estão todos a ser mortos e o nosso exército está em debandada total." As notícias da batalha não haviam sido divulgadas, mas a senhorita Colburn entrou obsequiosamente em transe, pelo que que um controlador chamado" Sabedoria" pode relatar a situação. "Sabedoria" garantiu à Sra. Lincoln que os seus medos eram infundados. Conquanto uma grande batalha estivesse de facto em andamento, disse a voz, as forças da União estavam a aguentar-se e nenhum general fora ferido ou morto.

Nesse momento, aparentemente desolado, o Presidente entrou nos aposentos da família. Ouvindo o que acabara de acontecer, ele pediu uma repetição e "ouviu atentamente todas as palavras durante vinte minutos," enquanto "Sabedoria" dizia exatamente como a bateria estava a sair-se e quais viriam a ser as notícias ao cair da noite; que a batalha não foi desastrosa e, embora não decisiva, seria um ganho para a causa da União. Lincoln ficou visivelmente animado, e as notícias do dia seguinte confirmaram a previsão.

Durante algumas das referidas sessões com os Lincolns, nenhum observador esteve presente e, portanto, nada se sabe sobre o que aconteceu. Contudo, uma noite o ex-congressista Somes mandou dizer à Srta. Colburn que o presidente havia pedido que a levasse imediatamente à Casa Branca. Lincoln e dois oficiais militares estavam à espera quando chegaram. Ela ficou em transe por uma hora. Quando despertou, ainda segurava um lápis e encontrava-se ao lado do presidente numa mesa comprida que continha um mapa dos Estados do sul.

"É surpreendente," comentava Lincoln: "como todas as linhas que ela desenhou estão em conformidade com o plano acordado." Então, percebendo que agora ela estava desperta, Lincoln, a sorrir de agradado, disse à Sra. Lincoln e a Somes: "A senhorita Nettie não parece precisar dos olhos para fazer o que quer que seja."

No regresso da Casa Branca naquela noite, Somes disse à srta. Colburn que o presidente lhe havia pedido e à Sra. Lincoln que permanecessem no outro extremo da sala, para que não pudessem ver o mapa secreto da guerra. No entanto Somes pôde observar que Nettie estava a traçar linhas no mapa e que um dos oficiais ocasionalmente lhe afiava o lápis.

Da última vez que Nettie viu o presidente, ele quis saber o que os seus "amigos" agora andavam a dizer. Ele acabara de ser reeleito e ela disse-lhe: "O que eles lhes previram aconteceu e você será consagrado por uma segunda vez. Mas eles também reafirmam que a sombra de que eles falaram ainda paira sobre si.

Lincoln respondeu com impaciência que estava ciente disso e que havia recebido cartas de médiuns em todo o país a avisá-lo de uma conspiração terrível contra a sua vida. "Mas não acho que a faca ou a bala, que me venha a alcançar já tenham sido construídas," disse ele em tom de escárnio. "Além disso, ninguém me quer prejudicar."

Um sentimento de tristeza que não conseguiu esconder nem explicar levou a senhorita Colburn a retrucar que nisso residia o perigo - no excesso de confiança que ele tinha nos semelhantes. Com um suspiro, ele respondeu: "Bem, Srta. Nettie, vou viver até o meu trabalho terminar, e nenhum poder terreno pode

impedir isso. E depois não terá importância, pelo que eu estarei pronto; e isso é o que sempre pretendi." Seis semanas após a sua posse, ele foi assassinado pelo actor John Wilkes Booth.

No outono de 1944, artigos sobre os prognósticos de Jeane Dixon haviam chegado aos jornais de Washington, e vários conhecidos perguntaram-lhe na festa dos veteranos se ela já havia tomado chá na Casa Branca. Quando ela disse que não, misteriosamente sugeriram: "O presidente está interessado em conhecê-la."

O que se segue é o relato que ela faz do que aconteceu. Numa manhã de Novembro, logo após a reeleição de Roosevelt para o quarto mandato, Jeane Dixon atendeu o telefone no seu apartamento. Após se certificar de que estava a falar pessoalmente com a Sra. Dixon, a voz de uma mulher, disse: "Estou a ligar a pedido do Presidente. Ouvimos falar muito de você e o Presidente gostaria de conversar consigo. Você está livre na próxima quinta-feira pelas 11 horas da manhã?" No início do dia marcado, um homem ligou para confirmar o encontro matinal de Jeane com o Presidente.

Ela vestiu cuidadosamente um fato preto que lhe fora desenhado por Adrian; era adornado com botões na forma de bolas de cristal. Junto, usava um chapéu Pillbox a combinar com luvas brancas. O clima estava quente para Novembro, mas por a bola de cristal lhe inchar a bolsa, ela colocou um pedaço de pele de raposa prateado sobre o braço para a esconder. O porteiro chamou um táxi para ela e, em obediência às instruções da Casa Branca, ela apareceu ao portão noroeste da Mansão Executiva, na Avenida Pennsylvania. Ela deu o nome a um guarda, que fora alertado para a aguardar e lhe conceder admissão. Ela caminhou pela entrada sinuosa até à Ala Ocidental do Executivo e entrou na espaçosa sala, onde uma vasta mesa redonda lhe chamou a atenção.

William D. Simmons, alto e de cabelos grisalhos, avançou para a cumprimentar, e depois de ela se apresentar, ele acompanhou-a ao longo da sala, onde passaram por um guarda que a cumprimentou com um: "Viva, Jeane" após o que entraram por uma porta atrás da secretária do Sr. Simmons. Eles percorreram um pequeno corredor, atravessaram uma antecâmara e entraram num escritório oval. Erguendo os olhos da secretária, o Presidente Roosevelt endireitou o tronco pelos braços enormes, exibiu um sorriso caloroso e disse: "Bom dia, Jeane. Obrigado por ter vindo.

Rodando a sua cadeira (de rodas) até o final da secretária, ele apertou-lhe a mão e, ao fazê-lo, Jeane quase sentiu o peso do mundo sobre os ombros largos dela. Ela apanhou numa cadeira do canto da secretária dele e eles conversaram um pouco sobre o tempo. Sentindo estar a ser invadida por uma onda de solidão que se aproximava, Jeane, finalmente disse: "Sr. Presidente, por vezes é sensato procurar orientação, quando alguém tem uma pergunta em mente."

Roosevelt suspirou ao responder: “O tempo de uma pessoa é curto, mesmo no máximo. Quanto tempo tenho para terminar o trabalho que tenho a fazer?”

“Posso tocar a sua ponta dos dedos?” Ela perguntou. Ele empunhou a sua mão grande para diante e, quando ela captou as vibrações dele, procurou desesperadamente desviar a conversa e evitar uma resposta. Quando ele insistiu numa resposta direta, ela disse com relutância: “Seis meses ou menos ainda.”

A sala ficou em silêncio durante um longo momento. Então, o Presidente limpou a garganta e disse: “Ouvi falar de algumas das coisas que você tem discutido. Eu estive a pensar nas decisões que tomei acerca da Rússia. Em discussões que tem tido, o que foi que você descobriu?”

Jeane reparou mentalmente no cuidado com que ele se absteve de usar as palavras “leituras” ou “psíquico.” Mas para o deixar à vontade, ela respondeu: “Sr. Presidente, não preciso procurar na minha bola de cristal nem tocar-lhe os dedos para responder a isso. Desde os catorze anos, tenho visto em visões que a América, a França, a Inglaterra e a Alemanha deverão ser aliadas antes de termos uma paz real no mundo. A Alemanha deveria estar do nosso lado, a ajudar a conquistar a Rússia, e não o contrário.” A guerra estava a ser travada em duas frentes, e a América, a Grã-Bretanha e a França eram tenazmente aliadas da Rússia contra a Alemanha e os seus parceiros do Eixo.

“Continuaremos aliados da Rússia?”, perguntou o presidente. Abanando a cabeça na negativa, Jeane disse: “As visões mostram o contrário, mas havemos de nos tornar aliados novamente mais tarde, contra a China Vermelha.” O presidente reagiu com um sobressalto. “China vermelha? A China não é vermelha! Não teremos problemas com a China. Mas sinto que devemos nos aliar à Rússia para manter a nossa posição mundial e sobreviver.”

Olhando atentamente para as fotos que agora se formam na sua bola de cristal, Jeane disse: “Vejo que a China se tornará comunista e se tornará no nosso maior problema; a África será a nossa próxima maior preocupação no campo dos negócios estrangeiros.”

O Presidente discordou, dizendo: “Não prevejo nenhum problema sério com a África, mas sim com a Rússia. É muito importante que prossigamos a aliança que temos com a Rússia.”

Eles conversaram um pouco mais, após o que, voltando à sua questão original, Roosevelt perguntou lentamente: “Quanto mais dirá você, em anos, que eu tenho que concluir o meu trabalho?” “Não anos,” corrigiu Jeane suavemente. Você não pode medir isso em anos, senhor presidente, mas em meses. Menos de seis meses.”

“Assim tanto, ah?”, murmurou ele, como se para consigo próprio, e voltou-se para contemplar o espaço.

Recordando essa pausa desconfortável, Jeane diz: “Pude ver exatamente o que lhe estava a passar pela mente. Ele estava a pensar, ‘Primeiro as coisas mais importantes,' e estava a ver arquivos e arquivos, pilhas e pilhas de papéis. Eu pude sentir que ele havia tido uma premonição da sua própria morte. Ele estava apenas em busca de confirmação do facto.

Para lhe interromper os pensamentos solitários, Jeane apreciou a figura de uma águia Americana que ele tinha na secretária. Então eles apertaram as mãos e ao se separar ele disse: “Foi bom da sua parte vir.”

Em meados de Janeiro de 1945, Jeane recebeu uma segunda chamada da Casa Branca. A voz de uma mulher perguntou: “Você gostaria de vir fazer uma visita ao presidente à Casa Branca?” Foi marcada uma reunião para daí a três dias, novamente às 11 horas da manhã, e Jeane chegou como anteriormente, de táxi. Dessa vez, ela notou um grupo de homens sentados nas cadeiras ao lado da parede da sala em frente à mesa redonda, mas eles mal a olharam enquanto o Sr. Simmons a acompanhava até o escritório presidencial.

“Você trouxe a bola?”, perguntou o Presidente Roosevelt. Lançou um olhar travesso para a sua cigarreira ao cumprimenta-la.

“Ele sentiu-se tão relaxado dessa vez quanto antes se sentira constrangido,” reflete Jeane. “Mas, como a sua aparência física mudara nesses dois meses! O rosto era dela estava magro e abatido, e ele parecia ter perdido quinze quilos da sua estatura. Mas desta vez encontramo-nos como velhos amigos e companheiros de conspiração. “Enquanto Jeanes tirava a bola de cristal debaixo do casaco de vison que Jimmy Dixon lhe dera de presente de casamento, ela e FDR trocaram sorrisos de reconhecimento.

“E agora, quanto de tempo dirá que eu disponho?”, perguntou ele, como um garotinho impaciente pelos seus presentes de aniversário. Em resposta ao seu humor jovial, Jeane segurou o polegar e o indicador, deixando duas polegadas entre eles, e disse: “Deste tanto.” O presidente, parecendo aceitar o facto de que o fim estava a chegar, concordou num aceno afável de cabeça. “O tempo é curto.”

“Sim,” concordou Jeane com relutância, “mais curto do que gostaríamos de supor.”

Sem esperar um convite, Roosevelt estendeu a mão direita e perguntou: “Como você se sente com respeito a algumas decisões que terei que tomar?”

“Não é como me sinto pessoalmente,” corrigiu ela. “É o que recebo espiritual e psiquicamente. Muitas das coisas que obtenho por esta via não são o que as pessoas querem ouvir.” Quando ela tocou as pontas dos dedos e fechou os olhos, ele pressionou: “Você tem certeza de que seremos aliados da Rússia no futuro?”

Jeane reiterou a previsão anterior que fizera, de que, após o fim da guerra, a aliança se desmoronaria. “Eventualmente, seremos aliados da Rússia contra a China Vermelha,” disse ela, “mas isso situa-se mais do que uma geração no futuro.”

“Então eu não estou errado sobre a Rússia?”, perguntou ele ansiosamente. “Quando tudo estiver dito e feito, estaremos com a Rússia e a Rússia connosco?”

“Sim, acabaremos como aliados,” respondeu Jeane, “mas o nosso governo terá mudado até então. Nem sempre teremos um sistema bipartidário conforme o que conhecemos. Mas, Sr. Presidente, temos um problema maior que a Rússia. O maior problema da América é a nossa própria situação racial. Foi-me mostrado isso numa visão.”

Ele observou-a com perspicácia enquanto ela advertia: “A Casa Branca não deve mimar as pessoas de cor, mas sim ajudá-las a ajudar-se a elas próprias.”

“Acho que o problema pode ser tratado adequadamente,” respondeu ele com firmeza.

“Não, não,” contradisse ela. “Teremos derramamento de sangue. Eu vi isso! O problema irá aumentar além do alcance da sabedoria de nosso governo. Sr. Presidente, estas não são ideias minhas, elas vêm de canais de outra esfera. A vontade da humanidade não muda a vontade de Deus. A situação racial não será resolvida antes de 1980.”

O presidente obviamente não concordou e, durante algum tempo, o ar no escritório oval pareceu sobrecarregado de tensão. FDR não previa nenhum problema racial sério e disse-o com franqueza. Finalmente, ele direcionou a conversa de volta para os Soviéticos, dizendo: “O mais importante do mundo é darmo-nos bem com a Rússia e mantê-la como aliada.”

Naquele instante, Jeane teve uma visão do tio Sam a enfiar a mão no bolso de outro homem, tirar algo dele e entrega-lo a um país terceiro. “Oh, Sr. Presidente,” exclamou ela, “nunca dê nada que não pertença à América. Não dê à Rússia metade de nada que não seja nosso para dar!”

O presidente firmou os dois punhos nos braços da sua cadeira. “Os seus polegares estavam do lado de fora de cada mão,” recorda Jeane, “o que eu soube intuitivamente que significava que ele tinha certeza de que sabia o que era melhor e acreditava que qualquer decisão a que ele tivesse chegado seria para o bem da nação. Senti que ele era profundamente dedicado ao seu país e que tinha poderes intuitivos mas... ele era um homem doente.”

Dessa vez, ele parecia relutante em vê-la partir. Quando ela estendeu a mão para se despedir, ele cobriu-a com as suas. Com um brilho renovado nos olhos, ele disse-lhe: "Cuide bem da bola."

Jeane voltou a introduzir a bola de cristal na bolsa grande e disse: "Auf Wiedersehen."

"Deus a abençoe", respondeu ele. Ela nunca mais o viu. No início de Fevereiro, ele foi para Yalta numa das missões mais bem guardadas da guerra. Juntamente com o primeiro-ministro Winston Churchill e o ditador soviético Josef Stalin, FDR concluiu um acordo secreto que concedia à Rússia o domínio sobre metade da Alemanha e grande parte da sua indústria como reparo; a base naval de Port Arthur; as Ilhas Curilas; a parte norte de Sakhalin e todas as ilhas adjacentes.

Terá Jeane Dixon previsto acertadamente que um presidente Americano iria "enfiar a mão no bolso de outro" e ceder território à Rússia que não era nosso para dar? Certamente era verdade que o Presidente Roosevelt não tinha mais do que seis meses para viver após a primeira reunião com a Sra. Dixon no seu escritório. A 12 de Abril de 1945, o presidente, extremamente sobrecarregado, morreu de uma hemorragia cerebral em Warm Springs, na Geórgia.

CAPÍTULO 6

O embaixador e madame Wellington Koo foram anfitriões numa grande receção em Twin Oaks, a encantadora propriedade no topo da colina que serve como embaixada chinesa em Washington. Era uma noite nítida em Outubro de 1946. O mundo ocidental apegara-se a uma paz tênue, embora o presidente Truman ainda não houvesse proclamado o fim das hostilidades e dez criminosos de guerra nazis tivessem acabado de ser enforcados.

Os convidados agruparam-se em pequenos grupos, como é costume em coquetéis da embaixada, para falar sobre as notícias do dia. Um homem, que se considerava um especialista em assuntos mundiais, observou que era uma pena termos destruído a Alemanha ao mesmo tempo que libertávamos a Rússia no mundo livre.

"Você tem toda a razão," concordou outro. "A Rússia soviética é uma ameaça ainda maior para os Estados Unidos do que a Alemanha. Deveríamos ter deixado que acabassem um com o outro. Tome bem nota do que lhe digo, um dia desses teremos que lutar contra a Rússia."

A esposa do embaixador Loy Henderson lembra-se particularmente da conversa, pois naquele momento Jeane Dixon timidamente interrompeu: "Não gosto de contradizê-lo, senhor, mas vejo os EUA em luta contra a China Vermelha no futuro, não com a Rússia vermelha."

A Sra. Henderson, cujo marido ilustre então chefiava os Assuntos Africanos e do Oriente Médio para o Departamento de Estado e já atuara como ministro interino para os Assuntos dos EUA na Rússia, encarou a Sra. Dixon com espanto. "Ora, a China não é vermelha," exclamou ela, "e com a sua rica herança cultural, nunca alinharia por uma ideologia estrangeira como o Comunismo. Os chineses sempre se reservam para si próprios.

Os olhos claros de Jeane encararam-na imperturbável quando ela respondeu: "A China tornar-se-á Comunista."

Todos eles arquearam as sobrancelhas com aquilo, a Sra. Henderson, admite com franqueza, "por naquele dia nenhum de nós ter acreditado nela."

Em 1948, Loy Henderson foi nomeado pelo Presidente Truman como nosso embaixador na Índia e, durante esse período de serviço em Nova Deli, a Sra. Henderson teve motivos para recordar o aviso profético de Jeane. A 21 de Setembro de 1949, os Comunistas proclamaram triunfantemente uma República Popular em Peiping e, em Dezembro, Chiang Kaishek evacuou as suas tropas para a ilha de Formosa. O continente da China era agora Vermelho.

Uma das previsões mais estranhas já feitas por Jeane Dixon, que nunca esteve fora do território continental dos Estados Unidos, dizia respeito à partição da Índia. Através de aparições frequentes em festas da embaixada, ela desenvolvera amizades com numerosos embaixadores, as suas esposas e assessores. Uma certa tarde de 1946, numa receção dada por Sir Girja Shankar Bajpai, o agente geral da Índia, e Lady Bajpai, um homem apresentou-se como novo membro do contingente Indiano em Washington e solicitou uma leitura particular. Jeane o recebeu no dia seguinte no escritório de negócios do seu marido e, depois de consultar a sua bola de cristal, disse que uma divisão da Índia seria anunciada dentro de dois anos.

Chocado, o funcionário exclamou: "Não, não, senhora Dixon. Jamais se verificará uma partição da Índia."

Jeane declarou calmamente que essa divisão seria anunciada em 20 de Fevereiro de 1947. Além disso, ela disse que o seu próprio inquiridor deixaria a Índia para se juntar ao "outro lado" e posteriormente iria avançar rapidamente na sua carreira.

"Nunca!" Bradou ele. "Vou viver os meus dias numa Índia indivisa."

Os Dixons continuaram a ver o mesmo cavalheiro de vez em quando nas festas e, na manhã de 20 de Fevereiro de 1947, ele telefonou para lhe dar conta da profecia errada que lhe fizera. Jeane replicou confiante que o dia ainda não havia terminado. Os jornais da manhã seguinte encabeçavam o anúncio da

partição, e o Indiano, humilhado, convidou amigos para um jantar em homenagem a Jeane nas proximidades de Fort Myer, na Virgínia.

Os automóveis eram difíceis de obter nos primeiros anos do pós-guerra, e quando o oficial Indiano soube que um automóvel ia ser sorteado num programa de angariação caritativa, de cavalos em Fort Myer após o jantar, ele levou os seus convidados lá, dizendo: “Eu vou ganhá-lo. E depois vou levá-lo para casa em grande estilo.”

Enfermeiras em uniformize andavam de lado para o outro pelos corredores, a vender rifas do carro, mas Jeane prestou pouca atenção até ouvir alguém atrás dela dizer: “Se a Sra. Dixon é tão psíquica, por que não ganha o Cadillac?”

Assim desafiada, ela concentrou-se com os olhos fechados enquanto segurava vários livros de rifas na mão. Um dos convidados, sentado ao lado de Jeane, tentou apressá-la gracejando: - “Não seja tão exagerada, Jeane. Pegue simplesmente numa. Elas são todas iguais.” Jeane escolheu uma do sexto bloco, escreveu o nome do marido dela na rifa e respondeu placidamente: “Não precisarás comprar mais rifas, porque esta é a vencedora.” Divertido, o oficial Indiano provocou-a: “Tudo bem, Jeane, se esta é a que vai ganhar, você vai-me vender o seu carro atual num negócio?”

Jeane prometeu vendê-lo pela quantia exata que ela tinha pago, embora à altura tenha sido um valor consideravelmente maior num mercado escasso de carros usados. Na noite de sábado seguinte, alguém telefonou a informar que James L. Dixon havia ganho o automóvel com uma hipótese de 14.000 para 1, mas Jimmy pensou que um amigo estivesse a gozar com ele até os fotógrafos de um jornal local chegarem na manhã seguinte para tirar uma foto dele a receber as chaves. Fiel à palavra que dera, Jeane vendeu o automóvel dos Dixon ao oficial Indiano pelo preço de compra e, quando ele o revendeu no final da sua digressão Americana, obteve um lucro de oitocentos dólares. Pouco tempo depois de retornar à sua terra natal, ele mudou-se para o Paquistão. Subiu rapidamente na hierarquia e mais tarde tornou-se um oficial importante no seu governo. Jeane havia previsto tudo.

As notícias da sua previsão exata da divisão da Índia haviam chegado aos jornais daqui e do exterior. O conde de Jellicoe chamou-a na visita seguinte que fez à Embaixada Britânica em Washington e convidou-a para almoçar. Como, desejava ele saber, ela poderia prever a divisão não apenas antecipadamente, mas nessa data exata? Afinal, admirou-se ele, apenas dois dias antes do evento tinham anunciado que a Câmara dos Comuns não consentiria na divisão. Jeane explicou com naturalidade que, enquanto lia para o oficial Indiano, a data lhe fora mostrada na sua bola de cristal. Os números, aduziu ela, tornaram-se-lhe tão claros quanto os preços listados no menu do almoço.

Dando de ombros para o espanto dele, ela acrescentou: “As pessoas do Extremo Oriente são muito mais fáceis de ler do que os Ocidentais, porque não me impõem barreiras no caminho e as coisas acontecem com mais clareza. Os asiáticos têm a capacidade arraigada de se deixar levar, em questões psíquicas.”

Após a divisão, diplomatas orientais começaram a bater à porta de Jeane sempre que assuntos de estado os traziam para a América. Certa vez, ela fez uma leitura para um cavalheiro que se identificou como astrólogo do primeiro-ministro Jawaharlal Nehru e a sua irmã Madame, Pandit. Ele veio carregado de presentes de marfim esculpidos à mão, mas Jeane os recusou. Ela também fez uma leitura para a irmã da Madame Pandit, Madame Raja Hutheesing, que veio a Washington com o seu marido economista.

O primeiro embaixador do Paquistão nos Estados Unidos após a divisão foi o MAH Ispahani. Ele encontrava-se em Washington há apenas algumas semanas antes de telefonar para Jeane para solicitar uma consulta. Ela recorda que a sua principal pergunta foi: “O que vai acontecer com a região da Caxemira? Quem vai ficar com ela?” Ela disse a ele que o espinhoso problema da Caxemira continuaria por muitos anos, e que iria verificar-se luta e derramamento de sangue antes de isso eventualmente vir a resolver-se.

Curiosamente, quando o Sr. Asaf Ali chegou a Washington para assumir as funções de embaixador da Índia, ele também perguntou sobre a Caxemira. Estudando a sua bola de cristal, Jeane disse que a Caxemira era uma província sobre a qual o seu país iria lutar. Agora é história, a guerra eclodiu entre o Paquistão e a Índia com respeito ao Caxemira, e os combates que prosseguiram até as Nações Unidas organizarem um cessar-fogo no 1º de Janeiro de 1949. Contudo, a província ainda é um ponto de discórdia, e Jeane não vê acordo de paz “por algum tempo ainda.”

O Embaixador Asaf Ali pediu ainda a Jeane que lhe revelasse a eventual disposição de Hyderabad, e ela respondeu que iria ficar para a Índia. Essa previsão foi cumprida quando o estado foi incorporado na Índia em Setembro de 1948.

Enquanto isso, um líder industrial de Hyderabad chamado Mir Laik Ali havia consultado Jeane e também estava ansioso por saber o que aconteceria com o seu estado natal. Ela lhe disse que iria ficar para a Índia, mas não antes que ele próprio fosse nomeado Primeiro-Ministro de Hyderabad. Zombando da sua ingenuidade sobre assuntos mundiais, ele disse que Hyderabad nunca tinha tido um primeiro-ministro e nunca viria a ter. Sem desanimar, Jeane insistiu que ele ocuparia tal posição e que logo depois seria preso. “Mas você será resgatado,” ela assegurou-lhe. “Você certamente será resgatado. Não tenha dúvidas sobre isso.

De repente, ele adotou um ar sério e em tom moderado confessou que ele próprio tinha tido uma visão de que seria preso. “Por que você vem a mim,”

perguntou-lhe ela curiosa, “quando você tem o mesmo talento e habilidade que eu tenho para prever o futuro? Você é a única pessoa a quem eu fiz uma leitura que também pode ler uma bola de cristal.

Mir Laik Ali admitiu que poderia fazê-lo, mas queria assegurar-se de que estava certo. Foi a última vez que Jeane viu o industrial de Hyderabad, mas não a última que ouviu falar dele. No ano seguinte, ela recebeu notícias de fontes oficiais de que Mir Laik Ali se tinha tornado o primeiro e único primeiro-ministro do Nizam de Hyderabad, que ele fora preso depois que a Índia incorporou o Estado, mas foi resgatado mais tarde, conforme Jeane havia previsto.

Refletindo sobre essas “leituras” dadas a dignitários orientais, Jeane diz: “Os do Extremo Oriente dependem muito das linhas das mãos das pessoas e, é claro, acreditam na astrologia. A primeira coisa que eles invariavelmente me pedem é permissão para ver minhas mãos. Quando veem uma grande meia-lua e uma tremenda estrela na palma da minha mão direita, fazem tantos salamaleques e reverência que fico envergonhada. Dizem que porventura uma vez a cada mil anos seja uma pessoa nasce com uma palma dessas. Muitos deles parecem reverenciar-me como profeta, mas isso não faz sentido. Claro que não o sou!”

CAPÍTULO 7

A sintonia psíquica que Jeane tinha com a sua família sempre foi intensa. Dedicada aos pais, nunca passara uma noite fora de casa até se casar aos 21 anos. Logo após a lua-de-mel, durante uma viagem de negócios com o marido para Nova Iorque, foi acometida de uma estranha premonição quando eles entraram no hotel. “Jimmy”, disse ela, segurando o braço dele em busca de apoio, “Vamos ter uma tragédia na nossa família. Deverei ligar para a Califórnia?”

Com uma palmadinha na mão trêmula sobre a manga, ele acalmou-a: “Não, querida, é somente por estares fora pela primeira vez. Provavelmente estás com saudades de casa. Se quiseres ouvir música, eu levo-te a jantar no Luchow.”

Acompanhados por um amigo de Jimmy, eles foram ao famoso restaurante Alemão, mas Jeane sentiu-se demasiado perturbada para tocar na comida. “A morte está muito perto de mim,” insistiu ela. “É a minha mãe ou o meu pai.” Quando os três regressaram ao hotel, um telegrama aguardava-a. A mãe de Jeane, que parecia perfeitamente bem de saúde quando se despediram no início da semana, estava morta. Por telefone, Jeane soube que a sua mãe havia acidentalmente batido com o tornozelo contra uma cadeira. Aparentemente, uma infeção na perna sofrida no ano anterior não havia desaparecido por completo, e ela caiu morta vítima de um coágulo sanguíneo que lhe impediu a circulação cerebral.

Uma outra tragédia familiar ocorreu dois anos depois, quando Jeane e Jimmy estavam a morar em Washington. O Sr. Pinckert tinha começado a perder peso após a morte da esposa, e os médicos diagnosticaram-lhe uma doença como cancro da garganta. Pouca esperança lhe foi oferecida em termos de recuperação, mas refinado, o cavalheiro continuou a levar uma vida razoavelmente normal. Uma noite, Jeane acordou de repente de um sono invulgarmente profundo.

"O meu pai estava de pé ao lado da minha cama," diz ela, "exatamente como fazia na minha infância. Eu conseguia ouvir a voz dele com tanta clareza quanto tu ouves a minha. Ele disse que tinha vindo despedir-se. Ele disse que eu devia continuar... que por vezes eu poderia parecer sentir-me muito sozinha... que eu teria que trabalhar duro... mas que dias mais tranquilos acabariam por vir."

Jeane imediatamente ligou para a sua casa na Califórnia e disse tristemente à irmã: "Aconteceu, não foi?"

"Sim, Jeane," respondeu a irmã a chorar, "nós enviamos-te um telegrama vinte minutos atrás. O pai foi-se."

Era tempo de guerra e marcações de viagem de avião eram quase impossíveis de conseguir, mas por essa altura Jeane já havia começado a destacar-se em Washington, e quando uma amiga soube da dificuldade que ela tinha em obter uma passagem, ela puxou um ou outro cordelinho. A meio da manhã, Jeane recebeu uma ligação da Casa Branca. Um assessor do presidente Roosevelt disse-lhe que um passageiro havia visto a sua passagem barrada num avião que ia para a Califórnia e que o espaço havia sido reservado em nome dela.

Logo após o retorno do funeral do seu pai, Jeane deteve-se para rever uma amiga. O juiz da Corte Suprema, Frank Murphy, estava lá para o um pequeno-almoço de Domingo com um parente de visita e a sua secretária de longa data, Eleanor Bumgardner.

Esta última diz: "Jeane já encontrava-se lá há alguns minutos quando me sinalizou para me dirigir ao camarim.

Assim que ficamos sozinhos, ela disse: "Senhora, esse seu parente está a deixar a Justiça meio tresloucada. Eu sabia que era verdade, mas não entendia como ela poderia saber. Ela nunca tinha visto nenhum deles antes, e nenhuma tensão se evidenciou enquanto Jeane lá esteve.

Lady e Jeane tornaram-se amigas dedicadas. Ambas dedicaram-se a ajudar os menos afortunados; Jeane ajudou a apoiar um número incontável de famílias brancas e negras. Miss Bumgardner também esteve ocupada a "adotar." A sua primeira tutela foi uma menina Chinesa frágil que havia dado à costa na zona de combate de Guadalcanal durante a Segunda Guerra Mundial. Ninguém conhecia a identidade da criança ou de que naufrágio ela poderia ter sobrevivido, mas os

fuzileiros navais dos EUA a nomearam Patsy Li, que em chinês significa “Flor de Ameixa.”

Após a guerra, Samuel F. Pryor Jr., vice-presidente da Pan American Airways, providenciou passagem para a América para Patsy, e Lady Bumgardner, que havia servido nas Filipinas com Frank Murphy enquanto ele aí servira como governador-geral, se ofereceu para ser sua guardiã Americana. Lady criou Patsy na sua própria casa durante doze anos, até que a bonita protegida se casou com um jovem chinês chamado Joe Buck Lee. Mudar seu nome de Li para Lee foi muito menos uma coincidência, no entanto, do que o facto de pouco antes de Patsy Li chegar à América, ela se ter reunido num orfanato oriental com os seus pais Chineses, que a haviam dado como morta. Por algum milagre da sorte, o nome verdadeiro da criança perdida acabou sendo - Patsy Li.

Jeane sentiu um interesse imediato por Patsy. No dia em que se conheceram, ela tocou as pontas dos dedos, captou as vibrações da criança e disse: “Ela tem uma forte vontade própria. Ela possui talentos musicais que podem ser desenvolvidos, mas vai tornar-se enfermeira ou médica.” Qualquer amigo de Miss Bumgardner pode testemunhar a vontade forte e determinada exibida pela garota Chinesa durante os doze anos seguintes; ela saiu-se bem na música e tornou-se enfermeira. Um dia, enquanto almoçava em particular com a senhorita Bumgardner no escritório do jurista da Corte Suprema de Justiça Murphy, Jeane disse abruptamente: “Senhora, você vai ter uma nova posição.”

A Srta. Bumgardner respondeu firmemente que não tinha intenção de trabalhar para ninguém, exceto para o jurista Murphy, que era seu chefe desde que ele fora Presidente de Câmara de Detroit dezassete anos antes. “E você vai comprar uma doce casinha. Parece que fica em Georgetown - prosseguiu Jeane, como se não tivesse ouvido a interrupção.

Um pouco importunada Lady saiu-se subitamente: “Eu não quero uma casa; eu quero um apartamento. Estou cansada de viver num quarto de hotel depois de todos estes anos, mas certamente não pretendo enfrentar os problemas de uma casa.”

Jeane continuou a fixar o olhar no espaço. “Alguém muito querido seu falecerá repentinamente dentro de alguns dias,” disse ela. “É um homem mais velho. Precisa preparar-se para o choque.”

Miss Bumgardner recorda que isso a incomodara o suficiente para perguntar se era o seu pai. Quando Jeane respondeu que o indivíduo não era parente dela, Lady terminou o almoço de forma irreverente dizendo: “Desculpe, Jeane, mas você está errada em tudo.” Olhando para trás naquele dia. Miss Bumgardner revela admiração:

“Tudo ocorreu no espaço de duas semanas. Eu perdi o meu chefe. Foi-me dada a posição de secretária itinerante para todos os nove juízes, e comprei uma casinha em Georgetown justamente por acaso.”

Uma razão pela qual a ideia da possível morte do jurista (e Governador) Murphy não lhe ocorreu, quando Jeane proferiu essas palavras proféticas, foi que Lady sabia que ele planeara casar-se secretamente na semana seguinte. O jurista tinha confiado à Senhora o anel de casamento, e ela e a noiva dele, a socialite Joan Cuddihy, faziam intenção de ir para o Michigão para ter uma cerimônia Católica.

A Srta. Bumgardner interrogou-se posteriormente da razão por que tinha sido tão cerrada em relação à profecia de Jeane, porque quando ela confidenciou a Jeane que o seu superior e a Srta. Cuddihy estavam prestes a casar-se, Jeane contrapôs: “Ah não, eles não vão chegar a casar-se.”

Com alguma aspereza, Lady replicou: “Ah, eles vão, sim. Eu tenho o anel na minha bolsa e vou levá-lo para o Michigão comigo. Joan e eu vamos juntos.”

A Corte Suprema havia sido adiada para o verão e o juiz Murphy estava de férias no seu estado natal, Michigão. Alguns dias após o almoço, ele foi encontrado morto por uma obstrução, e a Srta. Bumgardner voou para o Michigão para o seu funeral. Ao regressar, a Corte Suprema prestou-lhe o elogio incomum de torná-la secretária itinerante de todos os juízes que precisavam de ajuda extra. Nessa mesma semana, ela parou para visitar a sua amiga Louise Cromwell Heiberg, que fora a primeira esposa do general Douglas MacArthur. Louise estava a vender imóveis e, ao ver Lady, exclamou: “Acabei de encontrar uma casinha na O Street. É exatamente do tipo que você deveria ter.” Miss Bumgardner não estava interessada, mas a Sra. Heiberg insistiu em que ela a visse, a tentação mostrou-se irresistível e ela a comprou imediatamente.

A Srta. Bumgardner diz que nunca esquecerá a primeira visita que Jeane fez à sua casa em O Street. “Outros convidados já haviam chegado e estávamos sentados em círculo a conversar; mas, quando Jeane entrou na sala, uma convidada soltou um guincho estranho. Todos olhamos surpreendidos para ela, e ela pediu desculpas a Jeane, dizendo: “Por, por um instante, pensei que você fosse a Madonna.”

Não foi a primeira vez que Jeane teve esse efeito esquisito sobre estranhos. Logo após a guerra, uma amiga do seu prédio convidou os Dixons e vários outros para um concerto, e entre os convidados que esperavam à entrada do apartamento estava a Sra. Estelle Friedrichs, assistente de David K. Niles na Casa Branca. A senhora Friedrichs, que nunca tinha conhecido os Dixons, relata: “Quando a porta do elevador se abriu, vi o que parecia ser a figura de um anjo parado do lado de dentro. Fiquei estupefacta, até que uma mulher bonita envergando um vestido de chiffon branco e uma capa de raposa branca saiu. O cabelo dela

parecia formar uma auréola, e o seu rosto era como um anjo a olhar para Deus. Ainda sinto o choque da visão."

Jimmy Dixon testemunhou dois outros eventos similares. Logo após o casamento, ele e Jeane passeavam-se pela Quinta Avenida, durante uma viagem a Nova Iorque, quando duas jovens que passaram por eles de repente se aproximaram, seguiram-nos durante alguns passos e hesitantes tocaram Jeane no ombro. "Por favor, desculpe-me," disse uma delas em tom impressionado, "mas você parece-se com a Madonna. Quem é você?" De uma outra vez, em Detroit, Jimmy estava a dar uma boleia a um pequeno vendedor de jornais quando ele parou para apanhar a Jeane. "Puxa, senhor," exclamou o rapaz, "ela parece um anjo."

Lady Bumgardner, refletindo sobre esses incidentes isolados, diz: "É compreensível. Jeane tem o rosto e a aparência de um anjo, e apresenta tanta doçura na sua compostura. Um anjo de misericórdia ela certamente é. Ninguém jamais saberá de todos os gestos de amabilidade que Jeane teve para com estranhos e amigos, porque ela nunca fala deles. Se eu não tivesse testemunhado muitos deles, não teria maneira de saber. Costumo ir com Jeane nos seus passeios, e o seu objetivo quase sempre é ajudar alguém em necessidade. Eu acompanhei-a até a Plantação de Paz na Virgínia, onde ela está a ajudar a sustentar diversas famílias que já haviam obtido auxílio, mas agora estão a aprender a sustentar-se. Fui com ela visitar os doentes e os desanimados. Ela levou dezenas de desajustados, perdidos e imigrantes para dentro da sua casa e deu-lhes um novo começo de vida."

Uma jovem a quem chamarei Joan insiste que Jeane lhe salvou a vida. Embora ela não deseje que a sua identidade seja conhecida, fica com os olhos a brilhar ao falar da mulher amável que lhe revolucionou o pensamento, lhe deu um emprego e lhe renovou a confiança em si própria. Ela é uma garota que teve tudo, até que, de repente, na adolescência, os seus pais a privaram de tudo, menos do essencial. Ela sentiu-se desesperadamente infeliz e fugiu de casa várias vezes. Jeane levou-a para sua própria casa e deu-lhe um emprego num esforço por a ajudar a encontrar-se.

Joan avançou a informação de que ela não estava realmente a ganhar o dinheiro que Jeane lhe pagava. "Eu não acreditava em coisas psíquicas e, a princípio pensei que Jeane fosse uma louca," diz ela. "Por exemplo, um dia ela de repente veio à minha secretária e disse que eu deveria parar de usar lentes de contacto ou desenvolveria uma infeção ocular. Eu simplesmente ri dela. Afinal, eu usava-as há vários anos sem nenhuma dificuldade, mas duas semanas depois desenvolvi abrasões e uma infeção ocular. O médico então descobriu que as minhas lentes estavam muito apertadas." Joan por fim regressou a casa, mas as condições não haviam melhorado e, quando ela parou para ver Jeane, ficou consternada com a sua aparência. "Sra. Dixon, você parece estar muito doente," bradou em tom de alarme.

Jeane pegou-lhe na mão, dizendo: “Joan, eu acabei de ter uma visão tua presa atrás das grades. Se tu não fizeres o que eu digo e ficares em casa à noite, algo de terrível te irá acontecer, que não será inteiramente culpa tua.”

A adolescente não estava disposta a ouvir uma pregação de adultos daquelas. Ela sentia-se miseravelmente infeliz com os pais, e eles mostravam-se inteiramente insensíveis para com os problemas dela. Alguns dias depois, ela foi a uma festa com uma multidão mais velha e ficou a noite toda com uma das mulheres. Na manhã seguinte, ela pediu emprestado o carro da anfitriã para ir marcar uma consulta no médico, embora não tivesse carta de condução. Enquanto ela dirigia pela rua, o seu irmão mais velho encontrou-a e perseguiu-a no seu carro, barrando-lhe bruscamente o caminho. Para evitar atingi-lo, ela desviou-se e bateu contra um detetive.

Quase antes que ela percebesse, estava numa ala de detenção juvenil. O dono do carro, com medo de se meter em problemas por deixar a Joan dirigir sem carta de condução, alegou que o carro fora levado sem a permissão dela. Os pais de Joan não compareceram em sua defesa e, quando ela se recusou a ser transferida para a custódia deles, o juiz enviou-a para uma instituição mental para crianças perturbadas. Jeane encontrou-a aí, depois que Joan tentou tirar a própria vida com uma overdose de soporíferos. Do seu jeito amável, ela deu uma nova fé à garota e previu que seria libertada numa data específica.

“No dia seguinte à data em que a Sra. Dixon mencionara,” recorda Joan, “um policia bateu à minha porta e disse que uma audiência especial havia sido marcada para o meu caso. O novo juiz ouviu a minha história e disse que não tinha nada que estar num hospício, e libertou-me.”

Miss Bumgardner diz: “Jeane estudou as vibrações de Joan e descobriu que poderia escrever poesia se tentasse. Isso despertou um novo interesse na sua vida. Depois que ela foi libertada do hospital psiquiátrico, Jeane levou-a para sua casa de novo.”

Durante os diversos períodos em que Joan morou com os Dixons, ela viu um lado de Jeane que a maioria das suas amigas no turbilhão social de Washington desconhecia. Refletindo, Joan diz: “Depois que a criada fosse para a cama, Jeane ficava acordada até tarde da noite, a cozinhar sopas nutritivas para os pobres e doentes. E no dia seguinte levava-lhes a sopa. Todas as manhãs, Jeane espremia suco de cenoura para vários comerciantes idosos ao longo da Avenida Connecticut, perto da agência imobiliária de Dixon. Lembro-me de uma velha cega que tinha uma loja de flores, e todas as manhãs a caminho da missa Jeane levava-lhe fielmente suco de cenoura fresco.

“Havia uma velha excêntrica que vivia não muito longe dos Dixons, numa casa sem eletricidade. Jeane costumava enviar-me com cestas de comida e fazer

recados para a mulher. Precisa ter em mente que eu fazia tudo isso pelo que Jeane me pagava. Ainda mais surpreendente para mim foi o tempo que Jeane pessoalmente dedicou a essas pessoas patéticas. Às vezes, ela saía muito tarde da noite, se recebesse um pedido de ajuda. Quando a idosa excêntrica partiu uma perna, Jeane alimentou-a pessoalmente, cuidou dela e a levou-a de um lado para o outro para o consultório médico.

Mas a velha senhora estava orgulhosa e queria pagar o que pudesse. Ela insistia, por exemplo, em comprar pão de dois dias, por ser mais barato. Jeane tinha a faculdade de entender esse orgulho, e mandava-me pela cidade a uma padaria para comprar esse pão velho com o dinheiro da mulher, mesmo que isso custasse a Jeane várias vezes mais o valor do meu tempo e transporte."

Embora Joan fosse protestante, ela ocasionalmente acompanhava Jeane à missa em São Mateus, e uma manhã, ela teve uma experiência inesquecível. "Eu já tinha lá estado diversas vezes antes com Jeane," ela diz com espanto, "mas naquela manhã em particular eu olhei para ela enquanto ela orava, e ela não estava lá. Isto pode parecer uma tolice, mas o lugar ao meu lado estava absolutamente vazio. Tudo que eu podia ver era uma névoa suave de luz e o banco vazio. Num instante, é claro, ela voltou, e estava a rezar em silêncio, como antes. Foi uma experiência profunda. Ainda não acredito em coisas psíquicas, mas acredito totalmente na Jeane."

Enquanto Joan morou com os Dixons, ela costumava atender os telefonemas quando Jeane estava fora, de pessoas que diziam: "Por favor, diga à Sra. Dixon o quanto apreciamos a comida que ela enviou," ou "Diga à Sra. Dixon que nós queremos agradecer-lhe as roupas que nos enviou." Jeane não mencionara esses favores anteriormente a Joan. "A Jeane não é como ninguém que eu alguma vez tenha conhecido" diz Joan pensativa.

"Ela não é como as pessoas que trabalham voluntariamente para a Liga Jovem, a Cruz Vermelha ou outros grupos organizados e obtêm um certo reconhecimento por isso. Ela nunca deixa ninguém saber o que ela faz. Quando tentei dizer-lhe o quanto me sentia grata por tudo que ela fez por mim, ela apenas disse: "Joan, se uma pessoa ajudar outra pessoa, e por sua vez essa pessoa ajudar outra, isso criará uma reação em cadeia. Tudo o que eu peço é que, se a oportunidade surgir e tu puderes, ajuda alguém mais necessitado. Esse é o único agradecimento que eu quero."

Joan diz sobre Jeane: "As pessoas pensam que ela é ingénua por ser muito amável e gentil, mas é perspicaz. Ninguém a engana. De tempos a tempos, ela advertia-me com respeito às minhas amigas: "Mantém-te longe dessa; as vibrações dela são ruins," ou "Essa é boa." Chega a ser verdadeiramente assustador como ela sempre está certa.

Embora James Dixon seja um dos principais corretores de imóveis de Washington, que oferece pechinchas astutas aos clientes, o coração dele é aparentemente tão sem fundo quanto o de Jeane. Tal como o diretor de Hollywood Hal Roach lhe deu o empurrão da vida dele no mundo dos negócios, também Jimmy deu impulsos semelhantes a centenas que estavam me hesitação e na incerteza. Sempre que Jeane lhe pede permissão para ajudar alguém, ou para levar uma imigrante solitária para sua casa, ele concordava com prazer. Da sua esposa, Jimmy diz:

"Uma das características mais marcantes de Jeane é a orientação e assistência que ela deu a meninas em idade adolescente que se desviaram do bom caminho. Durante os vinte e cinco anos do nosso casamento, ela abraçou pelo menos cem jovens em apuros - algumas delas grávidas e solteiras. Ela resgatou meninas das ruas, garantiu a libertação de muitas das prisões e casas de detenção e assumiu a responsabilidade pela sua conduta futura. Muitos desses casos mantivemos na nossa própria casa. Jeane e eu nunca discutimos as situações delas com uma só alma viva. Quando saímos de casa pela manhã, nunca nos lembramos de quem lá esteve, a fim de proteger a sua privacidade. Nem sequer discutimos os seus problemas entre nós. Simplesmente sentimos que é nosso dever ajudar os nossos semelhantes quando e onde pudermos fazê-lo."

Ambos não resistem a animais perdidos ou abandonados. Eles perseguiram cães e gatos vadios a noite toda em todos os tipos de clima e depois levaram-nos a um hospital veterinário para banhos e injeções. Jeane cuida dos doentes e cuida deles até encontrar bons lares para eles.

"Talvez eu não devesse dizer isto," reflete Jimmy, "mas Jeane está tão carregada de bondade que foi mencionada quatro vezes no testamento de pessoas que mal conheço; apenas lembranças simbólicas - como uma caixa antiga ou uma foto - mas algo que elas valorizavam e queriam que Jeane tivesse como lembrança. Muitas vezes, era tudo o que tinham a deixar."

Um gesto desses era de uma mulher idosa aleijada que Jeane havia notado que mancava pelo salão de entrada do seu prédio. Apressando-se para o seu lado, ela pegou o cotovelo da mulher e colocou-a num táxi. A partir de então, ela teve inúmeros gestos de bondades para com a velha senhora e, por causa da bondade que teve, foi mencionada no testamento da mulher.

De uma outra vez, um estranho telefonou para dizer a Jeane que um velho com quem ela havia travado amizade falecera e que o seu funeral seria realizado naquela tarde. Embora tenha sido um dos seus dias mais movimentados, ela hesitou apenas um instante antes de responder: "Aquele pobre e doce homem. Ele tinha tão poucos amigos que podemos ser os únicos lá a estar presentes. É claro que irei." Ela cancelou vários compromissos para comparecer ao funeral, e apenas quatro outras pessoas estiveram presentes. Algumas semanas depois, um banqueiro telefonou para lhe dizer que o velho que ela achava que não tinha

dinheiro tinha deixado vários milhares de dólares. Ela gastou o dinheiro com outros.

CAPÍTULO 8

No corredor sobrelotado de uma embaixada, Jeane apertou a mão de uma loira deslumbrante a quem acabara de ser apresentada. “Ah, você é da nobreza,” disse Jeane, a sorrir. Não havia nada no nome ou no vestido que revelasse o facto. A reunião ocorreu num chá de caridade. Nenhuma das duas tinha ouvido falar da outra, mas a Sra. Kitty Denny nascera Baronesa Von Ammon; o seu bisavô fora o barão Christopher Frederic Von Ammon, primeiro ministro da Saxônia no século XIX; o seu pai, o barão Franklin Von Ammon, que praticava direito em Pittsburgh, abandonou o título.

Intrigada com a mulher esbelta e de aparência angélica de abordagem direta, Kitty encurralou Jeane e abriu-lhe o coração. Ela estava a divorciar-se, confidenciou, e estava profundamente apaixonada por um jovem comandante da marinha. “Nós vamos casar assim que o meu decreto de divórcio se tornar definitivo,” disse Kitty com entusiasmo. Em vez de transmitir uma aprovação, Jeane tocou as pontas dos dedos e disse: “Esse homem nunca se casará consigo.”

Irritada com o que ela pensava ser uma observação brusca, Kitty respondeu: “Você está errada, senhora Dixon, porque nada na terra me impedirá de casar com ele - ou ele comigo. Estamos apaixonados.” Jeane discretamente tocou as pontas dos dedos de novo e continuou como se não tivesse sofrido interrupção: “Esse homem sairá da sua vida tão repentinamente quanto entrou nela. Bem que se pode se preparar.”

Kitty recorda que, quando posteriormente contou ao noivo a profecia de Jeane, ele retrucou: “Ela pode ser sua amiga, mas nunca será minha. Nem desejo conhecê-la.”

Três semanas depois, os jornais traziam no cabeçalho a notícia da queda de um avião da marinha no rio Potomac. Três dos sete passageiros foram salvos e os corpos de outros três foram recuperados rapidamente. O noivo de Kitty estava desaparecido, e mergulhadores em vão procuraram o corpo. Jeane manteve a vigília solitária com Kitty e aconselhou: “Há um caixão para ele. Eu vejo isso na bola de cristal. O seu corpo será encontrado.” Vários dias depois, um pescador puxou o corpo sem vida para terra. A Sra. Denny prestou pouca atenção, enquanto Jeane dizia tranquilamente: “Kitty, há um homem maravilhoso que está para entrar na sua vida em cerca de dois anos, que lhe trará a maior felicidade e satisfação que você já conheceu. Os dentes da frente acham-se bem separados e ele tem cabelo ruivo.”

A jovem inconsolável disse que não conhecia ninguém com essa descrição nem estava interessada em conhecer. Ela soava “feio,” e ela gostava de homens

bonitos. Ignorando os protestos dela, Jeane prosseguiu: “Ele não se encontra neste país agora, mas você virá a conhecê-lo. Se você se tivesse casado com o comandante, teria desejado divorciar-se dele,” por causa desse homem quando você finalmente o conhecer.”

Sem ter o que fazer, Kitty conseguiu um emprego no escritório de Dixon. Um dia, em 1946, Jeane a enviou-a a recolher uma candidatura de anúncio de uma casa que um major do exército, que acabara de voltar do Alasca, estava a colocar à venda. Quando Kitty tocou a campainha da impressionante casa no noroeste de Washington, um major ruivo atendeu ao chamado. Ele sorriu e ela notou que os dentes da frente se achavam dispersos.

O major George Racey Jordan disse-lhe que estava a vender a casa por o seu divórcio estar pendente e ele estar de mudança para a costa oeste. Ela percebeu, é claro, que ele se encaixava na descrição de Jeane, mas em relação a essa reunião ela diz: “Certamente que não foi amor à primeira vista. George começou a levar-me a jantar fora, e a nossa amizade casual gradualmente amadureceu no amor mais profundo que eu já conheci. Casamo-nos menos de dois anos depois, a 5 de Novembro de 1948. Tal como Jeane predissera, George é o melhor homem que eu já conhecera.”

De um casamento anterior, Kitty Jordan tinha tido duas lindas filhas. Antes de Kitty Junior se casar, Jeane disse à mãe dela que terminaria em divórcio e que a menina se casaria novamente. Isso já sucedeu, assim como a profecia que ela fez sobre a outra filha, Nancy Rogers. Kitty Von Ammon Jordan nunca esquecerá a manhã em que Jeane a alertou para retirar Nancy imediatamente de Washington. A linda jovem de cabelos Ticiano tinha acabado de retornar à capital, e deixado o marido, Robert Dean Rogers, num rancho perto de Seattle, Washington. Ele andava a beber muito, e eles não se estavam a dar bem, pelo que Nancy o deixou e agora estava a viver num apartamento sozinha.

“Jeane disse-me que, a menos que Nancy deixasse Washington imediatamente, uma ocorreria tragédia terrível,” disse-me Kitty com uma pausa na voz. “Ela disse que Nancy se mataria ou seria assassinada.” Como acreditava nos poderes precognitivos de Jeane, Kitty pediu à filha que desistisse do novo apartamento e deixasse a cidade. Nancy, que estava a gostar muito do turbilhão social junto de velhos amigos, retrucou que já havia “lidado com Bob antes” e poderia fazê-lo de novo.

O major Jordan, autor do best-seller do pós-guerra, “O Diário do Major Jordan,” era muito procurado na plataforma de palestras, e a sua esposa geralmente o acompanhava em viagens para fora da cidade. Eles encontravam-se hospedados no Waldorf-Astoria, em Nova Iorque, onde Jordan deveria falar naquela noite, quando chegaram as trágicas notícias de que, três semanas volvidas da sombria previsão de Jeane, Nancy estava morta.

Eles descobriram que Rogers havia seguido a sua esposa afastada até o apartamento que Jeane queria que Nancy deixasse. Não conseguindo convencer a sua esposa a se reconciliar, ele disparou contra ela três vezes e depois apontou a arma para si próprio. Foi assassinato e suicídio. Discutindo a tragédia, durante uma recente visita a Washington de sua atual casa em Bel Air, Califórnia, a Sra. Jordan disse: "Foi tudo tão desnecessário, mas como se poderá forçar uma filha casada a deixar a cidade, a menos que ela esteja disposta a ir embora?"

Kitty Jordan também estava profundamente ligada à mãe, cujo segundo marido foi Edwin Wright Robinson, um importante fabricante de carros de mineração da Pensilvânia. Ao conversar com Kitty, um dia no verão de 1953, Jeane tinha-lhe dito:

"Dentro de um ano, a sua querida mãe vai nos deixar, logo precisará preparar-se para continuar sem ela. Ela vai morrer de cancro. Eu vejo uma figura 9 em torno dela com toda a clareza, mas não sei o significado disso." A Sra. Robinson parecia estar em excelente estado de saúde naquela época, mas no 1º de Maio de 1954, ela morreu de cancro no Adrian Hospital em Punxsutawney, na Pensilvânia. O quarto no hospital dela foi o número 9.

De Jeane, Kitty Jordan diz: "Se alguma vez houve um anjo nesta terra, é ela. Jeane nunca teve um pensamento cruel. Todo o seu espírito está sintonizado na ajudar aos outros. Se ao menos eles ouvissem o que ela diz, muita infelicidade poderia ser evitada!"

Na Europa, conversei com uma mulher extremamente rica que reconhece uma profunda dívida que tem para com Jeane Dixon. Elas conheceram-se num almoço no Mayflower Hotel em Washington. Betty andava a planear voltar a Nova Iorque naquela tarde, mas Jeane alertou-a: "Por favor, dirija com muito cuidado e toda a segurança, ou sofrerá um acidente grave." Betty disse que era supersticiosa o suficiente para atender ao aviso. Em vez de ir pela direção habitual na estrada aberta, ela estava a cingir-se à faixa da direita no trânsito lento, quando sem aviso o tubo de gasolina do seu carro de repente se partiu em dois. Ela conseguiu encostar na berma da estrada sem contratempos, mas, na pista central de alta velocidade ela acredita que o seu carro teria perdido o controlo e teria sido atingido por trás.

Na vez seguinte que Betty chegou a Washington, levou Jeane para almoçar e confidenciou-lhe que havia decidido deixar o marido. Jeane, tocando as pontas dos dedos, disse-lhe que não deveria fazê-lo. "Ele precisa muito de si, Betty," alertou ela.

"Se você voltar para ele com amor no coração, ver-se-á a viver num mundo completamente diferente dentro de seis meses e ficará para sempre feliz por ter ficado com ele." Não era esse o conselho que Betty queria ouvir. No entanto, ouviu atentamente enquanto Jeane descrevia com precisão uma irmã do marido,

dizendo: “Ela também precisa de si. Você acha que ela não gosta de si, mas gosta, e você deve derramar seu amor sobre ela. Você nunca irá arrepender-se.”

Dois dias antes dos seis meses decorridos, Betty telefonou a Jeane da Union Station em Washington, dizendo que precisava vê-la imediatamente. Jeane, ocupada com compromissos imobiliários, hesitou, mas a urgência na voz de Betty soou estranhamente convincente. Por conseguinte, ela concordou em encontrar-se com a amiga num restaurante. Betty, vestida de preto, abraçou-a e disse: “Jeane, eu nunca poderia ter-me perdoado se não tivesse voltado para o Howard. Tivemos seis meses felizes juntos. Ele morreu ontem e eu vou levá-lo para casa para o enterro, no comboio.” Betty também fez um valente esforço para ser gentil com a cunhada, que viveu apenas por mais algum tempo. Quando os dois testamentos foram legitimados, o marido e a irmã dele deixaram a Betty com mais de dez milhões de dólares.

Comentando a previsão correta que fizera Jeane disse: “Se Betty não tivesse voltado com amor no coração, o que ela fez, não teria acontecido dessa maneira. Por isso não lhe contei que previ as duas mortes. Eu não queria que ela pensasse neles de uma maneira mercenária, e ela não pensou.

Um ano mais tarde, Betty telefonou para Jeane, de Nova Iorque, para perguntar se ela deveria comprar “o colar mais bonito que eu já vi.” O preço era de cento e vinte e cinco mil dólares. Em vez de responder diretamente, Jeane advertiu: “Betty, se você olhar pela janela, verá um homem vagando do outro lado da rua. Ele está a vigiá-la a ver se você está em casa. Ele quer chantageá-la e tocará a campainha em breve. Faça o que fizer, não atenda pessoalmente a porta. Diga à sua empregada para obter o nome e o número de telefone dele e entregue-as ao seu advogado.”

Embora Jeane estivesse a telefonar de Washington, Betty olhou pela janela de Nova Iorque e viu um jovem que ela reconhecia vagamente. Enquanto ela observava, ele foi em direção ao salão do apartamento dela. Ela teve alguns minutos para instruir a criada, antes que ele tocasse a campainha. O nome e o número de telefone foram posteriormente encaminhados ao advogado de Betty, e contactou-o para relatar que o jovem com quem ela havia feito amizade estava agora a tentar chantageá-la com algumas cartas que havia escrito. Ele queria casar e estava desesperado por fundos. Betty relatou isso a Jeane e perguntou de novo: “Mas e o lindo colar?” Jeane riu dizendo que ela o conseguiria, mas que, se esperasse mais algumas semanas, o preço seria drasticamente reduzido. Um mês depois, Betty adquiriu-o por 65 mil dólares.

CAPÍTULO 9

Numa noite húmida de verão em 1947, um consultor de administração chamado Daniel Magner apareceu em casa dos Dixons para conversar com o seu

amigo Jimmy sobre a sua próxima viagem ao Extremo Oriente. O ruído de um ventilador elétrico forneceu um acompanhamento sonolento, enquanto ele descrevia o seu itinerário ao mínimo detalhe. Jeane, sentada no outro lado da sala, estava a seguir-lhe o relato com um desafeiçoamento sonolento, mas, assim como ele mencionou Nova Deli, surgiu uma visão diante dela, e ela deixou escapar: "O Mahatma Gandhi vai ser assassinado."

Os dois homens voltaram-se e encararam-na. "O que está a dizer, Jeane?" perguntou Magner.

"É verdade," respondeu ela, com a voz tingida de emoção. "Assim como você falou da Índia, eu tive uma visão do primeiro-ministro, e ele erguia os braços para uma religião que é muito pró-Ocidental para que algumas pessoas o tolerem. Ele estava realmente a alcançar Deus no sentido Cristão. Ele será morto dentro de seis meses por alguém de quem menos suspeitam. "Passados seis meses, a 3 de Janeiro de 1948, o grande líder espiritual da Índia conheceu uma morte prematura. O seu assassino foi um fanático Hindu que pertencia ao grupo político-religioso de Mahasabba.

Por essa altura, as previsões de Jeane apareciam com frequência nos jornais, e as pessoas sitiavam-na no sentido de obterem leituras particulares. Ela não podia mais ir a festas sem ser encostada a um canto por pessoas que estendiam as mãos e pediam orientação sobre decisões pessoais. O telefone dela não parava de tocar a todas as horas da noite e Jimmy estava a perder o sono. Certa noite, quando um adido militar de uma embaixada do Extremo Oriente bateu à porta para pedir uma leitura, Jimmy Dixon decidiu que já tinha suportado o suficiente. Educadamente, mas com firmeza, ele disse ao interlocutor que a Sra. Dixon se tinha recolhido para a noite e que não podia ser perturbada. E de seguida teve uma conversa séria com a sua linda jovem esposa.

"A caridade começa em casa, Jeane," disse-lhe ele. "Essa gente está a impor-se à sua natureza boa e está a minar-te as forças. Como achas impossível recusá-las, acho melhor vires trabalhar no meu escritório. A operadora da central pode ajudar a proteger a tua privacidade, e terás uma desculpa legítima quando as pessoas quiserem ocupar-te o tempo."

Jeane admitiu a lógica de plano dele, pois sabia que as constantes leituras consumiam a energia necessária. Por isso, acompanhou Jimmy ao escritório na manhã seguinte e aceitou a secretária que lhe fora atribuída. Ela até forçou um sorriso quando ele disse à empregada do apartamento e à rececionista do escritório: "Eu não me importo com quem liga para a Sra. Dixon, seja um rei ou um embaixador; digam-lhes simplesmente que ela não pode ser perturbada."

Depois disso a pressão diminuiu um pouco, e ela mergulhou zelosamente no negócio de reunir as pessoas certas e as casas certas numa fusão feliz. Ela não fez qualquer tentativa de utilizar a sua bola de cristal para ajudar nos negócios

imobiliários, mas ainda não conseguia controlar totalmente os seus poderes psíquicos. Victor Rand, um empregado de longa data, recorda que a Sra. Dixon lhe telefonara certa vez de manhã cedo e disse: "Sr. Rand, eu sonhei que tínhamos um incêndio numa de nossas casas. É melhor você ir conferir." Pensando intimamente "o que será que vem a seguir?" ele obedientemente deteve-se a caminho do trabalho na casa vazia que ela mencionara. No momento em que ele girou a chave na fechadura e abriu a porta, sentiu o cheiro de fumo.

"Corri a ligar o interruptor e telefonei para o corpo de bombeiros," diz ele. "Desde então, se ela me disser que há problemas em algum lugar ou que iremos ter dificuldades com um determinado acordo, eu encolho-me todo. Eu sei que vamos ter, por ela estar invariavelmente certa."

Em 1948, Jeane tinha-se interessado o suficiente por casas para querer uma. Depois de seis anos num apartamento em Washington, a vida começara a saturar e, quando os Dixons compraram uma casa no exclusivo Chevy Chase, mesmo à saída da Connecticut Avenue, Jeane bem lá no fundo descobriu que era uma decoradora de interiores frustrada. Ela estava a passar um bom momento a "revitalizar" a casa para atender às especificações exatas, quando Jimmy recebeu uma chamada do Sr. Stanley Posner, que perguntou quanto ele queria pela casa da Chevy Chase. Dixon explicou por que não estava à venda, mas a pessoa que ligava não aceitava um "não" como resposta. "Diga apenas quanto quer," insistiu ele. "Eu quero aquela casa." Para consternação de Jeane, Jimmy vendeu-a.

A caça às casas começara de novo, tendo por fim sido reduzida a duas casas da cidade: uma em Sheridan Circle, no coração de Embassy Row, que Jimmy queria; a outra, uma casa um pouco menos pretensiosa na rua dezanove, mais próxima do escritório, com respeito à qual Jeane dizia entusiasmada: "No momento em que entrei na casa da rua dezanove, pareci sentir que Deus me abraçava. Eu sabia que era para mim. Todas as vibrações batiam certo."

Jimmy argumentou veementemente contra. Por um lado, estava muito cara, conforme Jeane admitiu, mas quando ela assinou os papéis da compra mesmo assim, ele advertiu ironicamente que não iria mudar-se para lá. Pela primeira vez na vida de casados, Jeane ousara zangar-se com o marido, mas serenamente lá começou a trabalhar para restaurar e redecorar a casa vitoriana de quatro andares. Três semanas antes da sua conclusão, Jimmy apareceu para dar uma espreitadela relutante e por fim perguntou: "Quando é que nos vamos mudar?" Com um movimento atrevido do queixo, ela respondeu: "Mas eu pensei que tu não querias."

"Bem, é perto do escritório," admitiu ele. E desde estão que vivem felizes na casa dos sonhos de Jeane, e Jimmy, que adora a esposa, nunca perde um costume típico que começou durante a lua-de-mel. Todas as noites ele coloca uma rosa fresca no travesseiro; ou se ele estiver fora da cidade, ele receberá uma rosa diariamente. "Como a maioria dos maridos, suponho que não digo 'eu amo-

te' com a frequência com que devia," explica ele, "por isso substituo isso pela pequena rosa querida, caso não o faça."

Pouco tempo depois do dia da mudança, jantaram em casa do Dr. Stephen F. Verges e da esposa, Evelyn, e a Sra. Verges convenceu Jeane a trazer as cartas com que ela "por vezes vê o futuro." Assim que Evelyn cortou o baralho de Jeane exclamou: "Evelyn, você vai ficar muito doente, e os médicos não vão ser capazes de diagnosticar a causa. Por vezes, você terá certeza de que está a morrer, mas ficará bem, por isso agarre-se a esta ideia quando isso suceder. A doença vem e vai como ondas de uma maré. Quero prepará-la, para que você não tenha medo. Aceite apenas a coisa e mantenha a sua fé." Pouco tempo depois, Evelyn Verges ficou desesperadamente doente. Como o marido era médico, ela teve os melhores cuidados médicos disponíveis, mas, apesar das frequentes consultas médicas, a condição dela piorou.

"Ninguém conseguiu diagnosticar-me o problema," diz a senhora Verges, com um estremecimento. "Eu ficava de pé durante um dia ou dois; e de seguida acamava durante dez. Falou-se num tumor cerebral, cegueira e outras coisas terríveis, mas gradualmente fui ficando mais forte. Algum tempo depois, engravidei e o primeiro mês correu bem. Então fiquei muito doente e, apesar das inúmeras consultas médicas, fiquei cada vez pior. Em desespero, telefonei para Jeane e implorei que ela me dissesse a verdade. Eu fiquei com medo de estar a morrer."

Jeane meditou antes de responder e depois disse a Evelyn que ela nunca poderia ter o filho, ou isso lhe levaria a vida assim como a dele. Essa foi uma notícia devastadora para Evelyn, que já tinha dois filhos e desejara seis, pelo que ela decidiu suportar a doença e tentar dar à luz. "Eu encontrava-me completamente acamada e não conseguia comer," recorda ela. "Todos os principais especialistas foram chamados a atender ao meu caso, mas eu estava a ficar fraca demais para me importar se ia viver ou morrer. Uma manhã, o meu marido estava a barbear-se, quando ouviu o chocalhar da morte na minha garganta.

Ele correu para um baú gavetas, pegou numa garrafa de conhaque Pedro Domecq que o embaixador espanhol lhe tinha enviado e derramou a maior parte na minha garganta. Eu senti-me a escorregar e a flutuar para longe. O meu marido localizou freneticamente um ginecologista famoso que me levou ao hospital e imediatamente operou para remover o feto que me estava custar a vida. Conforme Jeane tinha previsto, a operação revelou que de qualquer modo a criança não teria hipóteses de sobreviver."

A senhora Verges encontrava-se presente quando uma bela jovem mostrou a Jeane uma fotografia do noivo. Ao tocar na foto, Jeane disse à garota que esse não era o homem com quem ela deveria casar e insistiu que ela esperasse até que a pessoa certa aparecesse. Mas o casamento ocorreu quase de imediato e, quando

um bebé nasceu um ano depois, a jovem percebeu o terrível erro que cometera ao não dar ouvidos à Jeane.

"Foi um pesadelo vivo," diz a Sra. Verges. "Os detalhes são indescritíveis demais para serem relatados, mas ela teve que fugir para salvar a vida. Se ao menos ela tivesse prestado atenção ao aviso claro da Jeane! Mas quem pode dizer a uma jovem apaixonada que se refreie e se afaste do perigo? Jeane acha que precisamos enfrentar esses perigos para crescer por meio deles e testar a nossa fé. Graças a Deus ela usa o dom que tem para ajudar, guiar, dar coragem e apoio. Ela não abriga malícia no coração para com ninguém, mesmo aqueles que a ofenderam deliberadamente. Ela é uma mulher religiosa e piedosa que sente que Deus tem provas para cada um de nós - provas de coragem, amor, fé e perseverança.

Evelyn Verges testemunhou outra frase profética de Jeane, que ocorreu quando as duas mulheres voavam juntas para Nova Iorque no final do outono de 1961. Expressando preocupação com respeito a alguém próximo a elas, a senhora Verges confidenciou que a mulher havia ameaçado cometer suicídio. Assim que ela proferiu a palavra "suicídio," Jeane teve um clarão psíquico e murmurou: "Não, ela nunca o fará; mas Marilyn Monroe vai fazê-lo."

"Marilyn Monroe!" exclamou Evelyn. "Por quê, Jeane, o que é que a leva a dizer uma coisa dessas sobre a adorável jovem que tem tudo no mundo por que viver?"

"Eu sei," disse ela, "mas isso acontecerá no ano que vem. Acabei de ver." Evelyn Verges estava na Itália há nove meses depois, quando os jornais encabeçaram a notícia chocante de que a bela estrela de cinema loira que cantou o "Happy Birthday," por altura do cumprimento de aniversário feito ao presidente "Kennedy na festa da presidência em Nova Iorque, pouco tempo antes de tirar a própria vida com pílulas para dormir.

A de Marilyn Monroe não é a única morte trágica de estranhos, que constavam apenas como nomes nas notícias, que Jeane previu. Eleanor Bumgardner recorda que, enquanto discutia os planos para uma viagem ao exterior no final do verão de 1961, Jeane exclamou abruptamente: "Está tudo bem, Senhora, desde que você não voe no mesmo avião que Dag Hammarskjold em meados de Setembro. O avião dele vai cair e ele morrerá."

Lady, que nunca tinha conhecido o Secretário-Geral das Nações Unidas, observou secamente que eles não tinham planos de viagens em comum. Ela estava na Europa em 18 de Setembro quando leu que Hammarskjold morrera num acidente de avião no Norte da Rodésia, durante uma missão que tentava estabelecer um cessar-fogo entre as forças da ONU e as do Katanga no Congo. Jeane estava certa de novo, mas como ela conseguiu isso? Ela diz apenas: "Eu vi isso acontecer enquanto conversava com Lady. Não adiantaria tentar avisar o Sr.

Hammarskjold. Ele não sabia nada sobre mim e não teria prestado a menor atenção."

Muitas das premonições de Jeane são menos dramáticas, mas igualmente surpreendentes para as amigas cujas vidas tocam. Emma Perley Lincoln, uma ex-escritora de jornais que moderou um programa de rádio de Washington durante e após a Segunda Guerra Mundial, recorda que conheceu Jeane pela primeira vez numa festa de beneficência no Sulgrave Club em 1944. Jeane estava a dar leituras com a sua bola de cristal para ajudar a Cruz Vermelha e a fila de espera era longa, mas quando a cadeira ao lado de Jeane por fim ficou vaga, "Bab" Lincoln ocupou-a. Ele estava preocupado com outra pessoa pelo que perguntou: "O que acontecerá a uma amiga que tenho chamada Alice?"

Jeane estudou a sua bola de cristal antes de responder: "A sua amiga está separada do marido faz muito tempo, mas ela voltará para ele dentro de dois ou três meses."

Bab diz sobre o incidente: "Alice e o marido estavam divorciados há quase quinze anos e a ideia de voltarem a ficar juntos soou tão ridícula que eu tive que rir. Eu conhecia o caso intimamente e sabia que ela não o via há vários anos, por ele ser alcoólatra." No entanto, um mês depois da festa, Alice recebeu uma ligação telefônica do seu ex-marido, a relatar que se reabilitada através dos Alcoólicos Anónimos e que queria vê-la de novo. Um mês depois, eles casaram-se de novo.

Miss Lincoln ficou tão impressionada com o poder psíquico de Jeane que a convenceu a fazer uma leitura para a sua irmã na primavera de 1952. Jeane disse à Sra. Dorothy Hawley que vira "dois adoráveis netos." Quando a Sra. Hawley respondeu que tinha apenas um, Jeane sorriu de forma conspiradora: "Com que então a sua filha não lhe disse que está grávida de novo, porque é facto que está." A filha morava numa outra cidade, mas Dorothy telefonou-lhe de imediato para perguntar se estava grávida. A jovem ficou surpreendida. "Como foi que adivinhou, mãe? Eu própria acabei de o descobrir."

Em Junho de 1953 Jeane estava a dar leituras publicamente numa instituição de caridade, quando teve uma visão da Corte Suprema, e logo por cima do selo do Juiz Presidente uma cadeira coberta de preto. "Ah, querida," lamentou ela, "o Presidente do Supremo de Justiça morrerá dentro de alguns meses." Aqueles que a ouviram disseram aos amigos e, quando o Presidente do Supremo Fred Vinson morreu inesperadamente em Setembro, o jornalista Hazel Markel relatou a curiosa história da profecia de Jeane no programa de rádio nacional.

Jeane sofre uma demanda constante por entrevistas de rádio e televisão, e a Sra.. Shirley Peick recorda que uma vez quando ela acompanhou Jeane a um estúdio de TV, um cinegrafista incrédulo a provocou sem piedade. "A Sra. Dixon

nunca o tinha visto antes, mas como sempre, ela era a personificação da paciência," diz a Sra. Peick. "Ela não fez a menor tentativa de se defender ou de discutir com o homem. Em vez disso, ela disse-lhe que via um bebé novinho em folha perto dele. O homem ficou surpreendido. Com uma mudança decidida de atitude, ele disse que a sua esposa havia dado à luz uma menina na noite anterior.

Helen Rouse, esposa do vice-presidente de uma associação de poupança e empréstimo de Washington, é outra pessoa que pode atestar os estranhos poderes de precognição de Jeane. Quando conheceu Jeane, em 1949, ela trabalhava para uma empresa de cosméticos e estava a divorciar-se. Sentindo o humor deprimido dela, Jeane tocou-lhe os dedos e disse: "Não se incomode. Dentro de dois anos, você casará com um homem perfeitamente maravilhoso, perfeito para si. Ele tem olhos azuis e luz, cabelos prematuramente grisalhos. Vejo que as iniciais dele são GR. Você será mais feliz e mais próspera do que nunca." A futura Sra. Rouse deve ter refletido a sua descrença, porque Jeane acrescentou: "Você já o conhece. Você o conhece desde que era adolescente."

Helen em vão vasculhou o cérebro em busca de qualquer um que conhecesse com as iniciais GR, e por fim afastou a previsão da mente. Logo após o divórcio, ela entrou numa empresa de poupança e empréstimo para abrir uma conta e foi saudada por Pete Rouse da sua secretária. Ela mal o via desde que eram colegas de escola na Central High School, mas ele disse-lhe: "Você vai ficar surpreendida ao saber que estou a divorciar-me." Helen fez menção ao próprio divórcio recente e, depois que o decreto se tornou definitivo, Pete convidou-a para jantar. Seguiu-se um namoro de seis meses, durante o qual Helen soube pela primeira vez que Pete era apenas um apelido; ele tinha sido batizado como Gordon Rouse. Não só Jeane tinha previsto as iniciais corretas, como o restante da descrição também se aplicava, e Helen foi casada com o homem de olhos azuis "perfeitamente maravilhoso" durante catorze anos.

Mary Goldsmith, executiva da sede do Sindicato Internacional de Teamsters em Washington, foi uma das pessoas a quem Jeane predisse o assassinato do presidente Kennedy uma semana antes do trágico evento. Mary já havia testemunhado outras manifestações do talento psíquico de Jeane mas contou-me sobre um almoço de negócios que os dois tiveram com um polícia e um civil que se encontravam activos num projeto de reabilitação do governo.

Os homens nunca tinham conhecido Jeane antes, mas quando Mary mencionou a capacidade parecendo que ela tinha de prever o futuro, o polícia idoso jocosamente perguntou o que o esperava. Em vez de mergulhar no futuro, Jeane disse-lhe: "Quando atingiu os cinquenta anos de idade, aconteceu algo que mudou o resto de sua vida para melhor." Tocando a mão do mais jovem, ela disse: "Você está com cerca de trinta e sete anos. Quando atingiu os dezasseis anos, algo trágico aconteceu consigo que lhe mudou a vida para pior." Em breve Jeane saiu para um outro compromisso, e os dois homens viraram-se para a Sra. Goldsmith, atónitos. O polícia falou primeiro e disse: "Eu fui alcoólatra até os

cinquenta anos. Depois parei de beber e, por me ter reabilitado com a ajuda de amigos, decidi dedicar a minha vida a ajudar os outros."

O homem mais jovem fez um ruído de limpeza da garganta e decidindo igualmente confessar, disse: "Ela disse que eu tinha uns trinta e sete anos ou trinta e oito. Eu cresci numa família Católica muito pobre, mas estrita. O meu pai era alcoólatra e, quando estava bêbado, batia na minha mãe. Por fim, quando eu tinha dezasseis anos, bati-lhe. Foi a primeira vez que lhe pus a mão, mas fugi de casa naquela noite e alistei-me no exército. Fiquei tão chocado com o que fiz que comecei a beber e logo acabei tornando-me alcoólatra. Finalmente casei-me, mas eu era o tipo de pai de quem os meus próprios filhos fugiam. Por fim, reabilitei-me juntos dos Alcoólicos Anónimos, e é por isso que agora estou a trabalhar em reabilitação."

Mary Goldsmith recorda uma outra vez, em que depois de acompanhar Jeane a uma estação de rádio na Virgínia, ela e Jeane foram jantar com um médico desconhecido de Jeane. A conversa voltou-se para a entrevista no rádio, e Jeane perguntou ao médico se ela podia ver as mãos dele. Ele estendeu-lhas, palmas para cima, e Jeane tocou levemente as pontas dos dedos. "Aos 35 anos, ocorreu-lhe uma tragédia terrível que mudou o seu padrão de vida. Teve que ver com a sua esposa."

A Sra. Goldsmith notou que o médico se mostrou invulgarmente reservado durante o resto da refeição. Conhecedor da sua mentalidade científica, ela pensou que ele poderia estar irritado com a conversa, mas depois de pagar o cheque, ele encurralou Mary no vestíbulo. "Escute," disse ele, "apenas três pessoas no mundo inteiro sabem o que me aconteceu comigo eu tinha trinta e cinco anos. A minha esposa sofreu um colapso mental. Nós ministramos-lhe um tratamento de choque e fizemos tudo o que a profissão médica poderia proporcionar, mas foi inútil. Ela teve que ser institucionalizada, e os nossos filhos foram levados a viver com parentes. Até mesmo eles não têm conhecimento do que sucedeu à mãe. Posso garantir que mudou drasticamente o padrão da minha vida. Essa sua amiga deve ter um dom raro de Deus."

A própria Mary Goldsmith acreditava que Jeane era um dom divino. Ela disse que quatro anos antes havia sofrido uma forte dor abdominal e que fora ao hospital George Washington para fazer um exame. "Jeane me disse que eles iriam encontrar algo, mas para não me preocupar, porque não seria cancro." Mary continuou. "Testes extensivos não revelaram nada. Fiquei nove dias internada, mas todos os testes deram negativo. Na sexta-feira, Jeane disse que iriam encontrar o problema na manhã da terça-feira seguinte. Naquela terça-feira, os médicos disseram-me que finalmente haviam localizado uma hérnia inoperável na cavidade torácica, que me estava a pressionar o coração. Eles recomendaram-me uns tratamentos e mandaram-me para casa.

Quando falei com a Sra. Goldsmith, no início de 1964, ela estava de novo no hospital. Antes de fazer o exame, Jeane tristemente confidenciou a John Teeter, do Damon Runyon Cancer Fund: "Desta vez, a doença de Mary é fatal. Eles vão encontrar um cancro, e ela tem apenas alguns meses de vida." O diagnóstico psíquico de Jeane foi rapidamente confirmado por exames médicos e, em meados de Julho, Mary morreu de cancro.

Um dos aspetos mais notáveis do estranho talento de Jeane é a aparente capacidade de que goza de vislumbrar o ontem ou o amanhã com a mesma facilidade. Quando ela lê para uma pessoa, o filme da sua vida aparentemente corre para trás e para a frente através do projetor dela. Devido a essa faculdade, ela já estava a tornar-se familiar na esfera social e oficial de Washington quando anunciou em Janeiro de 1948 que o presidente Harry S. Truman seria reeleito em Novembro. Tão poucos pensaram o mesmo que as amigas de Jeane começaram a pensar que ela estava a perder a destreza.

A Sra. Walter Maloney, esposa de um advogado de Washington, recorda que, enquanto Jeane estava a fazer-lhes uma leitura em Janeiro, ela disse-lhe para fazer um pedido. Então, Jeane estudou a sua bola de cristal e disse: "O seu desejo não é particularmente pessoal, mas você vai conseguir. Isso tornar-se-á realidade." Sentindo que havia enganado a amiga, a Sra. Maloney confessou, a rir, que desejava a reeleição do Sr. Truman, e que as hipóteses eram enormes. Jeane disse-lhe que o desejo, contudo, se tornaria realidade, porque ela vira a vitória dele na bola de cristal. Nesse mesmo período, ela telefonou à sua amiga Estelle Friedrichs e disse-lhe para não se preocupar com o emprego que tinha na Casa Branca, porque "O Sr. Truman será eleito."

A previsão dela espalhou-se rapidamente pelos círculos oficiais, e algumas rececionistas de Washington riscaram-na coléricas das suas listas de festas. Uma secretária social de uma das embaixadas chegou a telefonar para pedir que Jeane mudasse publicamente a previsão que fizera, "Porque você está ridicularizar-se com essa." Jeane manteve-se resoluta. Algumas semanas depois, aparecendo no programa de rádio local de Bab Lincoln, Jeane previu que os rivais nomeados seriam Thomas E. Dewey e Harry S. Truman.

"Eu vejo o Sr. Dewey a desaparecer numa enxurrada de jornais," disse Jeane "e uma coroa de louros da vitória a assentar sobre a cabeça de Truman." O comentarista político Ray Henle também transmitiu a sua previsão no seu programa de rádio nacional "Three Star Extra," e foram derramadas cartas de maus tratos sobre Jeane de todas as partes do país. Ninguém parecia acreditar nela, nem mesmo a sua amiga, a senhora Friedrichs.

No sábado antes da eleição, Maloney estava a trabalhar como voluntária na sede da Truman, a solicitar doações num esforço de última hora para comprar tempo de transmissão para os discursos políticos do presidente. Apenas um dia ou dois antes de lhe ter sido cortado o ar por falta de dinheiro. Jeane parou para

deixar uma contribuição e queixou-se: “Madeline, todo mundo pensa que eu sou louca. Vamos tentar de novo com as cartas, a ver se ainda obtenho as mesmas vibrações.”

Recordando daquele dia agitado, a Sra. Maloney ainda sorri. “Ela trouxe as cartas velhas e gastas que por vezes usa e mandou-me parti-las. Então ela deitou-as. Não disse nada durante alguns minutos, mas finalmente ergueu a cabeça e disse que simplesmente não conseguia ver outra coisa. Truman ia vencer. E venceu, para surpresa de praticamente todo mundo, menos o presidente e Jeane. Quatro anos depois, durante a campanha de 1952, Jeane disse à Sra. Maloney que ela vira uma nuvem negra sobre Adlai Stevenson. “Ele não vai ganhar,” disse ela, “mas a sua estrela está em ascensão e um dia ele assumirá o seu lugar de direito no governo. Porém, ele nunca chamará à Casa Branca de lar. Os Republicanos obterão dois mandatos e depois os democratas outros dois mandatos.” Uma democrata ardente, a Sra. Maloney ficou naturalmente desapontada com tal previsão. Ela recorda que Jeane continuou: “Vi o Sr. Stevenson numa visão em que ele vai ficar muito doente. Ele será levado às pressas para o hospital para uma operação, mas ele recuperar-se-á. Ela logo se provaria igualmente certa com respeito a isso.

Pouco antes das convenções de nomeação naquele verão de 1952, a moderadora de televisão Martha Rountree deu uma grande festa no seu jardim em Washington. A maioria dos potenciais candidatos foi convidada e Jeane foi convidada a trazer a sua bola de cristal. Ao fazer uma leitura para Averell Harriman e o senador Richard Russell, Jeane disse-lhes que veriam a indicação democrata negada e que o nome do candidato começaria por um S.

O palestrante Sam Rayburn posou para uma foto com Jeane, que estava vestida como uma princesa cigana, e pareceu visivelmente chateado quando ela lhe disse que ele perderia a Presidência. “Mas você ficará sem a posição elevada que ocupa apenas durante um tempo,” tranquilizou-o ela. “Depois você recuperará o seu martelo e, no aniversário dos seus setenta e três anos, terá a maior honra de toda a sua carreira.” O resto é história. Adlai Stevenson, cujo nome começa por um S, ganhou a nomeação, mas com os Republicanos na crista da onda, Eisenhower, reconquistou o controlo da Câmara e do Senado naquele Outono.

O representante do GOP, o Partido Republicano, Joseph W. Martin Jr., substituiu o “Sr. Sam” como Presidente da Câmara; mas dois anos depois a maré mudou e ele recuperou a Presidência. No seu septuagésimo terceiro aniversário, os democratas organizaram um tremendo “jantar me honra de Sam Rayburn” que sobrelotou o salão, e o presidente Eisenhower homenageou-o com uma placa. No dia seguinte, o Sr. Rayburn fez um telefonema galante à Jeane para lhe dizer: “A crença que tenho em si é muito grande. O jantar foi a maior honra que já me foi paga. Você continue a fazer o trabalho que está a fazer para as pessoas, porque essa previsão estimulou-me quando as coisas me pareceram sombrias.”

Eu conheci Jeane pela primeira vez na noite da festa de Martha Rountree e, posteriormente, escrevi uma coluna em que citei a previsão de que o general Eisenhower reconquistaria a Casa Branca. Jeane também disse a Hope Ridings Miller que o general derrotaria Adlai Stevenson e Hope ficou tão dececionada que pediu para ser notificada imediatamente caso a previsão mudasse. A Sra. Miller, agora editora da revista Diplomat, recorda: "Eu estava no Waldorf em Nova Iorque duas semanas antes da eleição, quando recebi um telegrama de Jeane Dixon. Ela disse que seria Eisenhower com uma vitória esmagadora. E foi."

Na primavera seguinte, em 14 de Maio de 1953, Martha Rountree convidou Jeane para aparecer com a sua bola de cristal num programa de televisão da NBC. Antes de aceitar, Jeane perguntou se achava que ela pudesse falar sobre previsões anteriores se ela não visse algo novo na sua bola de cristal enquanto estivesse no programa. Miss Rountree concordou, por Jeane ter salientado solenemente que "não ser coisa que se possa desligar e ligar como uma torneira de água." Jeane também verificou astrologicamente a data do programa, para estabelecer que esse era um dos seus dias "bons."

Ao fazer isso, ela usou um sistema que lhe fora ensinado em criança na Califórnia, por um padre jesuíta chamado padre Henry. Ao estudar o seu próprio mapa astral, ela determinara, havia muito tempo, que cinco e nove eram os seus melhores números e que ela deveria proteger-se dos quatro e dos oito. Por isso, 14 de Maio de 1953 parecia uma data excelente. Maio é o quinto mês e, como na numerologia os números de uma data são somados lateralmente, o primeiro e o quarto do décimo quarto dia totalizam cinco. Da mesma forma, o ano de 1953 soma dezoito, e oito e um totalizam nove.

O programa foi para o ar e, quando o ex-embaixador da Rússia Joseph E. Davies ficou ao alcance das câmaras, Jeane estava a ensaiar mentalmente o que haveria de responder sobre uma visão recente que tivera sobre o Nepal. Em vez disso, perguntou: "Por quanto tempo Malenkov será o primeiro-ministro da Rússia?" Todo mundo estava inquieto, exceto Jeane, que não parecia nem um pouco perturbado com a perspetiva de esgrima diante das câmaras de televisão com o famoso especialista russo que havia escrito o livro best-seller, 'Missão a Moscovo'. Examinando a bola de cristal, Jeane "viu" Malenkov a ser substituído por outro homem cuja imagem ela via bastante clara, e respondeu: "Ele cederá em pouco menos de dois anos o lugar a um homem com a cabeça ovalada, cabelos grisalhos ondulados, um cavanhaque e olhos esverdeados."

O embaixador soltou uma risada desconsolada. Exibindo o seu conhecimento superior da União Soviética, ele retrocou que as substituições de primeiros-ministros russos não são feitas de forma pacífica; eles morrem ou então são baleados. Além disso, acrescentou, os russos não gostam da substituição que ela descreveu, pelo que ela estava errada em todos os aspetos.

Jeane respondeu calmamente que estava a dizer o que "via," não o que "pensava," e que o evento definitivamente ocorreria um pouco em antes de dois anos, porque ela "viu uma pequena cauda no dois."

A essa altura, ela tinha cativado toda a atenção do grupo, que incluía o ex-embaixador na China Patrick J. Hurley e a sua esposa. O comandante da marinha Lemuel C. Shepherd e a Sra. Shepherd e a Sra. Davies, ex-Marjorie Post, herdeira de uma fortuna de cereais. Jeane, no entanto, parecia alheia a todos, por uma outra imagem estar a começar a formar-se na bola de cristal. Falando ansiosamente, ela disse que o cavalheiro de barbicha governaria apenas por pouco tempo, até que um homem mais baixo e careca assumisse o controlo.

"Logo depois," continuou ela, "uma bola de prata entrará no espaço sideral. Ele circundará a terra e voltará para a Rússia, aterrando como uma pomba de paz na cabeça careca do homem baixo e gordo. Então ela irá afundar as suas garras no couro cabeludo dele. "Isso significava, explicou ela, que depois que a Rússia lançou o primeiro objeto em órbita do mundo, os soviéticos passariam a deter um enorme poder. Jeane formou um círculo com as mãos de modo a indicar o formato do futuro Sputnik.

A essa altura o Embaixador Davis não se conseguiu conter mais. Pegando-lhe pelo braço, disse-lhe com aspereza: "Não, não, isso não vai acontecer nunca. Eu fui Embaixador lá e sei que as coisas não são feitas desse modo na Rússia." Ao recordar o dramático incidente Jeane suspira: "Muito mais estava a surgir, mas o Sr. Davis na realidade agarrou-me o braço e abanou-me, dizendo que eu precisava ler o livro dele e informar-me acerca da Rússia. Eu fiquei tão absorta que esqueci que estávamos na televisão. Caso contrário não teria feito aquilo que fiz a seguir." Os telespectadores viram Jeane a exclamar: "Ah, Sr. Embaixador, acabou de estragar a sintonia que estava a ter."

O Sr. Davis ainda fazia troça de Jeane quando o programa terminou, porém, viveu para ver o que ela provara ser certo. Dois anos menos um mês mais tarde, Marshal Bulganin substituiu pacificamente Giorgi Malenkof como Primieiro-Ministro Soviético. De cabelo grisalho e barbicha, Bulganin enquadrava-se com precisão na descrição que Jeane fizera, e o cabeça rechonchuda e calva Nikita Khrushchev assumiu as verdadeiras rédeas do poder como chefe do Partido Comunista. Em 1957 os Soviéticos puseram em órbita o primeiro satélite construído pelo homem, e Krushchev depôs Bulganin no seguinte mês de Março. Porém, em 1953, a audiência divertida de Jeane não podia partilhar da visão dela do formato das coisas por vir.

No mesmo ano John P. Philpott, um oficial da Federação Americana do Sindicato dos Trabalhadores de Retalho estava em casa dos Dixons a falar de uma viagem à Califórnia, quando Jeane teve uma visão de "um anel de noivado dourado" a descer sobre o Sindicato que representava e o Congresso das

Organizações Industriais. “Ah, Sr. Philpott,” interrompeu ela, “o AFL e o CIO vão-se fundir.”

“Nunca,” zombou ele. “Nunca, jamais. Eles encontram-se a mundos de distância.”

Imperturbável, Jeane insistiu: “No entanto, eles vão-se fundir, por eu ter visto um casamento sobre eles. Isso irá suceder dentro de dois anos.” A 5 de Dezembro de 1955, o CIO fundiu-se com o AFL.

Por entre os segredos mais bem guardados da Administração Eisenhower estava a pontuação de golfe do Presidente. Numa noite de Maio de 1953, Martha Rountree estava a ajudar a ensaiar um programa de radio para veteranos inválidos no Bethesda Naval Hospital nas proximidades de Maryland, e tinha convidado a Jeane para participar num segmento do programa com o comediante Bob Hope. Eu aparecia num outro segmento, como membro de um painel no programa de TV da Martha “Leave It Ti The Girls,” e encontrava-me nos bastidores quando Bob Hope entrou apressadamente, para aplausos dos veteranos. Jeane, envergando um longo vestido de noite, foi conduzida ao palco e apresentada a Hope como a mais famosa vidente de Washington. O comediante saiu-se com umas quantas piadas e a seguir provocou-a: “Bem, Sr.ª Dixon, estive a jogar golfe com Ike esta tarde no Burning Tree. Se você é tão boa, diga-me a pontuação que eu consegui.”

Examinando a sua bola de cristal, ela respondeu serenamente: “Vou-lhe dizer não só a pontuação que teve como também a do presidente. Foi 96 e 92. Você venceu.”

O sorriso desvaneceu-se-lhe do rosto, e por um instante Bob pareceu incorrer no risco de ter um colapso. Assim que o programa terminou, ele apanhou o irmão do gestor dele atrás do palco e murmurou: “Jack, esta mulher Dixon arruinou-me. O presidente nunca irá acreditar que eu tenha revelado a pontuação dele.” De seguida ordenou que a pontuação fosse apagada da gravação do programa que iria ser difundida a nível nacional no seu programa regular. Não se atreveu a difundir o facto de que Ike tivera 96.

CAPÍTULO 10

Num domingo de Novembro de 1954, um grupo de amigos reuniu-se no escritório da imobiliária dos Dixon para discutir uma exposição que a artista Emma Ench tinha organizado em sua casa em Paterson, Nova Jérsia, em proveito do Damon Runyon Cancer Fund. A menina Ench sentou-se numa cadeira perto da porta, Jeane Dixon atrás da grande mesa do marido e Lorene Mason ficou empoleirada num canto da mesa entre eles. Estelle Friedrichs, conhecida pelos seus amigos como Mike, e Shirley Peick completavam o círculo.

A menina Ench trouxe consigo uma pilha de fotografias de oito por dez, da exposição; cada cena ilustrava uma cantiga infantil como "A velha que vivia de sapato." Uma a uma, ela passo-as a Lorene, que exclamou a qualidade artística e as passou a Jeane, que também comentou a sua beleza, e as distribuiu ao redor do círculo. Lorene Mason recorda que a décima fotografia mostrava uma seção transversal da exposição na sala de recreação de Emma, que ela considerava particularmente atraente, mas ao entregá-la a Jeane, a vidente soltou-a como se tivesse os dedos a arder e gritou de horror: "Ah, Emma, você vai ter um incêndio terrível a menos que tenha muito cuidado!" Os presentes reconstruíram a conversa que se seguiu da seguinte forma:

Emma: "Ora, Jeane, não tente usar isso a título de pretexto para não vir até Paterson ver a exposição. O inspetor de incêndios já lá esteve e aprovou os preparativos."

Jeane: "Emma, por favor! Não posso preveni-la o suficiente para prover que tudo seja deixado à prova de fogo."

Emma: "Não se preocupe, Jeane; está tudo bem, garanto-lhe."

Jeane: "Emma, Emma, tenha cuidado. Você precisa ter tudo nesse espaço à prova de fogo ou irá ter uma terrível tragédia. Eu imploro-lhe!"

Emma: "Jeane, não esteja a repetir isso. Eu digo-lhe que o inspetor de incêndios diz que está tudo bem."

Jeane: "Emma, por favor, por favor, dê-me ouvidos."

A reunião terminou com um pouco de embaraço, e a menina Ench saiu com a senhora Friedrichs. Jeane murmurou em tom de resignação à menina Mason, que tinha ficado para trás: "Coitada da pobre Emma! Pobre Emma!" O encerramento da exposição estava marcado para 15 de Janeiro e, dois dias depois, Jeane e a menina Mason voaram para Nova Iorque em negócios da Runyon. Quando entraram no escritório do diretor, a secretária do Sr. Teeter exclamou: "Não é horrível aquilo da menina Ench?"

Ela entregou-lhes uma cópia do jornal Paterson Morning Call, datada de 17 de Janeiro de 1955, cujo título do cabeçalho de oito colunas dizia: FOGO EM FESTA MATA MISS ENCH. A notícia começava: "A autora de uma exibição encantadora em proveito do Damon Runyon Cancer Fund morreu ontem à noite no Hospital Geral de Paterson de queimaduras que sofreu num incêndio que destruiu a adega onde a exibição tinha lugar. Seis outras pessoas sofreram queimaduras, tendo uma ficado gravemente queimada. Morta está a menina Emma Ench, de 40, que dedicara a exibição à mãe que morreu de cancro.

A exibição de casas de bonecas de brincar sobre uma mesa grande, no porão da casa de Richard Ench atraíra centenas de visitantes desde que foi criada cerca de uma semana antes do Natal. Homens, mulheres e crianças estavam a desfrutar de uma festa ao redor da exibição foram forçados a fugir por uma escada em chamas na parte de trás da casa. Os bombeiros disseram que um doce batido de xarope de milho, açúcar e gelatina que se incendiara fora responsável pelo incêndio.

"Testemunhas disseram que o doce de xarope atingiu o cenário chamado 'A Terra do Faz de Conta,' e em segundos as chamas espalharam-se através das plantas de folha persistente secas e o algodão absorvente, cortando a saída através da garagem."

O artigo passou a relatar que depois de fechar a exposição, a menina Ench, decidiu dar uma festa final às quinze crianças e adultos do bairro que a ajudaram com a exposição. Ela estava preocupada com a secura das plantas e observou que ela precisava removê-las do dia seguinte O dia seguinte foi tarde demais. Uma criança que torrava doce na lareira, sacudiu excitada o bastão quando o doce pegou fogo e foi atirado contra os verdes secos como pó que enfeitavam o teto. A menina Ench, que era conhecida em Paterson como "A Senhora do Pai Natal" por causa das iniciativas de cariz caritativa que praticava todos os Natais, morreu após ser arrastada inconsciente para fora da casa.

Lorene Mason, a segurar o jornal que narrava a história da catástrofe, olhou atordoada para Jeane. "E você avisou-a," disse ela. Em retrospeto, parece estranho que Emma Ench deva ter ignorado tão completamente o aviso da sua amiga. Ela conhecia a reputação de que Jeane gozava como psíquica, e embora ela não pudesse saber o quão precisas as previsões que ela fizera sobre A Rússia e o satélite se deveriam vir a provar, ela estava inteirada do Kentucky Derby de 1953.

No ano anterior ao trágico incêndio, Jeane recebeu um telegrama de amigas das corridas em Nova Iorque, a perguntar se deveriam apostar no Native Dancer, o favorito no Derby. Antes de responder, Jeane ligou a Estelle Friedrichs e disse: "Eu simplesmente não vejo que o Native Dancer venha a ganhar, mas também não vejo que venha a perder. Estou confundida." Mike respondeu que um cavalo não precisa chegar em primeiro lugar para dar dinheiro, porque também pode ficar em Place (segundo lugar) ou Show (terceiro lugar).

"É isso aí..." disse subitamente a Jeane. "Native Dancer cortará a meta em segundo lugar," e foi exatamente o que aconteceu com o anteriormente invicto favorito.

A senhora Friedrichs teve inúmeras oportunidades de observar os poderes misteriosos da amiga. Na manhã do Domingo seguinte ao seu primeiro encontro, ela convidou Jeane para parar no seu apartamento depois da missa. Quando Jeane chegou, Mike usava um vestido caro manto de bolinhas de seda vermelha que ela

comprara em Nova Iorque no mês anterior após receber inesperadamente um convite para visitar amigos ricos na propriedade que tinham nas proximidades. Jeane sentou-se no sofá, mas imediatamente começou a mexer-se irrequieta, e por fim aventurou-se a dizer: "Tem outra túnica que possa vestir? Eu simplesmente não consigo me concentrar com essa por perto. Ela pode trazer-lhe azar."*

** (NT: Na verdade há muitas pessoas a quem a seda é prejudicial na medida em que exclui ou altera a corrente das vibrações elétricas necessárias para os processos de vitalização, ou então, se elas contiverem muita eletricidade, retém as partículas dentro do corpo, por não ser um condutor desse elemento, segundo Benjamin Rush.*

Embora o próprio Mike considerasse a túnica invulgarmente apropriada -- ela de bom grado se foi mudar ao camarim e colocar outra. Quando reapareceu, a voz de Jeane refletia alívio. "Bom," disse. "Não use mais a outra. Ofereça-a. Pode não trazer má sorte a outra pessoa, mas há de trazer-lhe a si." Aquilo de que a Sra. Friedrichs não podia ter conhecimento à altura era que a má sorte dela já estava em andamento. Por causa do fim de semana passado na festa em casa para a qual ela comprara a túnica, ela em breve viria envolver-se de forma inocente na investigação de uma transação em dinheiro de que os seus anfitriões tinham feito parte. Mike não sabia nada do acordo, mas quando uma investigação do governo foi iniciada ela foi vergonhosamente examinada por causa de posição que tinha na Casa Branca.

Os anos passaram-se e, conforme Jeane previra, Mike ficou na Casa Branca sob a cobertura de Truman, bem como da Administração Roosevelt. No final da primavera de 1951, o chefe dela, David K. Niles, disse-lhe que se estava a demitir por causa de problemas de saúde.

Ele sugeriu-lhe que, durante a convalescença de uma operação iminente, ela fosse para o exterior por um par de meses como membro de trabalho numa conferência oficial. Mike adorou a ideia, mas absteve-se de se comprometer até pedir um conselho à Jeane. Jeane aconselhou-a a ir, dizendo: "Vai ser como educação universitária para si. Você acha que vai ser ido apenas dois meses, mas na verdade você vai ficar fora sete." Mike achou que não, e a Casa Branca também. Ela partiu a 8 de Agosto de 1951 de barco, como secretária da delegação dos EUA para uma conferência administrativa de comunicações (rádio) que era para iniciar a 15 de Agosto em Genebra e fechar em Outubro. A conferência, convocada para definir a atribuição de comprimentos de ondas de rádio internacionais, estendeu-se até o início de Dezembro, após o que Mike tirou duas semanas de férias para visitar Roma, Milão, Veneza, Florença, e Paris.

Assim que chegou a Paris, candidatou-se ao primeiro transporte que estivesse disponível para voltar a casa, mas durante a época de Natal as passagens estavam em muito caras, e enquanto aguarda ordens do governo para

voltar de barco, ela desempenhou as funções de secretária para a Sra. Eleanor Roosevelt, que era delegada das Nações Unidas lá. No culto eucarístico da Véspera de Natal, em Paris, ela encontrou Paul Hoffman, que ao saber que ela estava temporariamente presa a destacou para trabalhar para a Administração de Socorro de Emergência. Mike permaneceu na agência até 8 de Março, quando recebeu a notícia de que o seu marido estava doente e voou apressadamente de volta a casa. Fazia sete meses desde o dia em que ela partira de barco.

O marido da senhora Friedrichs recuperou rapidamente de uma pneumonia, e logo depois receberam o dono de uma grande fábrica de meias de Nova Iorque e os Dixons para um jantar. Por insistência do estranho Jeane tocou-lhe nos dedos e previu que ele me breve seria tentado a iniciar outro negócio num campo um tanto relacionado, mas que ele não deveria fazê-lo, porque viria a ser um fracasso. Ela também lhe disse: "Você tem duas filhas. A mais velha casar-se-á em breve, mas terminará em divórcio. Posteriormente ela vai se casar de novo e ser muito feliz." No espaço de alguns meses o rico fabricante lançou um negócio de lingerie, que faliu. A segunda profecia também se tornou realidade, e agora a filha está casada pela segunda vez e feliz.

No começo de 1954, a senhora Friedrichs apresentou Jeane a uma antiga amiga, Anne Nichols, autora da peça de grande sucesso Abie's Irish Rose. A senhorita Nichols estava então a escrever outra peça, mas quando Jeane lhe tocou na mão, ela captou vibrações e comunicou: "Anne, você espera refazer uma peça sua na Broadway. Você fará isso também, mas não será bem-sucedida." Mike não sabia que a sua amiga estava mesmo a considerar uma renovação, mas em Novembro ela recebeu uma convocação para vir a Nova Iorque e ajudar nos ensaios para a Abie's Irish Rose. A peça estreou em Dezembro, fracassou, e fechou três semanas depois.

Ao fazer leituras para a Menina Nichols e outros estranhos, Jeane quase invariavelmente pergunta a data do aniversário. "Eu faço isso para obter e estabelecer sinais," explica ela, "por ajudar na minha meditação, ver em que direção as pessoas se estão a encaminhar. Eu não peço a hora do nascimento delas, porque eu não quero ser influenciada pelo que os seus horóscopos dissessem. Eu só gosto de conhecer o signo ascendente e o oposto, para eu poder captar as vibrações corretas."

Jeane marca no seu próprio calendário os dias "bons" e "ruins" um ano antes, depois de elaborar o seu mapa. "Se o dia, o mês, e o ano somar quatro," diz ela," então eu preciso ter muito cuidado nessa data particular, porque é como um navio a ser lançado sobre o oceano. Pode ser um navio estupendo, mas sempre há perigo se for apanhado numa tempestade e sofrer rudes golpes. As nossas vidas levam o mesmo tipo de tareia que um navio nos mares. As pessoas podem sentir essa tempestade dentro delas próprias, quando estão a ser esbofeteadas pelos sinais errados, mesmo sem saberem o porquê. Num dia que totalize um quatro, o meu discernimento pode não ser tão bom quanto aquele que totalize um cinco,

sete ou nove. O cinco é o meu número guia. Sete é um número milagre e o nove significa o fim das coisas e o começo de um novo ciclo."

A senhora Friedrichs recorda que, depois que Jeane apurou a data do aniversário de Margaret Truman, ela disse acerca dela: "Ela há de ser admirada por seguir uma carreira enquanto viveu na Casa Branca, mas ela nunca fará nome para si própria como cantora. Ela não se casará enquanto o pai for presidente. Mais tarde ela será bastante exigente ao escolher um marido e não o aceitará sem a aprovação dos seus pais."

Margaret Truman está agora casada com Clifton Daniel, um jornalista que ela não conheceu senão depois dos Trumans deixarem a Casa Branca. A mãe e o pai aprovaram entusiasticamente a sua escolha do companheiro. Em meados dos anos 50, a proeza de Jeane Dixon como prognosticadora política estava tão bem estabelecida que jornais e comentaristas de rádio começaram a telefonar-lhe de todas as partes da nação para perguntar a forma que a campanha de 1956 estava a tomar na bola de cristal dela.

Ela nunca tinha errado na previsão de um vencedor presidencial. Ela esteve certa com respeito à eleição de Herbert Hoover em 1928, quando ela ainda estava na escola secundária, e predisse com precisão as quatro vitórias de Franklin Delano Roosevelt assim como a sua morte. Ela previu que Harry Truman se tornaria presidente "como que por um acto de Deus" e que ele seria reeleito em 1948. Ela também previu o retorno dos Republicanos ao poder em 1952 sob a insígnia de Dwight Eisenhower.

Em 1945, ela até ousou contar ao primeiro-ministro Winston Churchill que ele viria a ser demitido por o eleitorado Britânico. Essa profecia coincidiu com a viagem do distinto líder da guerra a Washington anteriormente durante essa primavera. Lord e Lady Halifax convidaram a Sra. Dixon para uma festa em homenagem ao primeiro-ministro que se achava de visita, e embora Jeane não soubesse nada da situação política da Grã-Bretanha, ela "captou vibrações "quando ela cumprimentou com um aperto de mão o Sr. Churchill durante a receção e implorou-lhe: "Sr. Primeiro-Ministro, por favor, não convoque eleições antecipadas ou você será derrotado."

O grande velho da política Britânica virou-se para encarar a jovem atrevida. Os olhos castanhos claros cor de avelã dela devolveram-lhe o olhar, e após um instante, ele resmungou: "A Inglaterra nunca me irá deixar ficar mal."

Como se não tivesse ouvido, Jeane continuou: "Mas não importa. Você voltará ao poder dentro de alguns anos." Mesmo assim Churchill marcou as eleições para Junho daquele ano, e o Partido Trabalhista conquistou o controlo do Parlamento. Churchill foi substituído pelo primeiro-ministro Attlee e passaram-se seis anos antes que os Conservadores vencessem de novo. Então o Sr. Churchill

reassumiu a capa de primeiro-ministro, que ele orgulhosamente usou até a sua aposentadoria voluntária em 1955.

Em 1962, Jeane fez outra previsão sobre o grande estadista. Disse a Russell P. Riley que Sir Winston iria morreu no final de 1964. Ela errou por apenas 26 dias.

Depois que conheci Jeane, em 1952, comecei a escrever colunas ocasionais sobre as previsões que ela fazia, que gradualmente se transformaram numa tradição anual de Ano Novo. A coluna que apareceu com a minha assinatura no Nova Iorque Daily News em 31 Dezembro de 1955, começava da seguinte forma: "Enquanto dezenas de senadores e de governadores estão confiantes a rabiscar as resoluções de Ano Novo -- para concorrer à presidência -- a vidente favorita de Washington tem estado discretamente a estudar a sua bola de cristal. Se as últimas previsões de Jeane Dixon forem tão precisas quanto os do passado, os aspirantes à presidência podem pôr de lado os seus botões de campanha. As estrelas já decretaram que Dwight D. Eisenhower irá ser reeleito."

Na mesma coluna, ela previu que o governador Frank Lausche do Ohio faria um avanço importante, quer para a nova administração ou para o Senado, e acrescentou: "O senador Estes Kefauver falhará no seu sonho da presidência, mas será provavelmente o vencedor da nomeação em segundo lugar da lista Democrata." Essas previsões foram publicadas na minha coluna onze meses antes do Presidente Eisenhower ser reeleito e sete meses antes do senador Kefauver perder a nomeação presidencial democrata, mas conquistou o segundo lugar na lista numa corrida animada com o senador John F. Kennedy. E de facto Lausche veio a vencer a eleição para o Senado em Novembro.

O senador Kefauver estava bem ciente da previsão de Jeane sobre ele próprio, antes de ganhar por uma pequena margem ao vice-presidente nomeado na convenção de 1956. Em Janeiro daquele ano, uma amiga telefonou a Estelle Friedrichs para lhe oferecer um emprego no Comité Kefauver para a Presidência. Antes de aceitar, ela consultou Jeane, que estudou a sua bola de cristal e aconselhou: "Aceite o emprego; mas o senador Kefauver não vai ser Presidente, apesar de todas as suas campanhas e apertos de mão. Ele será o candidato a vice-presidente. Eu posso dizer-lhe agora que da lista será Stevenson e Kefauver."

A senhora Friedrichs assumiu a posição e, mais tarde, na primavera, deu uma recepção onde Jeane conheceu o senador Kefauver pela primeira vez. Por sugestão da Sra. Friedrichs, ela fez uma leitura para o aspirante a presidente do Tennessee e disse-lhe que o sentido de oportunidade dele numa tentativa da Casa Branca estava errado. "Você deveria ter esperado para fazer a sua tentativa até 1960, quando os democratas vão vencer" repreendeu ela. "Você será nomeado vice-presidente este ano, mas o seu partido será derrotado."

Vários meses mais tarde, após Adlai Stevenson ter sido nomeado pela segunda vez como porta-estandarte democrata e a seleção do seu companheiro de corrida aberta aos delegados, Kefauver, Jack Kennedy e Hubert Humphrey lançaram uma corrida informal para delegado de apoio. Recordando a profecia de Jeane, um membro da equipe de Kefauver fez um telefonema de longa distância de Chicago para dizer que parecia que com toda a probabilidade o senador Kennedy iria vencer a corrida. O que previa ela? Jeane meditou por um momento e respondeu que Kefauver iria definitivamente conseguir a nomeação para a vice-presidência. Ele foi, e o partido dele perdeu.

Quando Jeane previu, em Dezembro de 1955, que o Presidente Eisenhower seria reeleito em Novembro seguinte, o próprio Ike ele não tinha a certeza de que iria correr de novo. Ele era ainda estava em convalescença de um ataque cardíaco que a Sra. Dixon tinha anteriormente previsto. Dois dias antes do ataque, um alto funcionário no governo telefonou a Jeane para dizer que ele tinha sido convidado no verão para a Casa Branca em Denver, mas que estava indeciso quanto a ir ou não. "Você deve ir imediatamente, sem demora," respondeu ela, "porque se não o fizer, será demasiado tarde. O presidente vai ficar gravemente doente."

Jeane já havia pedido a um conselheiro da Casa Branca para avisar o Presidente para se manter longe do campo de golfe por um tempo, mas conforme era habitual ninguém lhe deu ouvidos. Dois dias depois, depois de jogar trinta e seis buracos de golfe na atmosfera rarefeita de Denver, o Presidente sofreu um ataque cardíaco. Quando o funcionário telefonou para dar a notícia da doença de Ike, Jeane respondeu calmamente: "Está tudo bem. Ele vai recuperar e ficará melhor do que antes."

Na coluna de previsões para 1956, Jeane também declarou:

"O Presidente Eisenhower irá ficar um pouco menos ativo durante o seu segundo mandato de quatro anos de presidência. Ele vai administrar o governo como vocês faria um grande negócio, delegando os poderes menos importantes e desfrutando muito mais do trabalho do que nunca. Serão os quatro anos mais apartidários da história recente. Não vejo guerra atómica no futuro próximo, e muito pouco perigo proveniente da Rússia. O nosso grande problema virá de China comunista, e o estranho é que os da China Vermelha em breve também atacarão a Rússia. Devemos começar a tratar a Rússia simplesmente como um forte concorrente, por virmos a precisar dela do nosso lado quando a China Vermelha se tornar numa ameaça para o mundo em 1964. *(NT: Data que posteriormente deu por nula, ao adiar a possibilidade em 1970)* Os democratas vão capturar a Casa Branca no 1960."

Uma das previsões mais misteriosas que Jeane Dixon já me fez pessoalmente a mim veio em Dezembro de 1958, quando eu estava a preparar a coluna das suas previsões anuais para o ano seguinte, foi: "Jonn Foster Dulles," disse ela, "não estará no Gabinete senão após meados do ano."

Divertida com a falta de perspicácia política dela, respondi: “Não vou colocar isso na coluna. Presidente Eisenhower confia no Sr. Dulles mais do que em qualquer outro membro do seu gabinete. Ele jamais sonharia em deixá-lo.”

“Não,” disse ela imperturbável, “ele não o dispensará.”
“Bem, o Sr. Dulles certamente não vai desistir,” argumentei eu.
“Toda a sua vida, ele quis ser secretário de Estado.”

Ignorando a exibição de irritação que fiz, Jeane respondeu: “Não, ele não vai querer desistir, mas não estará vivendo vivo lá por meados do ano.” Chocada, eu disse que não poderia escrever uma previsão tão terrível sobre um homem vigoroso e saudável, e na sai maneira amável ela respondeu que me cabia a mim o que escrever; ela apenas me disse o que ela previra.

Finalmente comprometi-me. Na coluna dedicada às previsões para 1959, datadas de 28 de Dezembro de 1958, escrevi: “Jeane Dixon prevê que o Secretário de Estado Dulles, com relutância e contra a sua vontade, se aposentará do gabinete antes do ano findar.” Antes da apresentação da coluna à imprensa telefonei ao editor sindical Milton Kaplan em Nova Iorque, e disse-lhe qual era realmente a previsão dela e pedi-lhe para se lembrar no caso de ela estar acertada. Algumas semanas mais tarde, o Departamento de Estado anunciou que o secretário Dulles sofria de cancro. Em 24 de Maio de 1959, ele morreu.

CAPÍTULO 11

Quando conheci Jeane Dixon, sentia-me muito cética em relação aos supostos poderes proféticos dela. Como redatora treinada de jornal, eu estava acostumada a lidar com factos e, por conseguinte redigia as colunas das suas previsões com despreocupação, num espírito de capricho, e prestei pouca atenção quando, ao preparar a coluna original em 1952, ela me disse: “Uma crise racial vai irromper nos Estados Unidos durante o ano de 1963 e vai tornar-se tão grave em 1964 que os conflitos chegarão a irromper nas ruas.”

Como a possibilidade disso parecia bastante remota na época e a minha coluna gozava de uma ampla circulação no Harlem de Nova Iorque e em outras áreas de sensibilidade racial, deliberadamente não fiz menção a essa previsão em particular, exceto ao meu editor. Porém, em cada um dos anos seguintes, Jeane repetia de forma tenaz o aviso e, em 1958, finalmente incluí a sua previsão de que um dos períodos mais tensos da história Americana iria ocorrer em 1964, mas omiti o facto de que ela se referia a uma luta entre negros e brancos.

Jeane diz que a primeira visão que teve de futuros conflitos raciais surgiu enquanto ela se ajoelhava na Catedral do Sagrado Coração, na Sunset Strip de

Hollywood, em criança. Nessa ocasião ela não viu o começo do conflito, apenas o "final glorioso" de o problema entre as raças em aproximadamente 1980.

"Tive a visão pela segunda vez em 1948, quando me encontrava ajoelhado na Catedral de São Mateus, em Washington," continua ela.

"Dessa vez foi-me mostrado o início de graves tumultos em 1963, com um agravamento da situação em 1964. Vi pessoas de cor a circular pelo topo de prédios do governo, que eram meramente os símbolos da autoridade e da política. Eu viu os negros a ser empurrados por uma força subterrânea para cima antes de se encontrarem prontos. Eles estavam a ser usados por outros para fins egoístas, e uma voz disse-me que a paz não chegaria por fim antes de 1980. Isso é a vontade de Deus e pagaremos o preço se tentarmos frustrá-la persuadindo demasiado rápido. A questão racial continuará a dominar a década de 1960, com as pessoas de cor a tentar obter igualdade de poderes e emprego antes de terem capacidade intelectual e compreensão para acatar uma responsabilidade igual."

Quando Jeane fala da raça de cor, ela o faz com amor no coração. Nos últimos vinte anos, ela contribuiu fortemente para o apoio de várias gerações de negros que vivem na Peace Plantation, um empreendimento beneficente em Sterling, na Virgínia. Ela faz frequentes viagens à fazenda, para levar roupa e comida para homens, mulheres e crianças; paga-lhes as contas médicas e dentárias. Ela comprou às crianças os primeiros vestidos e fatos de dança, levou-as pessoalmente a dentistas e oftalmologistas em Washington, arranjou-lhes empregos e deu-lhes banho com uma compreensão carinhosa. Sobre essas famílias ala diz: "Estou-lhes mais grata a eles do que jamais poderiam estar para comigo, por ter aprendido muito com elas. Aos olhos de Deus somos todos iguais."

Jeane é muito admirada pelo Élder Lightfoot Salomão Michaux, o pastor de uma tremenda congregação negra na Igreja de Deus de Washington e de outras seis igrejas em cidades de Nova Iorque a da Virgínia. Ele muitas vezes a apresenta como a "Joana d'Arc do meu povo." Os Dixons jantam ocasionalmente em sua casa, e quando os negócios certa vez impediram Jimmy Dixon de comparecer a uma das recentes festas de aniversário do Élder Michaux, Jeane levou Eleanor Bumgardner em vez dele.

No jantar, o Elder gabou-se de que ninguém sabia a idade que tinha. "Eu vou desafiar a minha audiência de Washington esta noite para tocar com os dedos no chão tantas vezes quanto eu, sem dobrar os joelhos," disse ele a rir. "Se alguém conseguir derrotar-me, eu vou revelar a minha idade correta, mas ninguém alguma vez aceitou o desafio."

Pensando que ele estava a brincar, Jane disse que ela se sentiria encantada por o desafiar. Nada mais foi dito sobre o assunto até o grupo chegar à igreja, que já estava sobrelotada com o rebanho devoto do Élder Michaux. Então o velho

anunciou do palco que, após alguns cânticos do coral a Sra. Dixon o iria desafiar para uma disputa. Jeane ficou horrorizada. Voltando-se para a senhorita Bumgardner, ela sussurrou:

"Acha que o Élder Michaux está a falar a sério? Eu não sei se eu consigo tocar no chão uma só vez que seja." Ela dirigiu-se os lavabos, tirou os sapatos e lançou-se para a frente. Para seu imenso alívio, ela tocou com os dedos no chão. Ela mal tinha retornado ao seu lugar quando os dignitários idosos nomearam um juiz que a convocou ao palco. Ele tirou-lhe o casaco, e Jeane, que envergava um longo vestido de noite negro, tirou o bolero (jaqueta) de renda branca e os sapatos de seda preta.

A maratona teve início e eles lá se dobraram para cima e para baixo, cinco, dez, cinquenta, setenta, oitenta, cem vezes. O idoso Negro começou ocasionalmente a deixar de conseguir chegar ao chão com os dedos, mas animado lá se atirou até que a contagem chegou a cem e trinta e cinco. Então, ofegante ele pediu para pararem, exclamando: "Ela é feita de borracha?" O juiz pediu-lhe para revelar a idade, mas o Élder Michaux, a rir, pronunciou a competição um empate.

Apenas uma vez na vida Jeane Dixon aparentemente não conseguiu nomear o vencedor acertado de uma corrida presidencial. Curiosamente esse aparente deslize ocorreu em 1960, embora desde 1952 ela tivesse previsto corretamente que um democrata de olhos azuis seria eleito em 1960 e seria assassinado. Na minha coluna de ano novo de Janeiro Jeane disse que John F. Kennedy não seria eleito em Novembro seguinte. Ela ainda acreditava que não era ele. Em Agosto de 1960, ela escreveu:

"O símbolo da presidência está diretamente sobre a cabeça do Vice-Presidente Nixon, mas uma pequena balança antiquada por trás de Nixon na bola de cristal pode ser interpretada de duas maneiras: a justiça prevalecerá sob orientação divina para Nixon ou então, como a balança que vi no caso do Sr. Truman em 1948, isso significa que a menos que o partido Republicano realmente vá e faça todo esforço que puder, ele vai ser derrubado."

Alguns dias antes das eleições de Novembro, Jeane animadamente correu para me dizer que estavam ocorrendo mudanças na cena presidencial retratada na sua bola de cristal. "Eu ainda vejo Nixon na metade direita da bola, o que significa vitória, e

Kennedy na esquerda," explicou ela, "mas a linha de divisão entre eles não está bem fechado na parte inferior. Através daquele pequeno espaço, vejo pequenos batedores, como cobras, a rastejar da esquerda para a direita."

Nunca tendo visto nada além do vidro transparente num cristal eu mesma não entendi do que ela estava a falar até que ela explicou: "Isso significa que, a menos que o os Republicanos policiem todas as sondagens que a vitória ser-lhes-

á roubada. Ela pegou num lápis, desenhou um círculo a representar a bola de cristal e marcou uma linha vertical no centro. No lado esquerdo, ela esboçou nuvens escuras a cercar por completo um pequeno balão e, no balão, uma estrela. No lado direito, ela desenhou uma cadeira, com um círculo representando Nixon mesmo por cima. Notei que ela não tinha trazido a linha vertical bem até o fundo do círculo, e dentro desse pequeno espaço ela sinalizou cinco cobras a rastejar para o lado direito do círculo.

"Aqui está a cadeira presidencial, mas não vejo Nixon sentar-se nela," disse ela. "As cabeças das cobras estão a cair, o que significa que a intriga democrática em cinco áreas de sondagem distintas irão furtar a Nixon a vitória que lhe cabe por direito. Isto é muito grave. Não consigo ver Nixon a consegui-la. Kennedy vai sentar-se nessa presidencial, mas algo terrível lhe vai acontecer. Ele simplesmente não consegue irromper por estas nuvens escuras que o cercam. Olhe, ele é uma estrela brilhante dentro deste balão, mas de repente o balão vai estourar e ele desaparece."

No dia seguinte, Jeane e Jimmy almoçaram com um funcionário superior do Comité Nacional Republicano, a quem Jeane esboçou a mesma imagem e fez idêntico aviso para "policiarem as sondagens." Na terça-feira seguinte, Kennedy derrotou Nixon pela margem mais estreita da história moderna. Diversos distritos foram acusados de fraude eleitoral, incluindo o Condado de Cook, o Illinois e o Texas, mas o Sr. Nixon optou por não exigir uma recontagem. Portanto, talvez nunca saibamos se a Jeane Dixon realmente errou em 1960, mas sobre essa eleição ela diz: "A minha bola de cristal mostra claramente que Nixon ganhou, mas que o prémio lhe foi roubado por certos contadores de votos desonestos. A balança antiquada da justiça estava do lado de Nixon na bola de cristal e nunca desapareceu mesmo depois que as cobras da intriga rastejaram pela lacuna."

O juiz Mitchell voltou a trabalhar no James L. Dixon Agência, com um aspeto bronzeado e relaxado depois de umas férias. Ao esbarrar nele quando ia a sair do escritório, Jeane elogiou-lhe a aparência, ao que ele respondeu com sinceridade: "Eu nunca me senti melhor na minha vida." Jeane estava a caminho de um salão de beleza na Avenida Connecticut e logo estava relaxando sob um secador quando uma visão apareceu diante dos olhos semicerrados dela. A implicação tornou-se-lhe clara e imperativa. Empurrando para o lado o secador, ela correu para o telefone que tinham na secretária de marcações e telefonou para o escritório e disse ao vendedor George Miller: "Faça o que lhe digo imediatamente e não perca tempo com perguntas. Chame uma ambulância e leve o Sr. Mitchell ao hospital. Ele está a ter um ataque cardíaco."

O vendedor assustado voltou-se de modo a poder ver Mitchell, que estava a trabalhar calmamente na sua mesa na sala adjacente. A esposa do chefe seria maluca? Dando de ombros, ele respondeu: "Ora, mas ele está bem, senhora Dixon. Eu posso vê-lo daqui... oh meu Deus, ele está a morrer!" Naquela fração de segundo, Mitchell caiu ao chão inconsciente. Surpreendido com o choque,

Miller passou o telefone a Patricia Crist, que obedeceu à ordem seca que Jeane deu no sentido de "chamar uma ambulância para o Sr. Mitchell."

Assim que os ganchos dos cachos da Jeane puderam ser tirados, ela apressou-se de volta para encontrar o escritório em alvoroço e Miller a reclamar "O médico pensa que eu sou um idiota." A ambulância tinha chegado rapidamente, e o Sr. Mitchell estava tão à beira da morte que tiveram que lhe colocar uma máscara de oxigénio no rosto antes de ele puder ser levado para uma maca. O médico perguntou a Miller há quanto tempo ele tinha apurado que Mitchell estava doente antes de chamar uma ambulância, e o homem abalado respondeu: "Nós não tínhamos qualquer conhecimento disso. A Sra. Dixon telefonou do salão de beleza a dizer que ele estava a morrer." O médico olhou compassivo para Miller, como se o considerasse o protótipo adequado para o internamento.

Durante cinco dias, Mitchell ficou sob uma tenda de oxigénio, enquanto o hospital era assediado com chamadas. A premonição de Jeane sobre o seu ataque cardíaco chegou às primeiras páginas dos jornais de Washington, e Mitchell era o Homem da Semana. Quando ele finalmente conseguiu atender chamadas, humildemente pegou na mão de Jeane e confessou: "Quero-lhe dizer que nunca estive tão certo antes, mas desde que isto aconteceu, eu sei que existe um Deus."

Os médicos relataram que o pulso do Sr. Mitchell havia parado quando ele chegou ao hospital. Se o ataque que ele sofreu tivesse sido descoberto por rotineira alguns minutos após a ligação de Jeane, ele não poderia ter sobrevivido.

Os funcionários do escritório imobiliário dos Dixon sabem que o seu chefe escreve música nos seus tempos livres e que uma das suas composições, "O Distrito de Columbia é a Minha Cidade Natal," é tocada frequentemente em eventos cívicos em Washington, mas poucos deles têm conhecimento de como ele desenvolveu esse passatempo. Quando estava noiva, Jeane frequentemente ofereceu-se para ler para o marido, mas Jimmy estava sempre muito ocupado. Pelo menos essa era a desculpa que ele dava, mas ela finalmente o encurralou, puxou da bola de cristal dela e observou com interesse os símbolos que se formavam diante dos seus olhos. "Ora, Jimmy," exclamou ela, "tu consegues escrever música! Tu consegues escrever a melodia e a Letra da música." Dixon, que tocara sem entusiasmo violino em menino, troçou: "Ora, eu não sei escrever música, Jeane. As pessoas haveriam de rir."

"Que diferença isso faz," insistiu ela, "contanto que tu desenvolvas um talento que Deus te deu? Tu estás dentro harmonia com o universo nesse aspeto, e podes trazer alegria a outras pessoas por meio da música. A maior honra e a maior satisfação que tu jamais conhecerás há de vir através da tua composição."

Foi logo depois que o pai de Jeane morreu e ela voou para a Califórnia para o seu funeral. Regressando de comboio, ela sentou-se para jantar em frente a um

garoto adolescente que não parava de limpar as lágrimas, e quando Jeane de modo simpático lhe perguntou a causa do problema, ele disse que estava a caminho de Washington para se encontrar com o pai, que era um coronel do exército.

"Estou noivo de uma garota lá do Omaha," deixou ele escapar, "mas por não ter dezoito anos ainda preciso do consentimento dos meus pais para me casar, e o meu pai não mo vai dar."

Para o animar, Jeane acalmou-o dizendo: "Não se preocupe. O meu marido compõe uma música para você enviar para a sua namorada. Dê-me o seu endereço em Washington, e eu farei que você receba uma cópia." O coronel do exército e Jimmy Dixon conheceram-se no trem, e como o rapaz seguisse o pai pela plataforma, Jeane podia ver que ele estava de novo a chorar. Ao relatar o incidente a Jimmy, ela pediu-lhe que a ajudasse a cumprir a promessa. Foi assim que ele compôs: "There's a Sweethart in Nebraska," publicado por Shapiro, Bernstein e Companhia.

Excitado pelo sucesso imediato do seu primeiro empreendimento musical, Jimmy continuou a compor músicas e a cantá-las no seu barítono rico em festas. Tornou-se ativo em associações musicais e foi nomeado codiretor e presidente da John Memorial Philip Sousa.

Mais recentemente, ele foi nomeado para o comité executivo do Centro Cultural John F. Kennedy, para o qual o Memorial Fund de Sousa está a financiar as linhas gerais. Em 26 de Julho de 1964, a American Bandmasters Association presenteou James Lamb Dixon com o Prémio Edwin Franko Goldman Memorial num espectáculo da Marine Band no Watergate, e depois a Washington oficial e social reuniu na casa da Sra. Martin Vogel para uma festa em sua honra. Outra das profecias de Jeane tornou-se realidade.

O Dr. Regis Riesenman, psiquiatra que por quinze anos serviu na equipe psiquiátrica do Hospital St. Elizabeth, é um dos admiradores entusiasmados da Sra. Dixon. O passatempo do Dr. Riesenman's é expor médiuns falsos, e quando sucedeu ele conhecer Jeane numa festa em Maio de 1961, ele estava ansioso entrevistar a mulher de quem ele tanto ouvira falar. O Dr. Riesenman, que realiza truques de magia para diversão dos amigos, encenou uma manifestação e Jeane assistiu por um tempo antes de ir para a cozinha para ajudar a sua anfitriã nos preparativos para o jantar. Enquanto ela esteve ausente, ele pediu a cada dos presentes para escrever algo num pedaço de papel, dobrá-lo duas vezes e o entregar a ele. Ele então disse corretamente o que cada deles tinha escrito. Os convidados ficaram perplexos e, quando Jeane finalmente voltou para a sala de estar, disseram-lhe que ela tinha perdido o melhor.

Diz o Dr. Riesenman: "Para meu total espanto, ela atravessou a sala, disse o que eu tinha estado a fazer, e depois sussurrou-me meu ouvido a explicação de como eu o fizera. Nunca ninguém tinha adivinhado esse meu isso truque, e ela

nem o viu a ser executado." O Dr. Riesenman chegou às manchetes em Junho de 1960, quando trouxe Peter Hurkos, um psíquico holandês muito publicitado, a Washington para ajudar a resolver o assassinato de há dezoito meses atrás do Sr. e da Sra. Carroll Jackson e das suas duas filhas pequenas.

Hurkos, depois de visitar a cena do crime, levou a polícia a um coletor de lixo, que em consequência disso ficara reservado para observação a pedido da sua esposa. Toda a Washington estava a falar do desenvolvimento sensacional no dia seguinte e todos, exceto Jeane pareceram aliviados por um assassino perigoso não mais andar pela região. Para conhecidos de negócios e amigos, ela insistiu fortemente: "Eles capturaram o homem errado. O assassino é um músico. Ele é alto e tem cabelo espesso e escuro." Dez dias depois, o FBI prendeu um jovem músico de jazz de Hyattsville, Maryland, cujo diário parecia descrever como o crime sórdido tinha sido cometido.

Jeane estava confiante de que dessa vez a polícia tinha apanhado o homem acertado. Ele encaixava exatamente na descrição dela e foi desde então condenado pelos assassinatos. O Dr. Riesenman e a sua esposa continuaram a visitar Jeane de tempos a tempos depois do primeiro encontro. Jantando juntos no verão de 1963, a conversa voltou-se para Peter Hurkos e Jeane ficou em silêncio por um tempo antes de melancolicamente comentar: "O Sr. Hurkos possui um maravilhoso dom de Deus, mas vejo que ele está a dirigir-se para dificuldades. Ele vai encontrar problemas em breve e passará por severas provas emocionais e tribulações antes que ele veja a luz."

Em Outubro de 1963, o Dr. Riesenman levou Jeane a conhecer Hurkos, enquanto ele parou por pouco tempo em Washington. "Hurkos tinha acabado de se divorciar e parecia emocionalmente perturbado," diz o psiquiatra. "Levei Jeane a casa depois e ela disse-me: "Peter Hurkos está a encaminhar-se para um desastre nos próximos meses." Dois meses depois, o psíquico holandês cuja vida já havia sido retratada numa série televisiva em duas partes foi acusado em Wisconsin de se passar por Agente do FBI. A polícia informou que um arsenal de armas que ele alegara ser necessário ao seu trabalho policial foi descoberto no seu carro.

Seis semanas depois de um bela funcionária do governo desaparecer do seu apartamento em Washington em Agosto de 1964, os seus pais perturbados apelaram à ajuda do Dr. Riesenman para a encontrar. O FBI já havia divulgado o seu nome e já a tinha descrito como uma "pessoa desaparecida," sem sucesso. Era como se a terra tivesse engolido a jovem atraente. O notável psicólogo diz que pediu a Hurkos que usasse os seus poderes psíquicos para ajudar a localizá-la, "mas tudo o que ele conseguiu foi ver que ela ainda estava viva."

A 16 de Novembro de 1964, o Dr. Riesenman voou para Nova Iorque com Jeane Dixon, onde ia ser um convidado de destaque no Programa de televisão Les Crane. Durante o voo, ele mencionou a intrigante desaparecimento da moça e

Jeane perguntou se ele tinha uma foto dela. Tudo o que ele tinha com ele era um negativo, mas após Jeane ter meditado por breves instantes disse: “Ela está viva. A condição física é satisfatória, mas ela está muito enferma emocionalmente e está a tentar livrar-se da identidade. Ela está a viver sob um nome fictício na área de Nova Iorque.”

A 27 de Dezembro de 1964, a garota desaparecida telefonou aos pais, a pedir se eles lhe enviavam uma passagem de avião para voltar a casa. Ela encontrava-se então em Los Angeles, mas na reunião de família da véspera de Ano Novo ela confessou que tinha estado a viver em Nova Iorque até o início de Dezembro sob o pseudónimo de Smith. Jeane tinha estado certa em todos os aspetos.

O Dr. Riesenman disse a esta escritora que considera a Sra. Dixon como “um dos dois ou três maiores médiuns do nosso tempo, por ela manter os seus canais claros e jamais comercializar o talento que lhe foi dado por Deus.”

CAPÍTULO 12

“COM O PASSAR DO TEMPO NÓS VAMOS VER-NOS ALIADOS DA RÚSSIA CONTRA A CHINA VERMELHA, PARTES DA ÁFRICA, E O EXTREMO ORIENTE.” (1963)

“O CURSO QUE O MERCADO COMUM ESTÁ A TOMAR CONDUZ A UMA PERIGOSA ARMADILHA.” (1963)

“PARECIA-SE COM GUERRA BIOLÓGICA, E QUANDO ESSE MOMENTO CHEGAR A AMÉRICA E A RÚSSIA IRÃO MOBILIZAR-SE DO MESMO LADO PARA ENFRENTAR O PERIGO COMUM.” (1963)

Na minha coluna de previsões de Ano Novo para 1962, Jeane soou um aviso de que os oficiais do gabinete deveriam ser “extremamente cuidadosos nas nomeações que fizessem para um escalão inferior do governo, ou ocorreria uma trágica situação em resultado.” Em alguns meses o Congresso lançou uma investigação sobre as atividades despreocupadas de Billie Sol Estes, um Texano de 37 anos que fora indiciado em acusações de fraude, conspiração, e transporte interestadual de hipotecas fraudulentas que tinham que ver com armazenamento federal de grão.

Durante a investigação, Estes foi acusado de ter comprado presentes para três funcionários do Departamento de Agricultura: Emery E. Jacobs do Serviço de Estabilização e Conservação; Dr. James T. Ralph, um Secretário Adjunto da Agricultura; e William E. Morris, adjunto de Ralph. O Departamento da Agricultura posteriormente demitiu Jacobs e Ralph. A acrescentar ao constrangimento da Administração, o Secretário Adjunto do Trabalho, Jerry R. Holleman renunciou, após divulgar que tinha recebido mil dólares dom de Estes.

A profecia de Jeane mostrou-se, pois, correta, e o caso de Billie Sol Estes figurou com destaque na campanha presidencial do senador Barry Goldwater contra a administração em 1964. Mais tarde, três oficiais de alto escalão do Pentágono foram indiciados em acusações de desviar fundos do Departamento de Defesa entre Maio de 1961 e Novembro de 1963.

Para essa coluna de 1962 Jeane também previu: "A Rússia vai bater-nos na corrida para a lua, mas não enquanto o Primeiro-ministro soviético Khrushchev e o presidente Kennedy ainda estiverem no poder. A Rússia já falhou em várias tentativas secretas por colocar um homem na lua e vai sofrer muitos outros reveses antes de eventualmente o conseguir. A Rússia não quer a guerra, por estar a conseguir o progresso que deseja sem ela, e com o passar do tempo nós vamos ver-nos aliados da Rússia contra a China Vermelha, partes da África, e o Extremo Oriente.

"A Rússia vai continuar a ser extremamente poderosa ao longo de 1962, mas a ascensão constante da China Vermelha a partir de então irá coincidir com profundos problemas dentro do Estados Unidos. Poderosos grupos de pressão aqui pressionarão o Presidente desta e daquela maneira. Alguns são comunistas infiltradas e vão mergulhar América em sérios conflitos raciais durante os próximos dois anos. Isso vai provocar uma mudança radical no nosso modo de vida." Ano após ano Jeane enfatizava o perigo da China Vermelha e os futuros distúrbios raciais que se iriam verificar nos Estados Unidos.

Do Presidente Kennedy, ela escreveu: "Ele parece estar a ser cercado por multidão após multidão, sem fuga possível. Como Vice-presidente, ele deveria ser verdadeiramente grande para o nosso país e o mundo, mas ele estava fora do tempo dele para a liderança nesta altura. As vibrações são de um comprimento de onda tão curto que não se chegam a estabilizar. Ele vai ser idolatrado por aqueles que tem abaixo, mas lamento dizer que ele vai não ter sucesso no que ele quer para fazer pela América."

Entre outras das suas previsões constam as seguintes: "A religião irá desempenhar um papel mais importante no ano de 1962 do que o público pensa atualmente." (A Suprema Corte proibiu a oração nas escolas públicas em 25 de Junho de 1962, o que resultou num público.) "Richard M. Nixon vai concorrer para governador da Califórnia, mas eu não o vejo ganhar." (Ele concorreu e perdeu.)

Do então vice-presidente, Lyndon B. Johnson, ela escreveu: "Na minha meditação eu não o vejo como criador natural, mas ele vai executar com grande sucesso coisas que outros não conseguiram terminar. Ele pode vir a ser vítima das circunstâncias. Ele deverá ficar sempre perto dos seus consultores médicos e nunca depender do conselho de um médico apenas." Quando o Sr. Johnson posteriormente se tornou presidente, ele convenceu através Congresso uma surpreendente gama de legislação que tinha tido origem com o seu antecessor,

mas havia sido empatada nos comités. Mais uma vez, a cortina do futuro se abrira aparentemente para a Jeane.

No início do outono de 1962, ela telefonou a informar que ela tinha previsto um evento futuro na sua bola de cristal: "O chanceler Alemão Konrad Adenauer irá aposentar-se no final do próximo ano." Dado que essa notícia mal se mostrava chocante, eu pedi-lhe para conter a previsão até virmos a colaborar na nossa coluna de Ano Novo, no final de Dezembro. Por essa altura o Grande Velho do Oeste da Alemanha tinha publicamente anunciado que ele havia decidido não concorrer à reeleição no final de 1963, mas a normalmente Sra. Dixon de boa índole mostrou-se claramente irritada por o Chanceler Adenauer não ter esperado até a primavera para o anúncio, "de modo a dar à nossa coluna uma pausa."

Outras previsões de Ano Novo incluíam a seguinte: "Em 1963 a América vai ser uma nação mais confusa do que ela já foi. O ano vai ver um início do declínio da influência de muitos colégios Ivy League, e os colégios não-Ivy League irão ter um maior destaque e importância." À altura, esta pareceu-me distintamente exagerada. Harvard andava muito por cima. Um ilustre ex-aluno sentara-se na Casa Branca, e praticamente todos os nomeados presidenciais principais pareciam ter-se formado numa universidade de leste.

No entanto, o homem que se tornou Presidente nesse Novembro tinha-se formado na Universidade State Teachers do Sudoeste do Texas, e à medida que o sotaque do Texas começou a substituir o sotaque de Boston na Ala executiva da Casa Branca, os ex-alunos da Ivy League perderam a predominância de que gozavam. Além disso, Hubert Humphrey, o homem a quem o presidente Johnson selecionara como candidato a vice no ano seguinte, era um produto da educação da Universidade de Farmácia de Denver, da Universidade do Minnesota e da Universidade da Louisiana.

Jeane fez uma outra previsão estranha para essa coluna, dizendo: "Em 1963, o símbolo que vejo para a educação é como um desfile de moda. Por isso direi que a educação vai ser o tópico de conversa que vai estar em voga por todo o país."

Se "moda" foi a palavra correta é discutível, mas o símbolo certamente estava certo, por o ano ainda não estar muito adiantado quando praticamente todos na nação falavam sobre educação, graças aos motins que deflagraram em resultado do governo procurar reforçar a integração nas escolas.

Jeane tinha previsto os motins raciais anos antes, e indicado o momento do seu deflagrar. A coluna das previsões para 1963 previam que a agricultura dos EUA iria continuar a ser a mais produtiva do mundo, mas que os nossos excedentes iriam "criar um grande problema." Tanto a Rússia como a China Vermelha sofreram severas falhas de safra nesse ano e a controvérsia alastrou-se

por toda a nação quando o presidente Kennedy decidiu vender excedentes de trigo à Rússia e aos seus países satélites Europeus.

Jeane previu "um grande sinal de perigo a pairar sobre o Comunidade Europeia" e disse que os caminhos o curso que o "Mercado Comum estava a tomar conduzia a uma perigosa armadilha." Em meados de Janeiro de 1963, o presidente Francês Charles de Gaulle abalou o Ocidente ao vetar a entrada da Grã-Bretanha para o Mercado Comum.

"A França de De Gaulle vai ser uma forte concorrente em vez de uma aliada em 1963," avisou Jeane. "De Gaulle vai deixar a América saber que ele e a França não vão receber ordens do nosso país, mas ele deveria precaver-se contra uma veia de teimosia pessoal. Ele continuará a ser o líder incontestado da França ao longo do ano, e está a mover-se cada vez mais em oposição à política dos Estados Unidos. Alemanha Ocidental vai fazer propostas pacíficas para com a Alemanha de leste, depois de um Chanceler mais flexível suceder a Adenauer no final de 1963. A Alemanha Ocidental vai se inclinar-se na mesma direção em relação à França, e De Gaulle vai fazer algum progresso em direção a uma aproximação Franco-Russa."

No final de Janeiro, França e Alemanha assinaram um tratado de cooperação mútua entre as duas potências, e De Gaulle continuou durante o ano todo a contrariar as nossas políticas externas. A França e a Rússia recusaram-se a pagar a sua parcela de capital de dívida e de juros sobre os títulos dos Estados Unidos, e Alemanha Ocidental combinou com a Alemanha Oriental permitir que os seus cidadãos visitassem os parentes que tivessem em Berlim Leste durante a temporada de Natal. Essa foi uma ação sem precedentes.

Jeane disse que 1963 iria marcar uma rutura entre a Rússia e a China Vermelha, e que dentro de poucos anos a China Vermelha iria invadir a União Soviética com um novo tipo de guerra. "Parecia-se com guerra biológica," disse ela, "e quando esse momento chegar a América e a Rússia irão mobilizar-se do mesmo lado para enfrentar o perigo comum. Nos meses que temos pela frente a Rússia vai começar uma mudança assinalável de uma nação Asiática para uma nação Europeia, embora Khrushchev vá continuar a empregar muitos truques para confundir o problema, enquanto ele ganha tempo para esses ajustes." O distanciamento que se verifica entre a Rússia Vermelha e A China Vermelha é já história, mas se a invasão e o realinhamento que Jeane prevê vão realmente ocorrer permanece oculto para o resto de nós.

Uma das suas previsões para esse ano parece ter falhado. Ela disse que a América iria exigir algum do dinheiro escondido no exterior, e exigir que seja trazido de volta para aqui e trocado por dinheiro novo. Nada desse tipo foi desenvolvido, e quando eu posteriormente lhe perguntei sobre isso, ela respondeu: "Os símbolos que vejo nunca estão errados, mas às vezes eu interpreto-os mal. Eu ainda vejo esses símbolos sobre o retorno do dinheiro do

exterior e algo curioso vai acontecer a esse respeito." Ela também previu que "o Sul vai desfrutar de um fantástico crescimento económico durante os anos que tínhamos imediatamente pela frente, e a contenda racial vai se destacar mais por todo o país."

"O partido Republicano vai fazer grandes avanços no Sul" acrescentou ela. "Ele vai evidenciar tremendos esforços para chegar mais perto do povo, e assim vai derrotar o partido Democrático em seis anos." Se esta última profecia se tornar realidade, uma vitória do GOP (Grand Old Party) irá verificar-se em 1968.

Frankie Welch estava ensinar costura na Washington e Lee High School em Arlington, na Virgínia, em 1960, quando Jeane conheceu pela primeira vez e a admoestou: "Você não está nem a começar a realizar o potencial que tem. Você devia estar no design (concepção). Eu vejo que você irá ganhar algum tipo de prêmio em breve, e se você for para a área do design você vai fazer dela um grande sucesso." Pouco tempo depois, a Sra. Welch foi nomeada "Excelente Professora de Economia Doméstica da Nação "pela revista Ingenue, que a recompensou com uma viagem gratuita a Paris e a Roma para visitar as grandes casas de moda.

Jeane continuou a incentivá-la a fazer do design uma carreira, e em de Março de 1964 uma revista de votação duas páginas inteiras a fotos da "Frankie," um vestido multiusos desenhado por Frankie Welch. O texto que as acompanhavam diziam em parte: "O que o 'Lily' (vestido curto e sem mangas) representava para Palm Beach e o Jet Set internacional, o vestido 'Frankie' representa para as mulheres da área de Washshington. É próprio de Alexandria, Georgetown, ou da Embassy Row."

A Sra. Welch, que também projetou alguns vestidos para Jeane, recorda:
"Um dia eu estava a ajustar e a fixar um vestido tamanho oito para ela, com aquela cintura minúscula, quando ela observou que os casacos iriam ser o máximo no ano seguinte. Eu prestei pouca atenção, mas quando os desenhos Franceses foram divulgados nas estreias de Paris a tendência foi como Jeane havia previsto. Este é apenas um dos muitos exemplos. Eu descobri que conhecer a Jeane é como ter um canal para estilos avançados. Ela invariavelmente prevê tendências de estilo."
Jeane estava a encomendar algumas roupas da Sra. Welch em 1962, quando uma visão lhe passou diante dos olhos e ela exclamou:

"Oh, Frankie, vai-lhe suceder a coisa mais fabulosa. Você vai ter uma loja de vestidos própria no futuro próximo. Eu posso ver isso agora. Ele vai ficar localizada numa casa muito velha - mas muito chique." A sra. Welch disse que não tinha intenção absolutamente nenhuma de possuir uma loja própria. Ela tinha vindo a ensinar há dezoito anos, e o marido era Agente de ligação do Congresso para a Administração dos Veteranos. Eles tinham muito conforto para arriscar. No entanto, em Setembro de 1963 Frankie e o marido, Bill Welch, abriram uma loja exclusiva especializada chamada "Frankie Welch, da Virgínia." Ela fica

situada numa casa de Alexandria com duzentos anos de idade que outrora abrigara o primeiro banco da Virgínia, onde George Washshington foi acionista. “Chic” é a palavra acertada para um estabelecimento desses.

“Estamos apavorados em relação a dar esse passo,” recorda a Sra. Welch, “mas Jeane disse-nos que ele iriamos ser bem-sucedidos além dos nossos sonhos. E fomos. Bill e eu definimos uma meta de vendas de cinco ano, que ultrapassamos nos primeiros seis meses.”

Philip Hulitar, o costureiro de renome internacional, diz que ele estava prestes a cometer o erro da sua vida quando Hope Ridings Miller providencialmente o apresentou a Jeane Dixon em 1964. Doente fazia um tempo de pneumonia recorrente, ele tinha decidido abrir mão do seu lucrativo negócio de design de vestidos em Manhattan e retirar-se para o clima mais ameno da Flórida. Um belo dia às seis horas da manhã, pouco depois de conhecer Jeane, ele diz que ela lhe telefonou e disse:

“Você depara-se com uma das mais importantes decisões da sua vida. Você não vai fazer nada a respeito durante dois meses, por estar numa encruzilhada vital. Fique em Nova Iorque e mantenha tudo em suspenso.” Hulitar tinha justamente regressado de Palm Beach, onde ele tinha feito uma oferta por uma casa cara, mas por insistência de Jeane ele telefonou a cancelar a licitação. Ele esperou a prescrição do período de dois meses e depois voltou a Palm Beach para inspecionar investimento do imobiliário. Ele encontrou algo a seu gosto, e tinha marcado um encontro às 9h30 para assinar os papéis de compra. Às 7 horas da manhã, o telefone tocou. Era a Jeane a ligar.

“Não faça o que você está pensar,” instou ela. “Eu capto psiquicamente que você pretende assinar uns papéis hoje, mas você deve fazer nenhum negócio neste momento. Assuntos pessoais não tem mal, mas espere pelo menos um mês para qualquer investimento em propriedades.”

Hulitar ficou pasmado. Por duas vezes ela tinha pressentido as ofertas dele justamente antes que ele as fazer; por duas vezes interveio à décima primeira hora. Posteriormente ele disse à Sra. Loy Anderson de Palm Beach: “A minha esposa e eu descobrimos desde então que se nós tivéssemos assinado a compra daquele edifício com toda a probabilidade teria acabado connosco financeiramente. Jeane salvou literalmente a nossa conta bancária.”

Pouco tempo depois o costureiro foi alvo de publicidade por todo o país quando Robert F. Kennedy alugou a propriedade Hulitar em Long Island. O negócio de design de Hulitar está a florescer, e ele está a encarar o futuro com otimismo, por Jeane lhe ter dito que ele vai “inventar algo de tão importante para as mulheres que você vai fazer uma grande fortuna.” Ele não tem razão nenhuma para duvidar da sua profecia.

Patricia Headley acompanhava Jeane a Nova Iorque para uma aparição na qualidade de convidada para o espetáculo do Johnny Carson no início de 1964, e como o avião foi até à extremidade da avenida de Washington para levantar voo, Jeane disse: "Pat, eu estou com um sentimento de desconforto com relação a este avião." Ciente de que Jeane já lhe tinha salvo uma vez a vida do marido ao lhe implorar não para voar num avião que caiu, Pat ficou bastante alarmada, mas Jeane disse-lhe para se acalmar. Elas ficaram estacionadas no fim da pista por alguns minutos, com os quatro motores a zumbir. Então o grande avião voltou para o terminal, e uma aeromoça anunciou no altifalante -- falante que o avião havia apresentado um pequeno problema num motor. As duas mulheres alteraram as suas reservas e, assim que levantaram voo, Pat perguntou se elas iriam pousar em segurança.

"Ah sim, vamos fazer uma ótima viagem," respondeu Jeane. "Fora de Filadélfia que vai ficar bastante áspero, e nós vamos ter de apertar os nossos cintos, mas nós vamos chegar em segurança."

Logo a seguir a Quacre City, recorda Pat, o sinal para apertarmos o cinto de segurança piscou e o avião foi fortemente atingido, mas elas chegaram a Nova Iorque a horas.

No início de 1963 eu ia de táxi ao longo da Massachusetts Avenue, quando o motorista do táxi comentou: "Vê aquela intersecção de que nos estamos a aproximar, com a luz de paragem e avanço? Vê aquela cobertura alta quase sobre a rua?" Absorvida no jornal, eu mal olhei para cima; mas ele insistiu. Voltou-se no assento e perguntou: "Alguma vez ouviu falar de uma senhora chamada Jeane Dixon?" Eu admiti conhecê-la, e ele prosseguiu: "Um dia ela ia exatamente onde você está sentada neste táxi, e quando estávamos à distância de um bloco desta intersecção ela de repente advertiu-me para abrandar e parar antes de atravessar a rua. Eu disse-lhe que a luz estava verde, mas ela respondeu: "Isso não faz diferença. Um carro vai sair daquela e passar o vermelho apressado." Bem, você quer crer que, se eu não tivesse feito o que ela disse iria ter sido atingido de lado por um carro? Uma mulher saiu disparada por aquela luz vermelha sem parar."

Intrigada, eu pedi-lhe para refazer o nosso caminho dois blocos. Nós verificámo-lo atentamente. Em momento nenhum havia um espaço aberto por onde Jeane pudesse ter vislumbrado um outro carro na rua lateral oculta. Mesmo se tivesse havido, quem poderia ter adivinhado que o motorista iria deixar de parar num vermelho?

No outono de 1963, Jeane apareceu em casa da sua amiga Marcella duPont, de Washington e encontrou-a num estado agitado. A Sra. DuPont disse que tinha acabado de telefonar para o advogado para alertar a empresa se seguros, por algumas das joias valiosas terem sido roubadas. Meditando por um instante, Jeane contrapôs: "Não, elas não foram roubadas; eu vejo essas peças de joalheira na mesma caixa em que você as colocou. Elas se não foram tocadas por mais ninguém."

Marcella, que tinha acabado de reabrir a sua casa depois de um verão passado em Nantucket, argumentou que Jeane estava enganada. “Eu tive-as comigo lá” disse ela, “mas elas simplesmente desapareceram. Nós tivemos um grande número de operários aqui nos últimos dias, e alguém as deve ter tirado. A empregada e eu revistamos a casa.”

Após a devida investigação, a companhia de seguros pagou o reivindicado. Em Janeiro, ao fazer as malas para uma viagem à América do Sul, a Sra. duPont foi ao armário onde armazenava os acessórios fora de época. Ao pegar nuns cachecóis de verão lenços e livros de bolso para levar com ela, ela interrogou-se da razão de uma das bolsas parecer tão pesada, e ao olhar para dentro descobriu a caixa de cetim com as suas joias desaparecidas.

“Veio-me então à memória,” diz Marcella. “Eu jamais tinha feito tal coisa um antes, mas uma noite eu cheguei a casa no final de um jantar em Nantucket e dobrei as joias na bolsa até a manhã seguinte. Nós estávamos quase de imediato de volta a Washington, e a empregada obviamente não notou o peso da bolsa ao embalar os meus pertences no baú para o remeter para aqui.” A companhia de seguros recebeu o seu reembolso com gratidão.

CAPÍTULO 13

O vice-secretário de Estado adjunto Lee Walsh conheceu Jeane perto do final da Segunda Guerra Mundial. A Sra. Walsh, então redatora na coluna das atividades das mulheres para o Washington Daily News, sentou-se ao lado de Jeane num desfile de moda de chapéus femininos e depois foi jantar a casa dela. Jeane fez uma leitura para ela e profetizou:

“A sua carreira terá um aumento num campo diferente quando você atingir os trinta anos. A partir desse momento, a sua renda irá aumentar constantemente. Por volta dos seus quarenta e poucos anos ou lá pelo fim, vejo muitas viagens para si, muitas delas no exterior. Essas viagens serão terão uma relação com o seu trabalho, que será no campo das relações internacionais.”

A senhora Walsh lembra que o seu marido estava fora da cidade nesse dia, e Jeane nunca o tinha conhecido, mas: “Ela descreveu-me Hal de modo exato. Ela disse que ele era grande, tinha cabelos levemente ruivos, e unhas salientes nos cantos. Eu soube que o resto disso era verdade, mas eu nunca havia reparado nas suas mãos. Ela disse que Hal e eu nos conhecêramos num resort, e isso certamente foi corrigido. Eu estava de férias em Virginia Beach pouco antes Pearl Harbor, quando nos conhecemos e nos apaixonamos. Hal era soldado no exército, e quando a data do nosso casamento foi marcada, ele já tinha sido informalmente destacado, em vez disso, para o teatro de guerra do Pacífico. Eu

era noiva havia pouco tempo na noite em que Jeane mergulhou no meu passado e futuro."

Alguns dias depois, quando Hal Walsh voltou de Nova Iorque, Lee fez questão de lhe examinar as mãos. Conforme era de se esperar, embora as unhas da maioria das pessoas se voltem para as cutículas nos cantos, as de Hal enrolam para cima. Lee Walsh continuou no trabalho de jornal até atingir os trinta. Então, ao receber uma oferta muito mais remunerada, ela foi trabalhar para Julius Garfinckel and Company, a principal loja especializada de Washington, como diretor de publicidade e promoção. Mais tarde, voltou ao trabalho de jornal como editora da página feminina* do Washington Star, e no seu quadragésimo sétimo ano, o presidente Johnson nomeou-a sua Vice Secretária Adjunta de Estado das Avaliações, cargo que a manteve quase constantemente em viagem pelo exterior desde então.

Na década de 1960, Jeane tinha-se tornado tão amplamente conhecida que o correio proveniente da Europa e da Ásia, endereçado simplesmente "a Jeane Dixon, EUA," era prontamente entregue à sua porta. As minhas colunas anuais sobre as previsões dela foram distribuídas aqui e no exterior, e cada vez que uma aparecia Jeane e eu ambas recebíamos uma avalanche de correspondência de leitores que queriam que ela os ajudasse a resolver os seus problemas ou simplesmente a predizer o seu futuro. Ela sempre devolvia os cheques e dinheiro que frequentemente acompanhava essas súplicas. Se uma questão específica lhe fizesse tinir uma corda psíquica, ela às vezes incluía uma palavra de cuidado ou conselho na resposta às cartas, mas com mais frequência ela autografava um cartão, impresso às suas próprias custas, que continha o seguinte:

Não sei por que métodos raros,
Mas disto eu sei - Deus responde à oração.
Não sei quando Ele envia a palavra
Isso nos diga que a oração fervorosa é escutada.
Eu sei que chega - mais cedo ou mais tarde;

Portanto, precisamos orar e esperar.
Não sei se a bênção buscada
Virá do jeito que eu pensava.
Deixo somente com Ele as minhas orações,
Cuja vontade é mais sábia do que a minha.

Anónimo

Por Jeane ser tão profundamente sensível ao sofrimento e preocupações dos outros, ela acha necessário proteger-se evitando um contacto muito estreito com aqueles que a sobrecarregariam com os seus problemas. Necessita de uma secretária a tempo inteiro simplesmente para lidar com o correio "psíquico"; embora Jeane não tenha tempo para responder pessoalmente, ela envia aos seus correspondentes desconhecidos um cartão de oração autografado.

A Sra. Coya Knutson era uma congressista dos EUA do Minnesota quando conheceu a Sra. Dixon, na primavera de 1956, na mesma festa em que Jeane advertiu Estes Kefauver que ele teria que se contentar com o segundo lugar na atribuição do Partido Democrata. Jeane estava a fazer leituras para diversos convidados, e quando Chegou a vez da Sra. Knutson, ela olhou a sua bola de cristal e disse-lhe: "Seu marido vai derrotá-la na reeleição."

Naquela época, poucas pessoas em Washington tinham ouvido falar do marido de Coya, que permaneceu no Minnesota, mas a Sra. Knutson ouviu atentamente enquanto Jeane acrescentou: "É melhor você faça algo sobre essa situação doméstica antes que seja demasiado tarde."

A ex-congressista agora diz desse confronto que teve com Jeane: "Eu estava bem ciente do meu problema caseiro, mas eu interrogava-me de como uma estranha poderia tão facilmente sondar os meus próprios receios sobre a minha carreira. Eu senti que ela estava certa, mas na altura eu estava a trabalhar duro em nome de um projeto de lei que tinha sido a minha razão principal para concorrer ao Congresso, pelo que adiei a ação da minha situação doméstica."

A proposta da Sra. Knutson acabou obtendo êxito, mas a sua carreira de congressista esbarrou em simultâneo com o fim abrupto que Jeane havia previsto. Durante dezasseis anos antes de vir para o Congresso, Coya havia ensinado Inglês e música num colégio do Minnesota. Durante quatro desses anos, ela também serviu na legislatura do estado. Profundamente interessada por educação, ela decidiu concorrer ao Congresso para patrocinar uma ata educacional que forneceria empréstimos estudantis. Nas pequenas comunidades do seu distrito do Minnesota, ela havia observado tristemente o número de estudantes dignos que foram forçados a abandonar a faculdade por falta de fundos. Ela venceu a eleição em Novembro de 1954, foi reeleita dois anos depois, e em Agosto de 1958 viu a sua ata tornar-se uma realidade como Título II da Ata da Educação e Defesa Nacional.

O Presidente Eisenhower assinou a lei em 2 de Setembro de e o representante Carl Elliott, presidente do Subcomité para a Educação Especial, escreveu uma carta à Sra. Knutson a elogiar a contribuição que tinha dado para o projeto. Infelizmente, por essa altura a Sra. Knutson também recebeu a altamente divulgada Carta "Coya, vem para casa," escrita pelo marido, Andy. A sua carta aberta pedia que ela não procurasse a reeleição. Na campanha naquele outono, a epístola recebeu muito mais publicidade do que Ata do Empréstimo Estudantil bem-sucedida dela, e ela percebeu que estava a travar uma batalha perdida.

A senhora Knutson não tinha visto Jeane Dixon desde aquela noite, dois anos antes, mas num dia no outono de 1958, ela conversou por telefone com ela da sede de campanha em Moorhead, Minnesota.

"A voz de Jeane estava fraca e rouca," lembra a senhora Knutson.

“Ela disse que estava de cama com um resfriado, mas queria contar-me que ela tinha uma visão de mim em Nova Iorque com Mike o Gato Mágico” (Livro de Jeane Dixon sobre as magias de um gato).

“O que raio é isso?” Perguntou ela com espanto. Jeane explicou que esse era o nome de seu gato de estimação, que muitas vezes apareceu com ela em programas de televisão,” e que por uma razão qualquer acabei de a ver em Nova Iorque com ele.

“Depois da Sra. Knutson ter perdido para a sua oponente Republicana, ela voltou a Washington para fechar seu escritório no Congresso. Foi um certo consolo para ela acabar por receber o prémio anual da Fundação Nacional de Pesquisa em Fibrose Cística em virtude dos esforços que ela envidara por despertar o interesse do Congresso por esse assassino das crianças da América. “Através dos seus excelentes esforços,” disse a citação sobre Coya Knutson, “o trabalho de pesquisa pela descoberta de uma cura para a fibrose cística terá avançado dez vezes.”

Enquanto isso, um estúdio de Hollywood pedira para fazer um filme piloto sobre Mike the MagiCat, um vira-lata um pouco atraente preto e branco de paternidade questionável que fez sensação nos cabeçalhos de jornal de Fevereiro de 1952. Ele desapareceu do agregado dos Dixon, e quando Jeane publicou um anúncio descritivo sobre ele nas colunas de achados e perdidos, um empregado da Casa Branca telefonou a dizer que ele aparecera no jardim da frente da mansão executiva. Jeane recuperou-o com gratidão, mas dois meses depois ele desapareceu de novo. Desta vez, suspeitando que ele poderia ter refez seus passos, Jeane telefonou a Estelle Friedrichs e perguntou se podia discretamente perguntar pela Casa Branca se alguém o vira.

“Liguei para um guarda,” recorda a senhora Friedrichs, “e perguntei se ele tinha visto um gato de rua preto e branco. O guarda respondeu que ele se encontrava mesmo ali, a comer o presunto da sanduíche.” Mike o MagiCat foi entregue em grande estilo à residência Dixon por uma limusine com motorista, com um guarda a acompanhar. Por essa altura a maioria dos colunistas locais estavam familiarizados com o amiguinho excêntrico, que sempre acompanhava Jeane nas aparições públicas e observava com fascínio a sua bola de cristal.

Sabendo que Coya Knutson estava desempregada, Jeane recomendou-a como a intermediária com a produtora e conforme o previsto oito meses antes a Sra. Knutson logo estava em Nova Iorque a acompanhar o gato Dixon. Durante esse período, Jeane disse-lhe: “Coya, eu vejo um fio de ouro a correr por todo o mundo adentro no que lhe diz respeito. Você está a ser boa para as crianças de todo o mundo.” “Nenhuma delas poderia adivinhar que em quatro anos Coya seria nomeado diretora educacional de um novo programa internacional para crianças.

No verão de 1960, Coya deixou o emprego na empresa cinematográfica para voltar a casa e tentar uma reeleição, embora Jeane lhe tenha pedido para não o fazer, prevenindo-a: “Você não pode vencer, Coya; Vejo a derrota na minha bola de cristal.” A Sra. Knutson venceu a primária Democrata, apenas para perder de novo para o titular Republicano. A carta do marido ainda estava a ser usada contra dela. Sem emprego, ela voltou a Washington em Janeiro 1961. Jeane prontamente começou a ajudá-la financeiramente e pagou-lhe as aulas numa escola de protocolo que ensinava higiene, postura, e entradas e saídas do governo. Ela divorciou-se do marido em 1962 e logo depois encontrou um emprego como intermediária do Congresso oficial da Defesa Civil.

Ela voou com Jeane para Cleveland na primavera de 1964 para uma aparição no programa de TV Mike Douglas e diz sobre a experiência: “Jeane estava linda, como sempre, embora não estivesse a sentir-se bem. Ela foi apresentada a Margaret Whiting, e assim que elas deram as mãos num gesto de cumprimento, Jeane disse-lhe:

“Você deveria escrever um livro sobre o seu pai. Você e o seu pai tinham muito em comum. Ambos nasceram com talento musical.”

Tão logo Coya conseguiu ficar a sós com Jeane, ela perguntou-lhe se conhecia a identidade da jovem a quem ela tinha dado esse conselho. Jeane não fazia ideia. Então, a Sra. Knutson explicou que ela era uma cantora de televisão proeminente e que o seu pai, o falecido Richard Whiting, teve sucesso com composições musicais como “On the Good Ship Lollipop,” “I Can't Escape from You” e “When You're Smiling.”

A apresentação de Jeane a Mike Douglas foi igualmente incomum. Ela nunca o tinha conhecido, mas assim que ela lhe tocou as pontas dos dedos exclamou:

“Quando era jovem, você era tão tímido e assustado que só tinha vontade de se esconder quando as pessoas se chegavam a si. Se lhe pedissem para cantar, você costumava ir até o aposento mais próximo para que eles não o vissem.”

O extrovertido Douglas parecia surpreso ao responder:

“Como diabo, você pode ter conhecimento disso? Você está absolutamente certa. Eu era dolorosamente tímido em criança.”

Jeane está acostumada a pegar os que a entrevistam de surpresa. Uma vez ouvi-a dizer a um moderador da televisão de Washington: “Você devia patentear as suas invenções, porque elas trarão muito dinheiro.” O moderador surpreendido respondeu que até aquele momento ninguém, exceto a sua esposa, sabia que o seu passatempo era “inventar coisas.”

Jeane foi para Boston no início da primavera de 1964 para ser entrevistada no show de televisão de noventa minutos de Bob Kennedy. O papel dela passava por responder a perguntas colocadas pelos telespectadores, mas o programa ainda não havia começado quando ela se voltou para o seu anfitrião e o aconselhou: "Vá em frente e tire aquelas lições de canto em que você andava a pensar."

Ao recordar posteriormente, o Sr. Kennedy disse-me:

"Deus me valha, nenhuma alma no mundo, exceto a minha esposa, sabia que eu andava a pensar em ter aulas de canto. Eu pensei que elas pudessem ser úteis, caso alguma coisa acontecesse ao meu programa de entrevistas."

Enquanto Bob Kennedy ainda estava se maravilhava com o comportamento psíquico da perceção da sua convidada, ela disse:

"Você fez uma grande mudança quando tinha 28 anos, com que alterou a sua carreira. Você vai proceder a uma outra mudança mais tarde que vai ser igualmente drástica."

O moderador admitiu que, aos 28 anos, ele havia mudado de escritor e produtor para artista de televisão. Agora está preparado para toda a eventualidade.

Jeane é particularmente hábil a descobrir talentos ocultos e potenciais de carreira nos jovens, por meios psíquicos. Quando a sua sobrinha Mary Frances Pinckert tinha oito anos Jeane disse ao irmão e à cunhada que a criança tinha habilidade artística que deveria ser encorajada.

"Um dia ela há de fazer nome com as suas pinturas," profetizou ela. Como todo profeta raramente é reconhecido em casa, os pais de Mary Frances não fizeram nada para incentivar a menina a pintar. Como parte do seu currículo regular no ensino médio, ela fez um trabalho satisfatório na aula de arte, mas nada mais. Então a Califórnia lançou um concurso para pintura criativa e, na noite antes do prazo final para a apresentação na exposição, Mary Frances foi para o quarto pintar.

A senhora Pinckert descobriu a menina de catorze anos no seu cavalete quando ao lhe levar um copo de leite ao quarto. Mary Frances não veio jantar. Na hora de se editar, a Sra. Pinckert foi ao quarto e percebeu que ela ainda estava a pintar. Na manhã seguinte ela foi ao quarto para acordar Mary Frances e encontrou-a a limpar os pincéis.

"Ah, mãe, eu estou morta," suspirou a menina. Percebendo pela primeira vez que o jovem tinha estado a pintar a noite toda, a Sra. Pinckert olhou para o cavalete e exclamou com admiração enquanto estudava a foto imaginária de uma gueixa Japonesa. Mary Frances deixou-se cair cansada na cama, mas a sua mãe

levou a foto a correr para a emoldurar, esperou por ela e entrou no concurso. A gueixa tirou o primeiro prémio e ficou em exibição no museu.

CAPÍTULO 14

Pessoas desinformadas que encaram erroneamente o dom psíquico de Jeane Dixon como uma forma de adivinhação admiram-se com a maneira como ela consegue "permanecer nas boas graças da Igreja Católica," que geralmente desaprova tais empreendimentos. Porque eu não ser Católica, fiz a pergunta ao Monsenhor James A. Magner, procurador da Universidade Católica da América, que a conhece bem. O monsenhor disse sobre o talento de Jeane: "Não há conflito entre isso e a Igreja.

A nossa religião, de facto, baseia-se amplamente em visões. A Anunciação predisse o advento de Cristo. No momento do nascimento do nosso Senhor apareceram anjos nos céus. A Bíblia está repleta de profecias e visões. Cristo apareceu a São Paulo numa visão. O Espírito Santo desceu no Pentecostes. A Abençoada Virgem foi vista em Lourdes. Nem na ideia nem na expressão existe qualquer conflito entre o dom da Sra. Dixon e a Igreja. De facto, para um Católico parece algo bastante normal, embora ainda não saibamos muito sobre esse campo dos fenómenos psíquicos."

De Jeane Dixon, pessoalmente, o monsenhor observou: "Ela é extremamente devota. Ela é extrovertida e gentil, definitivamente muito generosa e desejosa de ajudar os outros. Não há uma gota de egoísmo nela. Ela é uma pessoa superior em todos os sentidos."

A lembrança mais vívida que Jeane tem da Feira Mundial de 1939-40 é de uma pintura que ela viu num dos pavilhões. No instante em que vislumbrou o quadro da Madonna e da criança do século XVI da autoria de Innocenzo da Imola numa cena de presépio, ela ansiou por o comprar.

"Este quadro carrega uma mensagem muito especial para mim," explica ela.

"Eu certamente não tinha lugar onde pendurá-la, por ser muito grande para a minha parede; ainda assim eu percebi instantaneamente que um dia eu encontraria o lugar onde haveria de pertencer.

"No entanto, a pintura não estava à venda.

Dois anos depois, Jeane estava a comprar em Washington um presente de aniversário para uma amiga que gostava de pulseiras grandes e estridentes, e, embora Jeane não aprecie bijuterias, ela foi a uma casa de importação especializada em tais mercadorias. Ela selecionou uma pulseira e enquanto esperava que ela fosse embrulhada para oferecer de presente aconteceu olhar para a parte traseira da loja.

Lá, inclinada contra a parede, estava a pintura que ela admirava tão profundamente na feira. Esforçando-se por parecer indiferente, ela perguntou sobre ele e soube que o lojista estava a preparar-se para o devolver à Europa por ser muito caro para o comércio de Washington; e quando ele mencionou o preço, ela entendeu o porquê. Jeane infelizmente partiu com a sua compra, mas não conseguia tirar a pintura da cabeça. Desbloqueando o seu cofre, ela removeu as joias antiquadas que herdara da sogra, telefonou a um conhecedor de arte, e encarregou-o de levar as joias à casa de importação.

"Eu tinha notado o quanto o lojista não tirava os olhos de uma bela jovem Iraniana que estava trabalhando lá," Jeane recorda, "pelo que pedi ao especialista para garantir que ela visse as joias quando as exibisse ao proprietário da loja. Dentro de alguns dias eu tinha o quadro, a moça tinha uma pulseira de diamantes, o lojista tinha a moça como sua esposa, e o conhecedor de arte tinha uma bela comissão. Todos lucraram com a transação."

Jeane sentiu que, não obstante, o marido não aprovaria a troca, pelo que não lhe disse nada sobre o sucedido e arranjou a armazenar o quadro no domicílio da Virginia do Deputado Usher Burdick do Dakota do Norte. Quase uma década mais tarde, o congressista ofereceu-se para comprar o quadro a Jeane por US$35.000. Ela não queria vender, mas a oferta estimulou-lhe a ação. Através do perito de arte, ela arranjou a trazê-lo à atenção do Monsenhor Magner, que o examinou e disse que ele haveria de ficar grato por receber o quadro em nome da Universidade Católica da América. Jeane concordou em fazer a doação caso ela pudesse dedica-lo ao marido dela.

Ela manteve segredo do Jimmy por mais um ano, enquanto o quadro estava a passar por um restauro. Com a data finalmente marcada para a dedicação, ela pediu a Jimmy para a acompanhar à universidade para o descerrar de um quadro, mas ele respondeu bruscamente que estava ocupado demais com compromissos imobiliários para ir assistir a uma exposição de arte num dia de trabalho.

"Foi como puxar os dentes a uma galinha convencê-lo a ir," recorda Jeane com tristeza.

"Eu tinha mandado fazer uma placa de latão feita para o quadro, a dizer que estava a ser apresentado em homenagem a James Lamb Dixon, mas é claro que ele não tinha qualquer conhecimento disso. Finalmente tive que chorar antes que eu pudesse levá-lo a dizer que sim. Naquela época, ele ficou tão irritado comigo que ele pegou um carro separado, para poder apressar-se para os seus compromissos.

Ele disse que iria ficar exatamente durante quinze minutos, mas quando viu o serviço de chá de prata para um evento especial, e a impressionante cerimónia, como o Monsenhor (agora Bispo) William J. McDonald, a envergar o seu manto

esvoaçante com faixa arroxeada, liderou a procissão de prelados descendo pelas escadas abaixo, Jimmy ficou duas horas."

A esposa do embaixador Filipino Carlos Romulo e outros amigos de Jeane assistiram a Jimmy enquanto o monsenhor lia a história do quadro. Ele disse que o artista Innocenzo da Ímola, viveu de 1490 a 1549 e que, em toda a Europa, talvez existissem apenas cinco dos seus inestimáveis quadros religiosos em igrejas. Quando Jimmy ficou a saber que Jeane havia doado a pintura e dedicado a ele, ele ficou pálido de emoção. A Universidade Católica ficou tão orgulhosa com a aquisição que fez que mais tarde exibiu o quadro num programa de televisão e reproduziu a sua efígie nos Cartões oficiais de Natal da escola.

Em Maio de 1964, na cerimónia de consagração do Reverendo William Joseph McDonald, o novo Bispo autografou um programa com as seguintes palavras:

"À senhora Jeane Dixon, cuja profunda espiritualidade e genuína cultura Cristã são fontes de inspiração e de edificação para os seus muitos amigos. Com uma bênção, Atenciosamente em Cristo, William J. McDonald."

Embora Jeane seja uma Católica Romana devota, ela é igualmente respeitadora de todas as religiões. Quem atesta esse facto é o Rev. McArthur Jollay, pastor da Igreja do Full Gospel de Washington. O ministro da congregação interdenominacional conheceu Jeane através de uma associação comercial, depois da sua igreja ter comprado um lote grande na Massachusetts Avenue e ter aprovado planos para a construção de um edifício de US$650.000 com uma capacidade de mil e seiscentos assentos.

Jeane evidenciou um interesse pelo projeto, e quando ele lhe mostrou as plantas, ela exclamou: "Mas, Sr. Jollay, não há lugar aqui para uma pequena capela onde as pessoas possam vir e meditar. Veja nesses tremendos prédios de apartamentos por aqui. Pense nos estudantes da American University das proximidades! Você deve ter uma pequena capela onde as pessoas que estão com problemas e os despojados possam parar para orar a qualquer hora."

Para enfatizar o seu argumento, Jeane repetiu as palavras de uma música escrita pelo seu marido:

"Há uma pequena igreja velha ao lado da estrada,
Um refúgio de descanso quando você carrega um fardo;
Há uma pequena luz velha a brilhar tão brilhante
Naquela pequena igreja velha ao lado da estrada.
É o próprio santuário de Deus das coisas divinas e parece dizer:
Agora, se puder, senhor Traveling Man, pare para orar,
Naquela pequena igreja velha ao lado da estrada,
Que refúgio de descanso quando você está carregando um fardo."

O Rev. Sr. Jollay reconhece francamente que, por causa da sua inspiração, ele alterou os planos para incluir uma pequena capela adjacente ao santuário, que estará aberta o tempo todo, dia ou noite. Da senhora Dixon, ele apresenta a informação: “Ela é uma das pessoas mais interessantes! Ela é Católica Romana, mas muito aberta na atitude em relação ao Cristianismo em toda parte. Ela é uma senhora muito magnânima.”

CAPÍTULO 15

As amigas aprenderam que, se quiserem visitar Jeane Dixon, elas precisam chegar até ela depressa. Um perfeito dínamo em movimento, ela trabalha doze horas por dia, sete dias por semana, começando cada um com a presença na Missa. Ela não só serve de secretária-tesoureira da empresa James L. Dixon Realty Company, como lida com todos os contratos e empréstimos para o seu departamento residencial e vende pessoalmente muitas casas e propriedades de empresas. Numa fria noite de Novembro de 1963, Lorene Mason parou no escritório, a fim de voltar para casa com Jeane. Passeando pela Connecticut Avenue, ela mencionou uma Filme de Frank Sinatra que ela tinha visto, e ao fazê-lo Jeane gritou: “Lorene, Frank Sinatra vai sofrer um terrível choque!”

“Ele vai morrer?” disse Lorene ofegante.

“Não, não, não,” Jeane murmurou, “mas ele vai sofrer um grave choque de ele se há de lembrar para o resto da sua vida. Ele é vai pensar que é uma morte, mas não é. Diz respeito ao seu filho. É uma situação que lhe há de trazer o maior desgosto da sua vida. Algum tipo de escândalo está ligado a isso.” Lorene perguntou como ela poderia ter certeza de que era um escândalo, ao invés de uma morte, e Jeane respondeu: “Porque, assim como você pronunciou o nome de Sinatra, uma cortina clara foi descerrada, até o fundo da calçada. Mas era cinza, e não preto. Preto teria significado morte.”

Miss Mason recorda que aproximadamente dez dias depois ela tinha o programa “Today,” ligado quando o apresentador anunciou que Frank Sinatra Jr. fora sequestrado. Ela imediatamente telefonou a Jeane, que lhe garantiu que ele estava vivo e ileso. E estava, mas quando os três homens acusados de o sequestrar foram levados a julgamento, os advogados de defesa acusaram que o jovem cantor havia ajudado a planear o seu próprio sequestro como uma farsa, para continuar sua carreira no palco. A acusação foi negada e os homens foram condenados, mas resta pouca dúvida de que Frank, Sr. sofreu uma verdadeira angústia.

Lorene recorda igualmente que, muitos meses antes de Elizabeth Taylor se casar com Richard Burton, comentou com Jeane que Burton provavelmente nunca se casaria com Liz, e Jeane respondeu:

"Ah sim, ele vai casar. Eles vão se casar, mas o dinheiro há de estar na raiz dos problemas que vão ter e há de atrasar o casamento."

Jeane fez um prognóstico similar no show de TV de Johnny Carson, e como o mundo logo viria a descobrir, a senhorita Taylor protelou muito o casamento enquanto o seu marido rejeitado, Eddie Fisher, insistiu em falar sobre dinheiro junto com o divórcio.

No início da primavera de 1964, Jeane estava a almoçar com Lady Bumgardner e a sua amiga comum Hildegarde, que tinham um compromisso em Washington. O cantor estava a falar sobre os planos que fazia para a temporada quando, com uma carranca intrigada vincada na testa, Jeane interrompeu para dizer: "É a coisa mais estranha, Hildegarde, mas acabei de a ver em vestes de freira. Eu não posso entender o porquê, porque tenho certeza que você não vai entrar num convento."

A vedeta do canto garantiu jovialmente a Jeane que ela estava certa quanto a isso, pelo menos. Aproximadamente dois meses depois o produtor Charles R. Wood anunciou que havia assinado Hildegarde para a sua primeira aparição dramática no palco real. Ela iria, disse ele, estrelar no filme de Christopher Blake Lavalliere, a história de uma atriz que desistia da sua carreira para entrar num convento, mas era rejeitada.

Embora Jeane esteja certa na maioria das vezes, ocasionalmente uma das suas declarações psíquicas soa de tal modo absurda que eu a omito das colunas do meu Ano Novo. Uma dessas omissões foi feita no final de Dezembro de 1963; dizia respeito ao assassinato do presidente Kennedy, do qual Jeane escreveu:

"Ao interpretar os meus símbolos, Fidel Castro acreditava que o presidente Kennedy e o primeiro-ministro Krushchev se haviam unido num plano para o eliminar e o substituir por alguém mais aceitável para os Estados Unidos e a ONU. Consequentemente, Castro, ao seu jeito conspirador, providenciou o assassinato de John F. Kennedy. Lee Harvey Oswald era o homem do gatilho, mas havia outras pessoas envolvido na trama."

A mãe de Oswald veio a Washington pouco tempo depois para testemunhar perante a Comissão Warren e, a seu pedido, um advogado organizou-lhe uma entrevista com Jeane, que diz da reunião:

"Ela não era exatamente o tipo de pessoa que eu tinha esperado. Eu pensei que ela fosse um pouco da linha dura, mas ela era mais pequeno do que eu tinha previsto, e tinha uma tez linda. Pelas suas vibrações, eu sabia que ela tinha um carácter muito contraditório. Ela tem amor pelo seu país mas é muito, muito inquieta. Ela só pode ficar quieta por pouco tempo, e logo precisa de uma mudança. Ela é atormentada pelo desejo de viajar e a única maneira por que consegue corrigir essa inquietação é por meio de uma severa disciplina. Ela

queria saber se eu achava que o filho dela tinha disparado o tiro que matou o Presidente. Eu disse-lhe o que tinha vindo a mim psiquicamente anteriormente: o assassino com duas sílabas num nome de cinco ou seis letras, com um S como segunda letra. Ela disse-me que achava que o filho fazia parte da trama, mas ela acreditava que nosso próprio governo estava por trás disso. Ela pensava que nenhuma intriga Comunista estava envolvida."

Jeane diz em relação ao caso: "Eu captei psiquicamente que Castro estava muito perturbado com um 'entendimento' que ele acreditava terem chegado Kennedy e Khrushchev com respeito a Cuba. Ele ficou convencido de que a única maneira de bloquear o plano deles de o eliminarem era para de agir de forma ofensiva contra um deles. Castro sabia que não teria oportunidade de se desfazer de Khrushchev, pelo que a única maneira de estragar tudo passava por providenciar o assassinato do Presidente Kennedy."

A Comissão Warren decidiu desde então que Lee Oswald agira sozinho, sem confederados, mas certas pessoas, tanto aqui como no exterior recusaram-se a aceitar tal veredicto. Nesse caso em particular, nós poderemos nunca vir a saber se Jeane estava certa ou errada nela interpretação dos símbolos da sua bola de cristal.

Kay Halle, a quem Jeane primeiro alertou que O Presidente Kennedy iria ser assassinado a menos que ele cancelasse uma viagem ao Sul, convidou Jeane para almoçar na sua casa em Georgetown a 28 de Fevereiro de 1964. O sobrinho dela também esteve presente, e Jeane estava advertiu-o sobre um problema de saúde que o Presidente Johnson devia vigiar, quando Kay repreendeu: "Pare com isso, Jeane. Eu já não aguento mais tragédias presidenciais. Vamos mudar o assunto. Você viu fotos de outros eventos recentemente?"

"Já," respondeu Jeane hesitante, "por algum motivo eu estou sempre a ver uma foto da terra a ser revolvida, de casas a ser desfeitas, e de grandes geiseres de água."

"Será para perto?" perguntou Kay alarmada.

"Não, não é," assegurou Jeane à amiga, "eu vejo a terra a tremer, mas é em algum lugar no Canadá ou na área da área do Alasca. É a noroeste daqui."

Duas semanas depois, a srta. Halle leu sobre um ligeiro terremoto que sucedera no Chile e telefonou a Jeane para perguntar se era isso que ela tinha previsto. "Não," respondeu enfaticamente Jeane. "Isso fica no sul, e você vai se lembrar que o que eu vi ficava no noroeste, ao redor do Canadá ou do Alasca. É muito mais impressionante do que aquilo de que você está a falar. "Em Março 27 de 1964, o Alasca sofreu um dos terremotos mais destrutivos dos tempos modernos. Apenas quatro semanas se tinham passado desde a Previsão de Jeane.

No verão de 1964, este livro já levava um bom avanço e por vezes eu conversava com Jeane pelo telefone duas ou três vezes por dia. Na manhã de 9 de Julho, enquanto eu me preparava para voar para San Francisco para ir cobrir a Convenção Nacional Republicana, liguei para ela e disse que estava com um pequeno problema.

Antes que eu pudesse prosseguir, ela interrompeu-me: “Sim, é sobre Pepe. O que gostava que eu fizesse com ele?” Embora por esta altura eu já me tivesse sentido propriamente impressionada com os poderes psíquicos dela, a resposta dela não me deixou perplexa. Nunca antes eu lhe pedira para que fizesse o que fosse pelo meu pequeno Poodle Francês, Pepe, e não até poucos minutos antes da minha ligação, eu soube que a minha empregada não poderia estar presente para o receber quando o gerente do canil o entregasse no dia em que eu regressava a casa. O meu único motivo para lhe ligar, pois, foi perguntar a Jeane se ela permitiria que Pepe fosse entregue em sua casa por algumas horas, até que o meu avião aterrasse. Se isso foi transferência de pensamento, eu não sei, mas Jeane concordou de bom grado e eu voei para a convenção livre da ideia.

A Sra. Ambrose Diehl, viúva do vice-presidente da U.S. Steel, convidou-me para ficar com ela durante a convenção, mas porque eu ter que trabalhar longas horas, eu recusei. Não foi senão até o meu regresso, uma semana depois, que fiquei a saber de outro exemplo surpreendente da capacidade psíquica de Jeane. A viúva de Sir Wilmott Lewis, correspondente de longa data do London Times de Washington, deu-me conta do seguinte:

“Jeane apareceu certa manhã para me ver, e enquanto conversávamos, perguntei o que ela poderia captar para mim. Ela não me disse nada sobre mim -- por alguma razão, ela nunca o faz -- pelo que mudei de assunto dizendo que estava um pouco preocupada com Frances Diehl. Ela ultimamente não parecia muito bem, e eu sabia que Jeane estava familiarizada com ela. Assim que eu mencionei o nome de Frances, Jeane disse devagar: 'Eu vejo-a a abrir uma cortina preta dentro de casa dela. Há morte em torno de Frances, uma morte muito próxima, embora não seja da própria Frances, por eu a ver a abrir a cortina.”

No dia seguinte, Lady Lewis soube que a Sra. Diehl tinha encontrado a sua convidada, a Sra. Charles Kittle, morta vítima de ataque cardíaco. A morte repentina de Jane Kittle foi um choque severo para Lady Lewis e para todos quantos a conheciam. Viúva de um ex presidente da Sears, Roebuck & Company, ela casara-se de uma forma breve na sua juventude com o cartunista Fontaine Fox, inventora da história de quadrinhos “Toonerville Trolley.” Curiosamente, o próprio Fox sobreviveu-lhe apenas por duas semanas.

Os Beatles destruíram a serenidade de numerosos agregados familiares Americanos que abrigassem adolescentes e, inadvertidamente, causaram estragos a Jeane Dixon. Como todo adulto médio, ela tinha apenas vagas impressões do

fenómeno Beatle e tinha nunca meditara no grupo de cabeludos de cabelo de esfregão. Consequentemente, ela ficou surpreendida quando, em Março de 1964, comentadores de televisão, redatores de jornais e revistas de todas as secções do país começaram a fazer-lhe chamadas de longa distância para perguntar sobre notícias de que ela havia previsto a morte num acidente de avião para os Beatles em Agosto seguinte.

Desnorteada com as perguntas inesperadas, Jeane respondeu que não tinha feito previsões de tipo nenhum sobre os Beatles. Centenas de adolescentes, obviamente muito abalados com relatos da sua suposta previsão, chamaram igualmente, e muitos deles soluçavam e imploravam para saber se havia alguma maneira de manter os Beatles vivos. Então começaram a chegar grandes sacos de correspondência, e Jeane mal conseguia dormir à noite por causa do telefone que não parava de tocar. A inundação de chamadas e cartas interferiu tão seriamente com a vida quotidiana dela que ela recorreu a mim por um conselho e eu sugeri que ela meditasse nos Beatles.

Se alguma coisa lhe viesse psiquicamente, eu poderia escrever uma coluna de jornal a reportar o que ela realmente previra sobre eles. Ela fê-lo, e a minha coluna de 26 de Março de 1964, trazia a notícia que Jeane previra um contínuo sucesso para o Beatles, embora um deles "infelizmente se afastasse do grupo em breve, depois do que se iria arrepender." A coluna garantia aos fãs dos Beatles que a Sra. Dixon não previra qualquer acidente de aviação nem nenhum outro tipo de morte violenta para qualquer um dos quatro artistas.

Essa coluna precipitou outro dilúvio de cartas de agradecimento a Jeane pelas "boas novas" e vários clubes de fans dos Beatles da Virgínia e da Pensilvânia a nomearam com gratidão Mulher do Ano.

A calma relativa regressou ao escritório de Dixon até uma certa tarde de Agosto de 1964, quando novamente o telefone ficou sobrecarregado com as ligações de Londres, do Havaí e de diversos outros estados do continente. Seria verdade que a Sra. Dixon havia previsto a morte trágica em 3 ou 4 de Setembro de três dos quatro Beatles? Alguém que se identificara como Sra. Louise Harrison Caldwell, uma suposta irmã do "Beatle" George Harrison, ligou de Benton, no Illinois para dizer que o seu irmão estava preocupado com a "previsão" e perguntava se o grupo deveria cancelar sua aparição, naquele momento, na Feira do Estado de Indianápolis. Com a maior paciência possível, Jeane de novo garantiu a todos os que lhe ligaram que ela nada havia previsto além de boa saúde para todos os quatro Beatles.

Onde, continuou ela a perguntar, começaram os rumores? Ninguém parecia saber, exceto que as manchetes do London Daily Mail e vários outros jornais Ingleses reportaram a suposta previsão da Sra. Dixon. Dois dias depois Vice-Secretário de Estado Adjunto Lee Walsh, que se encontrava na Grã-Bretanha à época, enviou por correio aéreo Jeane vários dos Jornais de Londres. Todos os

artigos traziam data das linhas dos EUA, e desde que um bando de repórteres de Londres viajava com os Beatles na sua turnê Americana, só pode ser supor que vários deles terão decidido aumentar a cobertura com algo além de gritos histéricos de adolescentes.

Jeane por vezes vê-se inesperadamente envolvida numa intriga diplomática, e um desses incidentes ocorreu logo após o fiasco da Baía dos Porcos no início de 1961. Um homem cujo nome ela não conhecia ligar diversas vezes para o seu escritório, a marcar uma marcação; mas desde que todos esses pedidos de estranhos são recusados, ela não pensou mais nisso até que uma amiga telefonou em nome dele. Jeane finalmente concordou em vê-lo, e quando Mario Garcia Kohly entrou no seu escritório à hora marcada ela tocou-lhe as pontas dos dedos e disse:

"Você vai ter muito mais dificuldade em arrecadar fundos para uma revolução do que você realmente virá a ter para entrar em Cuba. Você irá fazer isso várias vezes. No entanto, ao tentar arrecadar dinheiro para uma invasão você sofrerá o maior desgosto da sua vida. Você irá ter motivos para lamentar a sua ação."

Garcia Kohly, ao discutir o encontro comigo no outono de 1964, mais de três anos após a leitura, disse: "A senhora Dixon foi extraordinariamente precisa. Desde então, tenho tentado conseguir entrar e sair do meu país de origem várias vezes sem ser detetado, mas tenho tido muito menos sucesso em angariar fundos para uma revolução ou invasão.

"Ele contraiu a mandíbula, e avançou a informação de que tinha recentemente sido condenado a um ano de prisão, depois de um julgamento no Tribunal Federal do Sul do Distrito, na cidade de Nova Iorque, por falsificar o "Dinheiro de Castro." Foi planejado para uso, ele disse, na infiltração de Cuba para libertar aquela ilha problemática do regime comunista, e ele foi então libertado após recurso.

Ele encaminhou-me para o Registo do Congresso da Segunda-feira, 1º de Outubro de 1962, em que o Representante John R. Pillion de Nova Iorque inseriu uma proclamação assinada pelos "principais grupos da clandestinidade agora em luta em Cuba." Emitido em 20 de Junho "num certo lugar em Havana," a proclamação pedia que Mario Garcia Kohly fosse reconhecido pelas outras nações como presidente provisório de um governo de facto Cubano no exílio. Num discurso de acompanhamento o Senador Pillion disse que o grupo representava "uma união de noventa e seis grupos de refugiados Cubanos que abrangem cerca de 118.000 refugiados e 45.000 lutadores na clandestinidade."

Jeane, pequena e efeminada não se parece com o tipo de pessoa que aconselhasse espiões em atividades clandestinas, mesmo que inadvertidamente.

No entanto, a janela ed que goza para o amanhã parece não escolher nenhum favorito.

Margaret Arthur, uma enfermeira empregada do Dr. Don Johnson de Washington, veio a conhecer Jeane através frequentes chamadas que a última fez para o consultório a marcar tratamento de uma condição de sinusite crónica. Quando ela soube que eu estava a escrever um livro sobre a Sra. Dixon, a senhorita Arthur escreveu-me voluntariamente a seguinte carta: "Quatro anos atrás, tive uma hemorragia de uma úlcera duodenal, o que exigiu uma longa permanência no hospital e um longo período de convalescença. Logo depois de sair do hospital, eu estava a conversar com a Sra. Dixon e mencionei que eu estava preocupada com a minha conta do hospital e não sabia como eu havia de fazer para gerir os dois meses seguintes. Ela pegou na minha mão e depois de um minuto disse-me para não me preocupar.

Ela disse que estava tudo ia acabar bem, porque eu receberia uma quantia em dinheiro em breve. Eu ri, por a minha família não ser rica e eu não iria pedir ajuda. Quando ela me disse que iria ser uma herança, eu ri de novo, porque nenhum dos meus parentes tem um tipo de posses dessas nem é provável que me inclua nos seus testamentos. Uma senhora idosa que eu conheci caiu e quebrou o quadril pouco antes de eu ficar doente. Um mês depois que saí do hospital ela teve um ataque cardíaco e morreu. Quando o seu testamento foi lido eu vinha mencionada nele, conforme Jeane me havia dito. Então, passei a dispor de dinheiro suficiente não apenas para pagar as minhas despesas atuais, mas para pôr de lado um pequeno pé-de-meia também."

Russell P. Riley, corretor de imóveis de Washington, lembra que um dia quando a Sra. Dixon estava a almoçar com um cliente, ela de repente disse que tinha que sair, porque sentia que havia um incêndio que tinha muito que ver com ela. Ela correu para o escritório imobiliário do marido e viu bombeiros a jogar móveis pela janela fora. "Eu recordo," prosseguiu ele, "que quando os colunistas estavam a escrever sobre a aproximação do casamento de Lynda Bird Johnson depois o que seu pai se tornara presidente, a Sra. Dixon disse que não iria casar com o homem de quem ela estava noiva. E passados alguns meses, o noivado foi anulado.

De uma outra vez, a Sra. Dixon previu para mim que um amigo dela que estava com dificuldades conjugais iria tentar cometer suicídio. Pouco tempo depois, quando ela tentou telefonar para ela, e não obteve resposta, a senhora Dixon enviou uma ambulância para a casa dela. O médico que atendeu disse que a mulher ingerira uma overdose de pílulas para dormir e teria morrido, não fora aquela rápida deslocação ao hospital."

Ira Walsh, executivo do jornal Hearst que está emprestado ao Director Sargent Shriver como adjunto especial num programa de Combate Contra a Pobreza, conheceu Jeane Dixon por um mero acaso da sorte em Fevereiro de

1965. Ele estava a almoçar com um associado de negócios no Hotel Mayflower e ao ouvir o seu companheiro a cumprimentar uma mulher atraente numa mesa ao lado e trata-la de "Sra. Dixon," ele perguntou se essa não era a famosa Jeane Dixon, de quem andava a ler há doze anos.

Assegurado de que era, ele convidou-a para um almoço alguns dias mais tarde. Este é o relato que ele fez do que aconteceu: "Eu estava sentado lá a pensar na ótima história em quadrinhos que Hearst poderia tecer em torno do Mike the MagiCat dela, quando ela de repente disse:

"Sr. Walsh, antes de discutir histórias em quadrinhos, eu quero dizer. . ."

Eu olhei com cara de espanto, por não ter nem mencionado a ideia. Ela contou-me um pouco sobre a vida dela e comecei a pensar que ótimo que seria um filme, quando ela disse:

"Antes de você falar sobre um filme. . ."

"A essa altura, eu pulei e disse que da próxima vez que ela me lesse o pensamento que eu iria sair dali. Aquilo foi simplesmente assustador demais de sentir que eu não podia nem ter pensamentos sem que ela tivesse conhecimento deles. Ela prometeu não o fazer de novo e apertamos a mão num acordo. Nesse instante, ao me tocar na mão, ela aparentemente captou algo do nada, porque o seu humor ter mudado abruptamente e ela disse: "Antes de você me deixar, por que não vai a um médico de imediato? Se o fizer, você poderá prolongar bastante a sua vida."

"Walsh diz que estava se sentia "absolutamente fantástico" e que os amigos lhe tinham dito que ele nunca parecera estar melhor desde que perdera algum peso. A observação de Jeane, no entanto, ficou a apoquentá-lo, e na Quinta-feira seguinte ele foi a um médico fazer um exame. Como ele tinha a casa em San Francisco e ele estava em Washington há apenas alguns meses, ele era desconhecido do médico, mas depois de fazer os exames habituais ele disse-lhe:

"A percentagem que tem de açúcar no sangue é superior a quinhentos. É uma sorte você ter entrado aqui hoje, porque você poderia ter sofrido um choque e caído morto, se você não tivesse vindo."

O médico deteve-o por mais uma hora para evitar a possibilidade de ele entrar em coma e prescreveu uma dieta rígida. Desta experiência, Walsh diz:

"Não há dúvida de que Jeane Dixon me salvou minha vida. Se eu tivesse atrasado a consulta ao médico, não estaria aqui hoje. Embora eu anteriormente fosse um descrente absoluto no campo psíquico, agora vou passar a acreditar em fantasmas."

Esse sexto sentido de Jeane deixou todos que a conhecem desconcertados, mas por causa disso a maioria das suas amigas volta-se instantaneamente para ela em busca de conselhos quando confrontadas com a necessidade de uma decisão importante. A irmã Mary Mercy, uma freira da Ordem dos Santos Nomes, costumava almoçar com Jeane todos os anos que viajava para Washington da Califórnia para visitar os pais, o Senador e a Sra. Pat McCarran.

Por altura da morte do seu pai, porém, ela estava a morar no Salão de Estudos da Universidade Católica e a trabalhar no seu doutoramento em arte e arqueologia. A irmã Mary Mercy conhecia Jeane há muitos anos, mas porque uma freira não se entrega a amizades íntimas a relação que tinha não deixava de ser casual, erguida com base no respeito mútuo. Um dia no outono de 1956, a irmã Mary Mercy e duas outras amigas almoçaram com Jeane, e quando as mulheres se levantaram para sair, a freira fez um sinal de lado para Jeane e disse que gostaria de lhe pedir um conselho sobre uma coisa.

"Eu sei," respondeu Jeane calmamente, "não precisa dizer-me. Você quer saber se deve sair do convento." A irmã Mary Mercy ficou espantada. A ninguém tinha ela ainda confidenciado que depois de quase trinta e dois anos ela se sentira chamada a deixar o convento e a cuidar da mãe viúva. Jeane tinha-lhe lido corretamente o íntimo. Com uma dispensação Papal, a irmã Mary Mercy renunciou aos seus votos no ano seguinte e retomou o seu nome de Mary McCarran. Quatro anos depois ele escreveu um livro sobre a sua vida no convento, intitulado, "Certa Vez Houve uma Freira." Durante o seu preparo, Mary disse-me que Jeane lhe adivinhara o segredo e que posteriormente a ajudara a comprar o vestido, sapatos e casaco pelos quais ela trocou as roupas da freira, no dia em que ela deixou o convento.

CAPÍTULO 16

O treino de Jeane Dixon em ciência e tecnologia nuclear é aproximadamente equivalente ao de um aluno do jardim-de-infância. Contudo, essa falta de conhecimento de fundo num campo nunca parece interferir com a sua notável visão, quando ela tem visões. Essa faculdade revelou-se durante uma reunião convocada por um grupo de homens de treino científico a 14 de Agosto de 1963, com o objetivo de sondar a perceção extrassensorial.

Entre os presentes na sessão realizada nas instalações legais da Haley, Bader e Potts, em Washington encontrava-se o Dr. William Brewster, pesquisador de física do Hospital Walter Reed Army; Andrew Haley, conselheiro geral do Departamento Astronáutico Internacional Federação e conselho do Instituto Americano de Aeronáutica e Astronáutica; James Shiner, assistente do diretor de biotecnologia e pesquisa humana, cargo de pesquisa e tecnologia da NASA, a nossa agência espacial; o dr. F. Regis Riesenman, conhecido psiquiatra; e o Sr. e Sra. Dixon. Haley é uma autoridade reconhecida no espaço sideral que escreveu dois livros sobre o assunto: "Rocketry e Space Exploration" e "Direito

Espacial e Governo". Ao ouvir falar de Jeane Dixon em 1953 através da previsão difundida a nível nacional que ela fez de que a Rússia lançaria um satélite em órbita ao redor da Terra, ele fez um inquérito entre cientistas Europeus, mas não chegou a apurar nada sobre qualquer programa espacial Russo. Dois anos mais tarde, enquanto participava da Federação Astronáutica Internacional Congresso em Copenhaga, delegados Soviéticos disseram a Haley que eles estavam a trabalhar num programa desses.

No seu retorno a Washington, ele ligou a Jeane a pedir detalhes adicionais. Como tivera ela conhecimento desse projeto? Jeane não tinha tido. Tudo o que ela lhe pode dizer foi que tinha "visto" a Rússia a lançar o primeiro satélite do mundo, que se assemelhava a uma bola de prata, e que, quando ao voltar para a Rússia, mudou e se transformou numa pomba que afundava as suas garras no couro cabeludo de um homem careca que então seria o líder Russo.

Essa informação ficou na memória de Haley enquanto ele serviu como observador Americano em conferências sobre aeronáutica e mísseis na Alemanha, Bélgica, Itália e França, viajou para a conferência geral da UNESCO, em Nova Deli, Índia, e serviu como presidente da American Rocket Society e presidente do seu comité de voos espaciais.

Em 1957, quando a Rússia lançou o Sputnik I, Andrew Haley foi um dos primeiros a telefonar a dar os parabéns para o amador que havia acertado no alvo quatro anos antes. Haley continuou a consultá-la de tempos a tempos e, eventualmente, marcou uma reunião entre ela e um júri de cientistas no seu escritório seis anos depois. "O júri examinou atentamente a senhora Dixon sobre as suas visões - e inquiriu como elas chegavam até ela, como ela as interpretava, e se ela tinha tido outras a respeito do espaço sideral," lembra Haley. "O mais interessante sobre a noite foi que, à excepção de mim, Jeane Dixon tinha mais conhecimento sobre foguetes do que qualquer outro na sala."

O dr. Riesenman, informado da avaliação do promotor do espaço, afirma: "Não há dúvida de que isso é verdade. Embora ela provavelmente nunca tenha lido um artigo sobre o assunto ba vida, ela falou com um conhecimento incrível."

Por os cientistas parecerem tão ansiosos por saber mais sobre o futuro da corrida espacial, Jeane concordou em meditar em foguetes naquela noite. Depois de se retirar para o quarto, diz ela, veio-lhe uma visão na escuridão, iluminando o quarto.

"Eu vi uma bola de prata como o Sputnik a sair da Rússia e a entrar num míssil poderoso que viajou ao redor do globo para a esquerda. De repente, mudou de rumo e viajou na direção oposta. Por baixo, a América brilhava, mas à medida que o míssil deu a volta, as luzes do nosso país apagaram-se, deixando-nos na total escuridão. Eu interpretei isso como significando que a Rússia tem um tipo secreto de míssil para o qual não temos nenhum antimíssil. É tão poderoso que

pode imobilizar completamente os nossos sistemas de comunicação e de iluminação. Também pode causar estragos na navegação dos nossos aviões."

Perguntei a Jeane se ela queria dizer que os Soviéticos já possuem uma arma tão assustadora ou se ela estava a "ver" o futuro. Ela disse que está confiante de que os russos já a haviam desenvolvido no outono de 1963 "e estavam a preparar-se para fazer saber ao nosso governo que eles a possuíam para nos forçar a fazer negócios nos seus termos, quando interveio o assassinato do presidente Kennedy."

Sete semanas após a visão, em 6 de Outubro de 1963, Jeane emitiu um aviso sobre isso no "Tonight Show" de Johnny Carson. Ela já havia descrito isso em detalhes ao Sr. Haley e ao Dr. Riesenman. No 1º de Novembro, a União Soviética lançou um satélite não tripulado chamado Polyot 1, que fez uma série de manobras de mudança de órbita por sinal de rádio enviado da terra. Comunicados Soviéticos designaram os "gráficos complexos" que descrevia no espaço, e uma publicação das forças armadas Russas disse:

"A nossa nova nave espacial manobrável, que responde aos comandos de rádio da terra, obedientemente virou primeiro para um lado, depois para o outro, subiu e mergulhou, e mudou de posição no espaço."

Isso parecia-se assustadoramente com o satélite que Jeane havia previsto.

Em 28 de Janeiro de 1964, os Americanos descobriram que um dos nossos aviões T39 havia sido derrubado na Alemanha Oriental. A tripulação composta de três homens estava morta. Após uma investigação, a Força Aérea anunciou: "É evidente que o T39 experimentava dificuldade nas comunicações, pois não respondeu a nenhuma comunicação de rádio depois das 14h30, e que também estava a ter dificuldades de navegação. Obviamente, o piloto não sabia que ele havia se desviado para a zona Soviética."

Poderia essa falha de comunicação ter resultado de um novo aparelho estranho como Jeane havia previsto cinco meses antes? Eu não sei, mas menos de dois meses depois, um dos nossos aviões IB66 também foi derrubado na Alemanha Oriental. Desta vez, a Força Aérea apenas anunciou que o avião "entrou na Alemanha Oriental devido a erro de navegação" que um caça não identificado o havia ultrapassado e o impacto ocorreu sem aviso.

Por causa da guerra fria em que nos encontrávamos com o mundo comunista, o misterioso desvio dos aviões dos EUA para território inimigo é um assunto altamente classificado, e os factos verdadeiros podem não vir a ser revelados por muitos anos. O promotor da astronáutica Haley diz: "Se os Soviéticos realmente encontraram uma maneira de reverter o campo eletromagnético tudo é possível, incluindo um apagão de comunicações entre a América e os nossos aviões, conforme a Sra. Dixon prediz."

Nunca antes reveladas foram diversas ocorrências provocativas que podem ou não ser significativas. A primeira foi em 1953, dois dias após o prognóstico difundido de Jeane sobre o primeiro satélite Russo. Ela estava a trabalhar na sua secretária no escritório da Imobiliária quando um homem telefonou e num Inglês acentuado perguntou se ela poderia vir à Embaixada da Rússia para se encontrar com o embaixador.

Ciente de que os Soviéticos estavam a comprar imóveis, ela supôs que a chamada envolvesse negócios e pegou um táxi para se dirigir à embaixada. Dois homens receberam-na à porta do que anteriormente tinha sido a Mansão Pullman, e um deles a conduziu a um escritório à esquerda do vestíbulo. Ele falou por breves instantes ao interfone e de seguida fez sinal para ela o acompanhar até o segundo andar. O embaixador Georgi Zaroubin estava à espera de a receber na sala de visitas. O companheiro dele retirou-se, deixando-os a sós. Um criado entrou com uma bandeja de café e depois partiu.

O embaixador, depois de verter a bebida espessa nas xícaras, fez algumas observações casuais sobre os problemas de imobiliária com que estava. Inclinando-se para a frente na sua cadeira, ele por fim sorriu e disse: “Sra. Dixon, tive o prazer de escutar a sua transmissão na outra noite com o Embaixador Davies. Conte-me, onde foi que recolheu essas informações sobre um programa Espacial Russo? De onde foi que tirou a ideia de que vamos tem um - como é que lhe chama - satélite?”

Jeane, quem é tão inocente quanto uma criança, respondeu que não tinha recebido informação “de ninguém, exceto de Deus,” mas que lhe tinha sido mostrado numa visão enquanto aparecia na televisão. O embaixador Zaroubin escutou-a com cortesia. Quando ela completou a descrição que fez da visão, ele disse: “Então você sabe de algo de que não temos conhecimento. O nosso país não está a fazer nada disso.”

Olhando de volta para esse dia, Jeane pensa: “Ele parecia genuinamente intrigado e bastante confuso. Tive a sensação de que ele sabia algo que ele não queria divulgar, mas de que ele não estava bem certo do que ele próprio sabia.”

Um segundo incidente ocorreu na manhã seguinte à sua aparição no programa de televisão de Johnny Carson, dez anos depois. Um funcionário do Pentágono ligou, identificou-se por nome e perguntou onde ela havia obtido as informações sobre um satélite Soviético que seria capaz de neutralizar as nossas comunicações.

Desconsiderando a explicação sobre a visão, ele insistiu em conhecer a fonte “real” da sua informação. Um pouco ofendida pelos seus modos bruscos, Jeane respondeu: “A minha fonte é a mesma fonte que está ao dispor de todos. Chegue-se simplesmente a Deus e você receberá.”

Pouco tempo depois, a ex-congressista Coya Knutson telefonou do seu escritório da Defesa Civil no Pentágono para dizer: “Jeane, você deixou este prédio virado de cabeça para baixo. Todo mundo aqui quer saber onde você obteve as suas informações para o programa do Johnny Carson da noite passada.” Jeane disse-lhe que era realmente muito simples e que ela tentara explicá-lo ao funcionário do Pentágono que ligara antes. “Agora, deixe que lho explique a si nos mesmos termos, Coya.” Jeane começou. “Pegue num tinteiro e gire-o no sentido horário na sua mão. Tudo se mostra claro. Agora, de repente, gire-o no sentido anti-horário e visualize tudo a escurecer. Essa é a maneira como este satélite Russo funcionará.

Ao girar escurece os nossos sistemas de comunicação e de iluminação. Eu vi isso suceder numa visão.” A senhora Knutson sabia que não devia discutir com Jeane. Os funcionários treinados do Pentágono cientificamente podem não entender o que a sua amiga estava a dizer, mas ela mesma testemunhou o suficiente dos aparentes milagres de Jeane para os aceitar eles pelo valor nominal.

No dia seguinte, Jeane estava a trabalhar na sua secretária quando o rececionista disse a ela que “um homem com um distintivo” estava à espera para se encontrar com ela. Ele estava apenas dois passos atrás da mulher atrapalhada. Identificando-se como agente de um de nossos serviços de inteligência super-secretos, ele perguntou se havia algum lugar onde eles pudessem conversar em total privacidade. Jeane conduziu-o ao longo do corredor até a biblioteca John Philip Sousa, e assim que a porta se fechou atrás deles, ele perguntou onde ela havia obtido as informações para o que transmitira. Um pouco cansada Jeane contou de novo a visão que lhe parecera alguns semanas antes. “Mas isso é extremamente secreto,” expôs ele. “Você não deveria ter conhecimento dessas coisas.”

A mulher devota tinha ouvido o suficiente. Inclinando o queixo, ela replicou: “A Bíblia diz: 'Pedi e recebereis.' Eu peço que Deus me mostre qualquer coisa que eu possa dizer aos outros para esclarecimento e aperfeiçoamento da humanidade. Eu acho que Ele é o melhor juiz do que eu deva saber.” O agente humilhado agradeceu e partiu. Alguns dias depois, Coya Knutson contou sobre a previsão que Jeane fizera sobre um satélite Russo ao senador Hubert Humphrey que era capaz de neutralizar as nossas comunicações. Coya diz que Humphrey respondeu: “Há um tempo que receávamos de um desenvolvimento desses.”

CAPÍTULO 17

O repentino abalo que se verificou do Kremlin em Outubro de 1964 apanhou o governo e os funcionários aqui e no exterior em completa surpresa. O mesmo não se poderia dizer de Jeane Dixon, que tinha previsto em Dezembro

anterior que Nikita Khrushchev logo seria deposto. Para a coluna do Ano Novo de 1964 ela escreveu: “Prevejo um grande perigo para os Estados Unidos durante 1964-67, tanto no mercado doméstico quanto das relações exteriores.

Esse perigo será ampliado por um novo líder que irá substituir o Presidente Nikita Khrushchev nos próximos dezoito meses. O nome deste homem começa com um s. Ele é do tipo professoral, intelectual, e vai ser para nós muito mais difícil de lidar do que com que Khrushchev. Ele já está a trabalhar com cientistas Soviéticos, Chineses e Alemães para planear a nossa destruição, mas ele não irá obter sucesso.”

Conforme o mundo agora sabe, os deveres de Khrushchev como Premeiro-ministro e chefe do Partido Comunista foram divididos em Outubro entre Leonid Brezhnev e Alexei Kosygin. Os Kremlinologistas começaram de imediato a especular, porém, que os dois homens provavelmente seriam apenas guardiões temporários do poder da União Soviética até que um novo homem forte emergisse. Notou-se que Mikhail S. Suslov fez o discurso-chave na reunião do Comité Central do Partido Comunista que afetou a reorganização, e também respondeu pela moção que derrubou Khrushchev. Uma fonte de inteligência de topo descreveu-me Suslov, de 62 anos, como “um dos poucos intelectuais da hierarquia Russa; um homem do tipo definitivamente professoral.”

Um mês após a queda de Khrushchev, um outro homem cujo nome começava por um s chegou ao centro do palco no Kremlin. Aleksandr Schelepin, elevado à Presidência do partido, manteve simultaneamente a participação no Secretariado do partido e de Presidente do Conselho de Ministros. Estes são os três órgãos dirigentes mais poderosos da Rússia e o Washington Post, ao comentar a elevação inesperada de Schelepin nas suas críticas editoriais, disse: “Além dessas três outras posições de poder], ele está encarregado do todo poderoso comité de controlo partidário e provavelmente ainda terá responsabilidade geral pela polícia secreta. A concentração de um poder tão grande nas mãos de um homem é difícil de explicar.”

No devido tempo, viremos a saber se um homem cujo nome começa com s (Suslov? Schelepin?) virá a vencer na luta pelo poder no Kremlin e a tirar as rédeas dos dois homens que agora partilham os anteriores deveres de Khrushchev. No mesmo dia do abalo no Kremlin a China Vermelha fez rebentar a sua primeira bomba nuclear, e Jeane Dixon pôde mais uma vez dizer:

“Eu bem que os preveni,” sobre um evento que iria abalar o mundo. Na coluna das minhas previsões de Ano Novo para 1963 ela advertiu que a China comunista logo se tornaria elegível como membro do exclusivo “Clube Atómico.” Com a explosão nuclear em Outubro de 1964, a China Vermelha automaticamente juntou-se à Rússia, Grã-Bretanha, França e Estados Unidos como potência nuclear.

Um outro parágrafo na coluna de previsão de Jeane para 1964 apresenta uma recorrência. “Durante o ano que vem,” escreveu ela, “a Inglaterra irá aumentar o seu comércio com a Rússia, e a Alemanha e a Rússia estabelecerão maiores laços económicos. O muro de Berlim irá cair, mas provavelmente não antes do final do ano.”

Na segunda metade do ano, os Berlinenses ocidentais estavam a ter autorização para atravessar o muro quase à vontade para visitar parentes na Berlim Oriental. A Alemanha Ocidental estava a promover activamente melhores relações com a Rússia e numa coluna distribuída em Londres, datada de 19 de Novembro de 1964, o colunista de Washington Charles Bartlett telegrafou:

“As relações comerciais da Grã-Bretanha com os Comunistas parece destinada a tornar-se no único problema das relações Britânicas com os Americanos. O novo governo trabalhista está a movimentar-se rapidamente no sentido de expandir esse comércio controverso.”

Ele prosseguiu relatando que Douglas Jay, presidente da Junta Comercial do Reino Unido, voara para Moscou e Pequim quase assim que assumiu o cargo em Outubro, e informou à Câmara dos Comuns: “Não devemos negligencie as oportunidades, conforme elas se nos apresentam. Estou determinado a aumentar as compras da Rússia à Grã-Bretanha.”

Conforme tem sido seu costume com regularidade quase monótona desde criança, com a possível exceção de 1960, Jeane Dixon captou acertadamente o vencedor da corrida presidencial de 1964. Ela previra na minha coluna dez meses antes que a claque Democrata iria vencer. Contudo, ela não previu as proporções desleais da vitória, e erroneamente previu que o partido Conservador Britânico iria sair vitorioso por “uma pequena maioria,” quando foi o Partido Trabalhista que venceu por uma escassa maioria.

Preocupada com a possibilidade de ter interpretado mal os símbolos na sua bola de cristal, Jeane abordou a perplexidade que sentia junto do psiquiatra Dr. Riesenman. Depois de ouvir a sua récita, ele disse-me que São Tomás de Aquino havia dado a resposta mais de setecentos anos antes. Citando o teólogo do décimo terceiro século da Igreja Católica Romana, Dr. Riesenman disse: “São Tomás de Aquino teorizou que não existem dois tipos de profecias. Uma é dada por Deus através de visões, e é, portanto, inflexível. A outra acha-se sujeita a condições flutuantes que o profeta (neste caso, a Sra. Dixon) não antecipara intelectualmente.

“Por outras palavras, as visões não procuradas que chegam à Sra. Dixon são imutáveis, por representarem a vontade de Deus. O evento que se aproxima não pode, consequentemente, ser evitado. Nesta categoria, eu colocaria a visão que ela teve do assassinato do presidente Kennedy.

Na bola de cristal, no entanto, ela procura conhecimento dos eventos futuros e, embora os seus símbolos reflitam a situação na época, tais eventos acham-se sujeitos a mudança por causa da mudança que rege as condições humanas. Por conseguinte, quando ela consultou sua bola de cristal em Dezembro de 1963, as proporções esmagadoras da vitória do Presidente Johnson não existiam. Elas haveriam de ser criadas pelo homem mais tarde. Da mesma forma, os Conservadores Britânicos provavelmente estavam um pouco à frente dos Trabalhistas no sentimento público no momento em que a Sra. Dixon os viu a ranger."

O Dr. Riesenman encaminhou-me para o Jornal Internacional de Parapsicologia (Vol. VI, No. 4, pp. 389-407), 1964, para um maior esclarecimento acerca das profecias. Num artigo escrito por Renee Haynes, a única agnóstica que se converteu ao Catolicismo em 1942, ela procurou explicar os santos católicos com respeito ao fenómeno da perceção extrassensorial (PES), e citou São Tomás de Aquino como tendo escrito no décimo terceiro século: "Uma visão dos eventos futuros (uma profecia abalizada) é uma influência directa de Deus."

Ela também citou a perspetiva do Papa Benedito, que se tornou uma autoridade com respeito aos fenómenos psíquicos depois de servir de célebre advogado do diabo sobre o assunto durante o século XVIII: "As visões são uma forma de conhecimento interior." O padre Alois Wiesinger, padre da Ordem Trapista (Cisterciense), escreveu sobre os fenómenos ocultos em 1959, e seguiu as visões até à condição da "Espiritualidade original da alma antes da queda." Ele disse que esse poder "ainda subsiste em estado latente em todos nós" e "manifesta-se espontaneamente em determinadas condições e sob certas situações."

O Dr. Gebhard Free, padre, escreveu acerca de visões: "Deus de tal modo influencia a alma que dela surgem as imagens apropriadas, palavras e ideias." Ele e um sacerdote da Sociedade de Jesus relacionou essas imagens, palavras e ideias às visões tidas pelo Papa Pio XII, São João da Cruz, e os pastorinhos de Fátima.

Falando da Jeane Dixon e dos seus poderes precognitivos, o Dra. Riesenman declara: "As visões dela surgem no mais alto nível de qualquer vidente ou psíquico cujo trabalho eu já investiguei. Isso inclui os estudos de caso que fiz de muitas pessoas superdotadas que viveram nos últimos trezentos anos. Eu classificaria as visões e poderes espirituais da Sra. Dixon como maiores mesmo do que os de Emanuel Swedenborg.

Swedenborg viu incêndios a uma distância remota e conseguia localizar artigos perdidos por processos sobrenaturais, mas não há provas de que as visões que relatou sobre o céu e o inferno. Isso poderia ter sido o próprio subconsciente dele em operação.* Por contraste A Sra. Dixon prevê nascimentos, mortes e

eventos que abalam o mundo de significado histórico, e a prova disso é prontamente ao dispor."

(Swedenborg foi o cientista sueco do século XVIII que nos seus últimos anos desenvolveu incríveis poderes psíquicos que levaram à fundação de uma igreja Swedenborg para levar por diante o trabalho dele.) O Dr. Riesenman conclui: "Considero a Sra. Dixon uma pessoa de uma santidade extraordinária. Nas investigações que fiz dos talentos notáveis dela, ela é um exemplo único vivo."

**NT: Não foi. Mas, segundo os guias de Cora Richmond a interpretação das visões que teve de tais estados constituíram uma distorção.*

CAPÍTULO 18

Jeane crê ser um instrumento de Deus, mas apenas na mesma medida em que todos os que tentam usar os talentos com que são abençoados. Ela tenta definir a sua própria filosofia de viver nos seguintes termos: "Parece-me que temos um propósito na vida. Viemos de Deus e voltamos a Deus."

Ele não seria todo amor e misericórdia se não nos tivesse dado os meios, no momento da nossa criação, para também retornarmos a Ele. Cada um de nós deve, pois, encontrar e desenvolver esse propósito dentro de nós próprios. Os talentos com os quais nascemos são os meios para cumprirmos a nossa missão na vida. Eles foram criados não apenas para nos enriquecer nas próprias vidas, mas para ajudar outras. Somos os administradores de uma posse preciosa - os nossos talentos - e, como na parábola Bíblica, devemos investi-los de tal maneira que possamos devolvê-los a Deus com juros."

Ela refere-se, é claro, à parábola de Cristo sobre o homem que, ao se preparar para viajar para o exterior, dá a um servo cinco talentos, a outros dois, e a um terceiro, um. No seu retorno o mestre recompensou os dois servos que haviam duplicado os talentos por meio de investimentos inteligentes, mas ao saber que o terceiro servo tinha enterrado o seu talento único, ele se enfureceu e tirou-lhe até esse que lhe entregara.

"Os nossos talentos destinam-se à obtenção de juros, não a permanecerem inoperativos," enfatiza Jeane. "Eles têm um propósito e deve ser usado se quisermos escapar da punição aplicada ao servo que o entesourou. Não devemos devolver somente a Deus o que Ele nos deu ao nascermos. O potencial está aí. Nós precisamos utilizá-lo. O seu reino existe para aqueles que trabalham em função dele, e a recompensa é eterna. Se empregarmos esses talentos que Deus nos deu ao máximo possível, seremos verdadeiramente capazes de dizer: "A minha taça está a transbordar."

Jeane preocupa-se com a frequência com que as pessoas lhe perguntam: “O que é você vê para mim?” Em vez de buscarem uma garantia que eles alcançarão segurança, fama ou fortuna, ela sente que elas deveriam questionar-se: “O que devo fazer da minha vida cumprir a vontade de Deus?” Ela recusa-se a dizer às pessoas aquilo que elas “querem” ouvir. Através do seu dom psíquico, ela é frequentemente capaz de sentir os talentos inatos de um indivíduo e, assim, exortá-lo a desenvolvê-los; mas a importância dessa descoberta, acha ela, é medida pela sua perceção de que todo talento que ele possua lhe foi concedido pelo seu Criador para ser utilizado. “É quando usamos esses talentos que estamos a fazer o Seu trabalho nesta terra e a cumprir o propósito que temos na vida,” enfatiza. “Viver para a máxima glória de Deus equivale a trabalhar com as ferramentas que Ele nos deu.”

Na opinião de Jeane, qualquer um pode descobrir o seu próprio talento através da fé e da oração.

“A fé no nosso Criador,” diz ela: “deve constituir a fundação das nossas vidas, com base na qual precisamos trabalhar e construir. Se pudéssemos fazer apenas o que queremos, todos poderíamos ser milionários, não fazer mais nada além de andar a velejar em iates e a viver em palácios. Mas esse não é o plano de Deus. Quem haveria de cuidaria do iate e de limpar o palácio por nós? Deus tem uma vinha para ser mantida; um universo para governar. Cada um de nós tem o seu lugar no auxílio dessa operação.

“Se todos nós fizéssemos a mesma coisa, quão aborrecido o mundo não haveria de ser! Felizmente, recebemos diferentes talentos. Alguns são chamados a pregar, outros a ensinar e outros ainda a trabalhar nos campos. Nunca devíamos ter ciúmes nem inveja dos dons ou talentos dos outros, pois então não podemos ser livres no nosso íntimo. Não podemos ser livres quando abrigamos ódio. As forças para o bem e o mal encontram-se em todos nós, mas precisamos aprender a libertar-nos a nós próprios das cadeias da malícia e do desejo de coisas materiais. Todos somos criados iguais aos olhos de Deus, mas somos dotados de graus variados de inteligência, posições sociais e posses. Aqueles dons dados por Deus carregam uma responsabilidade correspondente -- responsabilidade essa que precisamos cumprir com amor nos nossos corações e gratidão por recebermos uma oportunidade de servir.”

Jeane acredita que cada dia deve começar com a oração. “Devíamos,” insiste ela, “orar como se tudo dependesse de Deus; então, com a Sua inspiração e amor, prosseguir no trabalhar como se tudo dependesse de nós.” Ela visualiza uma comunidade ideal, governada por homens de verdadeira espiritualidade, em que “dar ao invés de receber” fosse a marca de uma vida bem-sucedida. Numa tal comunidade, o valor de um indivíduo não seria determinado pelo facto de ele ou ela ser rei, rainha, pedreiro, professor, executivo ou trabalhador, mas de acordo com a “plenitude com a qual utilizamos os nossos talentos em serviço pelos

outros.” Preocupar-nos-íamos menos com a vontade própria e mais com a vontade de Deus.

Ela discorda daqueles que falam do ambiente de uma pessoa como “um acidente de nascimento.” Ela acredita que não há acidentes; que cada um de nós é parte integrante do plano geral de Deus. Elucidando essa filosofia, ela diz:

“Ele tem um dever muito especial para todos e cada um de nós. Deus opera por formas misteriosas pelas quais as Suas maravilhas se realizam. Quando aceitamos esse ótimo plano principal, percebemos que cada um de nós tem a mesma oportunidade de se desenvolver de acordo com a vontade de Deus, independentemente da cor, nacionalidade ou posição que tenha na vida. Cada um de nós é membro da raça humana, e o que fazemos enquanto seres humanos é muito mais importante do que a forma como nos desenvolvemos, social ou economicamente. O homem pode abrigar um dever de lealdade para com uma religião, nação, partido político, classe ou raça, mas ele tem a capacidade dada por Deus de pensar e amar. Respeito é aquilo que devemos; amor é aquilo que damos.

“A Bíblia diz: 'Para tudo há uma altura própria, e um tempo para todos os propósitos sob o sol. Esse objetivo é a realização dos nossos talentos. Cristo disse: 'Maior amor não tem o homem do que isto, dar a vida pelo semelhante. Isso é amor no verdadeiro sentido. Se usarmos os nossos talentos para ajudar os outros, estaremos a cumprir a nossa missão na vida. A fé somente não é suficiente, mas a fé combinada com as ações pode superar qualquer obstáculo.”

Jeane vê a própria capacidade estranha que tem de vislumbrar eventos futuros como um dom que Deus lhe confiou, assim como qualquer outro talento. “Acredito que sou apenas um instrumento através do qual essas coisas vêm com um propósito,” diz ela. “Vou à igreja todas as manhãs, e oro como se tudo dependesse de Deus. Depois trabalho como se tudo dependesse de mim. Eu peço orientação e sabedoria divinas, mas tento usar o intelecto que Ele me deu.”

Questionada se por vezes não sente que o seu dom lhe pese muito sobre os ombros, ela respondeu simplesmente: “Não, não, porque acredito que me deram um trabalho a fazer. A única vez em que fiquei muito chateada durante um longo período foi quando previ o assassinato do presidente Kennedy e foi incapaz de o evitar, apesar de tentar desesperadamente fazê-lo. Talvez tenha sido esse o meu erro, porque a vontade da humanidade não pode mudar a vontade de Deus. Devemos aprender que as coisas são para ser feitas no Seu tempo, e não no nosso.”

Para ilustrar, ela mencionou que um homem importante lhe liga frequentemente para reclamar que ele “ora e ora,” mas nada acontece. “Eu digo-lhe para começar a orar pelos outros e esquecer de si próprio.” Ela encolhe os ombros. “Perca a noção da importância de si próprio, e as coisas virão no tempo

d'Ele. Nós precisamos trabalhar e ter paciência. Nós devemos acreditar que cada um de nós é Seu representante nesta terra, e que estamos a fazer o trabalho que Ele nos designou, a desenvolver os nossos talentos e a usar a nossa inteligência."

Ela recorda-se de escrever uma carta ao chefe de polícia, a elogiar um polícia com o crachá número 428 que direcionava o tráfego numa esquina perto do seu escritório. Na vez seguinte em que ela viu o Chefe Robert V. Murray, ela perguntou-lhe se ele tinha recebido a sua carta, e ele respondeu: "A sua é apenas uma das centenas de elogios que recebi com respeito a esse polícia, cujo nome, aliás, é John W. Harrison." Jeane perguntou por que razão ele não lhe dava uma promoção, ao que o chefe respondeu: "Porque ele adora estar onde está e quer ficar lá."

"Esse polícia é de cor," diz Jeane, "mas sempre que passo naquele canto eu capto as vibrações dele, que são tão maravilhosas quanto as de qualquer outro líder que eu já conheci. Aos olhos de Deus eu tenha certeza de que o seu dom é tão grande quanto o do general Douglas Mac-Arthur, do Presidente Johnson, do Presidente de Gaulle ou de um amável motorista de táxi. Ele está a fazer a obra de Deus com toda a certeza que qualquer um deles."

Jeane está convencida de que o seu próprio dom não é mais notável do que o do polícia de cor que foi alvo de tantos elogios não solicitados. São Paulo descreveu essa indescritível qualidade quando, nos décimos segundo e décimo terceiro capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios, ele escreveu: "Mas a manifestação do Espírito é dado a todo homem para que lucre de igual modo com ela. Porquanto a um é dado pelo Espírito o dom da palavra de sabedoria; a outros, é dado pelo mesmo Espírito o dom da palavra do conhecimento, o dom da fé, o dom de cura, o dom da capacidade de fazer milagres, o dom profecia; o dom de discernir os espíritos; o dom de diversos tipos de línguas, o dom da interpretação de línguas."

São Paulo comparou esses diversos talentos com as distintas partes do corpo que trabalham juntas para formar o homem todo. "E Deus estabeleceu alguns na igreja; primeiro, nos apóstolos, a seguir nos profetas, depois nos instrutores, e a seguir nos milagres da cura, o auxílio, os governos, a diversidades de línguas," continuou ele, mas emitiu o aviso: "Embora eu fale com as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, tornar-me-ei como o som do bronze ou de um prato a tilintar. E embora eu goze do dom de profecia, e entenda todos os mistérios e todo o conhecimento; e embora eu tenha toda a fé, de modo a poder mover montanhas, se não tiver compaixão, eu nada serei."

Como São Paulo, Jeane coloca a maior ênfase na compaixão; em ajudar os outros sem expectativa de recompensa. Talvez ela tenha expressado melhor a sua filosofia pessoal no dia em que a jovem adolescente com quem ela tinha travado amizade lhe perguntou como ela poderia retribuir e Jeane respondeu: "Se uma pessoa ajudar alguém e, em seguida, essa pessoa ajudar uma outra, ela cria uma

reação em cadeia. Tudo o que eu peço é que, se a oportunidade surgir e tu puderes, ajudes alguém mais necessitado. Eu não procuro outro agradecimento."

Aqueles que lamentam o seu destino, em vez de aceitarem os solavancos e pressionar para a frente, podem esperar pouca simpatia de Jeane. Avaliando meticulosamente a aparente desigualdade da sorte de um homem, ela diz:

"Aqueles que têm os maiores encargos podem ser os mais abençoados, se reconhecerem o desafio que esses encargos encerram. A riqueza da alegria está de alguma forma em proporção direta com a experiência do sofrimento. Cada um de nós tem um senso de realização, e a profundidade desse sentido foi influenciada pelas falhas que tivermos sofrido. Antes das flores aparecerem de forma tão esperançosa na primavera, precisam passar pelo inverno árido. Se, por conseguinte, acreditarmos que existe em nós um poder que podemos pôr a uso quando a necessidade se torna clara, então quanto maior for o obstáculo, tanto maior será a bênção. Chamem-lhe o que quiserem, mas mobiliza o melhor de nós na superação dos obstáculos da vida."

Ansiosa para se fazer compreender ma sua perspetiva profundamente sentida quanto à importância dos talentos, ela franziu a testa por um momento e depois prosseguiu: "Os nossos talentos são as nossas armas da segurança e da sobrevivência -- sobrevivência eterna. Pensem no porco-espinho. Assim como o Senhor o equipou com pequenas agulhas afiadas que ele pode jogar nos outros para se proteger, também Deus nos deu talentos para cumprirmos a nossa missão na vida."

Erguendo os olhos azul esverdeados, que parecem olhar-nos no coração, ela resumiu: "Existem planaltos para a conquista na vida de todos -- pausas quando podemos parar por breves instantes para reavaliarmos o nosso progresso -- mas não há fim para o que podemos realizar." Jeane Dixon é um testemunho vivo da sua própria filosofia.

CAPÍTULO 19

Jeane ganhou renome internacional como consultora da bola de cristal. Muito menos conhecido é o facto de que alguns das suas mais notáveis revelações foram reveladas por visões espontâneas. Desde a infância, ela acostumou-se a ter vislumbres estranhos sobre o amanhã, mas quatro visões distintas experimentadas nos últimos anos enquadram-se num mosaico que Jeane acredita ter enorme significado para toda a humanidade.

A primeira dessas visões aparentemente memoráveis ocorreu pouco depois da meia-noite do dia 14 de Julho de 1952. Sem ela, acha ela, ela não teria sido capaz de interpretar a mais esclarecedora das visões que se seguiriam. Washington é húmido no verão, e Jeane tinha apenas um lençol no corpo, quando se deitou na cama. Ela estava com sono, mas não a dormir. "De repente eu pude

sentir um movimento físico contra o colchão, à esquerda da minha cabeça," relata ela.

"Eu rolei sobre o meu lado esquerdo, de frente para o leste, e ao fazê-lo, vi o corpo de uma serpente. Não era maior do que uma mangueira de jardim, e eu não conseguia ver-lhe a cabeça nem a cauda. Senti-lhe o pequeno e poderoso corpo a torcer-se para o lado da minha cama e erguer-se no canto do colchão. Então, embora eu parecesse envolta numa substância tão macia quanto edredão, eu podia sentir-lhe a cabeça a cutucar por baixo dos meus tornozelos, e o corpo a tornar-se maior à medida que enrolava em volta das minhas pernas e quadris.

"Eu não senti medo. Eu sabia instintivamente que me deveria ser mostrado o quão pouco eu entendia sobre a vida. À medida que a cobra gradualmente se entrelaçava em torno do meu peito eu podia ver-lhe cabeça, mas não os olhos. Eles olhavam para o leste, ao invés de na minha direção. A essa altura, a cobra era tão grande quanto o braço de um homem.

Enquanto eu observava, lentamente virou os olhos e encarou-me nos olhos. Neles achava-se a sabedoria omnisciente das eras. Apesar do quarto estar imerso na escuridão quase total, era agora banhado por uma luz brilhante. A cobra, vividamente colorida em amarelo e preto, tinha grandes bochechas em forma de pirâmide em miniatura. Não falou, mas eu parecia saber que estava a dizer-me que eu tinha muito, muito a aprender.

"Ele virou a cabeça, voltando-se novamente para o leste e depois para mim, como se dissesse que eu também devia olhar para o leste à procura da sabedoria e orientação de Deus. Eu senti que me estava a dizer que se a minha fé fosse suficiente grande eu poderia penetrar um pouco dessa sabedoria divina. Eu sabia que tinha a proteção de Deus, porque o olhar firme do réptil estava impregnado de amor, bondade, força e conhecimento. Percorreu-me o ser uma sensação de 'paz na terra, de boa-vontade para com os homens'. Eu tive um pressentimento de suspensão e ainda assim gozava de uma estabilidade formidável.

Um raio arroxeado ia da cama até a janela no leste, e enquanto eu observava, a cobra retirou-se gradualmente na direção dos meus pés. Tão silenciosamente quanto surgiu, saiu da cama e desapareceu para a direita. Eu interpretei isso como significando que devemos olhar para o leste em busca de crescimento e para o oeste como o fim das coisas. A iluminação brilhante desbotou e estava escuro novamente na sala. Eu olhei para o rádio no meu relógio de cabeceira. Eram 3:14 da manhã."

Jeane diz que por três dias antes da experiência estranha ela "sentiu a aproximação de algo," mas não sabia o que esperar. "O sete é um número milagroso," explica ela. "Quando eu recebo visões importantes, elas invariavelmente ocorrem ao quarto dia após me ver dominada por esse sentimento de irrealidade. Outros três dias são necessários para que o efeito de

encanto desapareça. Não há maneira adequada de descrever a sensação a alguém que não o tenha experimentado, mas é o que mais perto se parece com a perfeita unidade com Deus que pode ser sentida neste mundo. Amor por toda a humanidade inunda o coração e a alma. Sente-se vontade de ajudar a todos."

Jeane acredita que o objetivo dessa visão era prepará-la para três outras pessoas que parecem intimamente interligadas e que são de natureza profundamente espiritual. A segunda ocorreu na tempestuosa manhã de chuva de um dia da semana de 1958. Ela havia entrado na Catedral de São Mateus para oração e meditação. Escolhendo dez recipientes roxos, ela estava preparava-se para queimar velas me sinal de intenções, e tinha procurado na sua bolsa moedas quando ela encontrou as mãos enredadas numa massa de bolas roxas e douradas.

Enquanto ela olhava admirada, as bolinhas flutuavam para cima e gradualmente fundiram-se num enorme disco roxo com bordas douradas. Aquilo circundou os joelhos da estátua da Virgem Maria, subindo suavemente até envolver o peito e a cabeça, como uma aréola. "O rosto da Santa Mãe ganhou vida," relata reverentemente Jeane "e o sol mais magnífico que eu já tinha visto inundava a cúpula da igreja.

Fazia uma manhã escura e tempestuosa lá fora e a igreja estava praticamente vazia, mas de repente raios brilhantes brilharam sobre todas a religião e pessoas imagináveis. A catedral estava cheia de camponeses com lenços de cabeça, reis e rainhas em trajes reais, os ricos e pobres de todas as nacionalidades e credos. Eu não conseguia ver um único banco vago. Todo mundo estava banhado no mesmo sol, e eu parecia estar de pé sobre algo tão macio como neve acabada de cair. Fui dominada por uma paz impressionante, e eu sabia que o conselho da nossa Igreja logo iria reunir sob o telhado da Santa Sé em Roma as religiões e nacionalidades de todo o mundo."

A visão desvaneceu-se lentamente, mas a memória permaneceu viva. Quando Jeane voltou ao seu escritório, ela imediatamente procurou Shirley Peick, sua secretária de meio período, convertida ao Catolicismo Romano. A senhora Peick recorda que Jeane estava "literalmente a brilhar" ao descrever a visão que lhe veio ao encontro naquela manhã chuvosa. "A nossa Igreja vai convocar um grande conselho de todas as fés e credos," disse-lhe Jeane. "Os povos de toda terra irão ser representados e, eventualmente, todas as religiões serão reunidas sob um sol. A nossa Santa Sé em Roma vai dar início a essa trajetória."

Menos de quatro anos após a visão que Jeane tivera na Catedral São Mateus, o Papa João XXIII convocou um Concílio Ecuménico da Igreja Católica Romana em Roma, o segundo alguma vez realizado na Basílica de São Pedro. Dois mil e setecentos altos prelados participaram, tornando-o no maior encontro da hierarquia Católica Romana da história. Participando igualmente como delegados-observadores, vinte e oito não-católicos prelados, representantes das

principais denominações protestantes; e dignitários da Igreja Ortodoxa Oriental do Médio Oriente e da Igreja Ortodoxa Russa. No mês de Setembro seguinte, o Conselho Ecuménico voltou a reunir com mil e quinhentos dignitários eclesiásticos e cinquenta observadores de denominações não-Católicas. O Papa Paulo VI, no seu discurso de abertura, fez um apelo à unidade Cristã e declarou que o objetivo de longo prazo do Conselho era a união completa e universal de todos os Cristãos.

Shirley Peick diz que no momento em que ouviu falar na convocação um Conselho Ecuménico por parte do Papa João, ela se recordou da profecia do seu anterior empregador e disse ao marido: "Isto é o que a visão de Jeane predisse."

A própria Jeane acreditava que a visão que prenunciava o Conselho Ecuménico sem precedentes foi um mero primeiro passo inicial no despertar para o conhecimento do futuro da religião. O passo seguinte chegou perto do final desse ano, enquanto ela se encontrava ajoelhada em oração na Catedral de São Mateus e segurava uma bola de cristal na mão. Em voz baixa, Jeane lembra:

"De repente o próprio ar parecia rarefeito. Uma luz gloriosa mostrava-se de novo a partir da cúpula da catedral, e diante de mim estava a Santa Mãe. Ela estava envolta em azul arroxeado e cercada por raios dourados e brancos que formavam um halo de luz em torno de toda a sua pessoa.

"Numa formação tipo nuvem à direita e logo acima dela Eu li a palavra 'Fátima' e senti que o segredo a profecia de Fátima deveria ser-me revelado. Eu vi o trono do Papa, mas estava vazio. A um lado foi-me mostrado um Papa com sangue a escorrer pelo rosto que pingava sobre o ombro esquerdo. Folhas verdes do conhecimento estavam a ser vertidas de cima, e a expandir-se à medida que caíam. Vi mãos a estender-se do trono, mas ninguém se encontrava sentado nele, pelo que percebi que dentro deste século um Papa irá ser corporalmente atacado.

"Quando isso ocorrer, o chefe da Igreja irá subsequentemente usar insígnias diferentes das do Papa. Por a luz sobrenatural ter continuado a brilhar intensamente sobre o trono papal, eu sabia que o poder ainda estaria presente, mas que não assentaria mais na pessoa de um Papa. Em vez disso, a Igreja Católica iria abrir caminho para os povos de todas as religiões descobrirem o significado do Poder Todo-poderoso; crescer em sabedoria e conhecimento. Esta, estou perfeitamente certa, foi a profecia de Fátima."

Quem conhece o milagre de Fátima recordará a história de Lúcia dos Santos e dos seus primos, Jacinta e Francisco Marto. Em 13 de Maio de 1917, as três crianças portuguesas tiveram a sua primeira visão da Virgem Maria na colina desolada de Fátima. Durante uma série de aparições posteriores, nossa Senhora transmitiu às crianças uma série de profecias a respeito das duas guerras mundiais e da Rússia. No dia da sua sexta aparição em Outubro, quando a

Virgem prometeu fazer um milagre, setenta mil pessoas acorreram debaixo de uma chuva copiosa a Fátima.

Ao meio-dia a chuva parara, o sol irrompera de novo, e no grito de Lúcia de que a Senhora tinha chegado, uma exibição celestial surpreendeu os espectadores impressionados. Por três vezes o disco solar girou no céu, após o que mergulhou para baixo, mas gradualmente retomou o seu lugar apropriado no alto dos céus. Até os mais céticos tiveram que admitir que algo havia interferido com a lei cósmica normal. As profecias reveladas pelas crianças antes da morte prematura de Jacinta e Francisco aconteceram. Lúcia ingressou num convento e, em 1927, relatou que Cristo lhe aparecera e pedira que uma das suas profecias fosse mantida em segredo até 1960. A irmã Lúcia selou-a num envelope e supostamente remeteu-a através de intermediários da igreja ao Papa em Roma.

Católicos de todo o mundo aguardavam ansiosamente a revelação da profecia, e em 1960 os centros de informação Católicos foram inundado de perguntas. Por algum motivo desconhecido dos leigos, ainda não foi revelado. Jeane acredita que a visão que ela teve no final de 1958, a prever o fim do reinado papal da Igreja dentro deste século, foi o mesmo que a "profecia de Fátima." Contudo ela sente que todo o seu significado não lhe foi divulgado até mais de três anos mais tarde.

A visão que Jeane considera ser a mais significativa e emocionante da sua vida ocorreu pouco antes do nascer do sol em 5 de Fevereiro de 1962. A data em si pode ter um significado especial, embora Jeane não soubesse desse facto na época. Durante vários meses antes, astrólogos e adivinhos tinham estava prevendo um evento de abalar a terra nesse dia -- alguns até previram o fim do mundo -- por causa de uma rara conjunção de planetas. Alguns estudiosos bíblicos acreditam que uma conjunção semelhante que ocorreu há quase dois mil anos atrás, explica a "estrela brilhante no leste," que deixou pastores deslumbrados e guiou os três Reis Magos a uma manjedoura humilde atrás de uma estalagem lotada em Belém.

Três noites antes da visão, Jeane estava a meditar no seu quarto quando ela percebeu que a luz estava a diminuir. Olhando para cima, ela viu as cinco lâmpadas no cristal do lustre escurecer, exceto por uma bola redonda curiosa que ardia brilhante no centro de cada uma. Estranhamente assustada, ela correu para o quarto do marido e contou sobre a falha da luz. Como as outras luzes da casa estavam a funcionar corretamente, o Sr. Dixon assumiu que um fusível para um circuito tivesse queimado, mas quando ele desceu para começar a investigar, ele percebeu que o lustre de Jeane estava novamente a intensamente aceso.

Na noite seguinte, durante as suas meditações, o fenómeno voltou a ocorrer. Desta vez Jeane permaneceu em silêncio no seu quarto, a olhar para as minúsculas bolas de luz na escuridão das lâmpadas. Em aproximadamente dez segundos, diz ela, ouviu "um pequeno ruído de estalido." Os fios nas lâmpadas

transparentes então começaram a brilhar novamente e normalidade da luz foi retomada. Quando o desempenho se repetiu exatamente como antes na terceira noite, Jeane aceitou como um presságio que algo importante estava para acontecer. Ela não sabia quando nem onde.

Na manhã seguinte, dormiu até mais tarde, mas o sol ainda não havia nascido quando ela se encaminhou em direção à janela de sacada do seu quarto, leste.

Ao olhar para fora, viu não as árvores de galhos nus e a rua da cidade abaixo, mas um céu azul brilhante acima de um deserto árido. Logo acima do horizonte estava o sol mais brilhante que ela já tinha visto, a brilhar como uma bola de ouro. Jatos de raios brilhantes da esfera pareciam espalhar-se em todas as direções como que a atrair a terra em direção a ela como um ímã. A sair do esplendor dos raios do sol, de mãos dadas, vinha um faraó e a rainha Nefertiti. Aninhado no outro braço da rainha via-se um bebé, com as vestes esfarrapadas e sujas, em contraste surpreendente com o casal real maravilhosamente organizado. "Os olhos dessa criança eram omniscientes" diz Jeane suavemente. "Eles estavam repletos de sabedoria e conhecimento."

Um pouco a um dos lados da rainha Nefertiti, Jeane podia vislumbrar uma pirâmide. Enquanto ela assistia extasiada, o casal avançou em direção a ela e empurrou o bebé para a frente, como se o oferecesse o mundo inteiro. Dentro do disco do sol, Jeane viu José a dirigir o quadro como um mestre de marionetista a puxar os cordelinhos.

A seguir viu o bebé a emitir raios de luz, que se misturavam com os do sol e lhe obliteravam a visão do faraó. Um pouco para a esquerda, ela observou que a rainha Nefertiti se afastava "milhares de quilómetros no passado." A rainha fez uma pausa ao lado de um grande jarro de água marrom, e quando ela se inclinou com as mãos em concha para beber, ela foi esfaqueada nas costas por um punhal. Jeane diz que "ouviu claramente o seu grito de morte à medida que ela desaparecia."

Jeane voltou a olhar para o bebé. Ele já tinha atingido a idade adulta, e uma pequena cruz que se formara acima dele começou a expandir-se até que "escorrer sobre a terra em todas as direções. Simultaneamente, povos de todas as raças, religiões, e cor (preto, amarelo, vermelho, marrom e branco), cada um se ajoelhava e erguia os braços em devota adoração, a cercá-lo.

Eles eram todos como um só. "Ao contrário das visões anteriores, que gradualmente desapareceram da vista de Jeane, esta chegava-se sempre para mais perto até que ela parecia estar no meio da ação, junta à adoração devota. "Eu senti-me como uma pequena semente pronta a brotar e a crescer," diz ela, "mas eu era apenas entre os milhões de sementes idênticas. Eu soube dentro do meu coração: 'Aqui está o começo da sabedoria.'" O quarto estava a ficar escuro de

novo, e embora ela ainda estivesse envolvida no encanto da visão, Jeane olhou automaticamente para o relógio de cabeceira. Ele marcava 7:17 da manhã.

Que significado terá isso? Qual será o significado dessa estranha visita numa manhã maçante de Fevereiro em Washington, a um terço de caminho do Egipto a toda a volta do mundo? Jeane acha que lhe foi mostrada essa resposta. Um pouco hesitante, ela explica: "Uma criança nascida em algum lugar do Médio Oriente logo após as 7h (Hora Padrão Oriental) de 5 de Fevereiro de 1962, irá revolucionar o mundo. Antes do final do século, ele vai reunir toda a humanidade numa fé abrangente. Essa será a base de um novo Cristianismo, com todas as seitas e credos unidos por esse homem que andará entre as pessoas para espalhar a sabedoria do Poder Todo-Poderoso.

"Esse indivíduo, embora de origem camponesa humilde, é um descendente da rainha Nefertiti e do seu marido faraó; disso eu tenho a certeza. O seu advento nada tinha de real -- nem reis nem pastores a homenagear esse bebé recém-nascido -- mas ele é a resposta às orações de um mundo conturbado. A humanidade irá começar a sentir a grande força desse homem no início da década de 1980, e durante os dez anos seguintes o mundo conforme nós o conhecemos será remodelado e renovado num sem guerras nem sofrimento. O seu poder crescerá muito até 1999, altura em que os povos desta terra provavelmente descobrirão o significado completo da visão."

Tentando descrever a própria sensação que teve, Jeane diz: "Eu senti-me em suspenso e envolta, como se eu estivesse cercada de chantilly. Pela primeira vez eu entendi o significado da frase bíblica: 'O meu cálice transborda.' Eu senti amor por toda a humanidade. Eu senti que nunca mais precisaria de comer nem dormir, por eu ter experimentado a paz perfeita."

Como repórter, senti que havia perguntas que deviam ser feitas. Como ela podia ter certeza de que a rainha da sua visão era Nefertiti? Qual foi o faraó que desapareceu de volta dentro do sol? Por que entrou José na visão? Jeane pode responder apenas em parte. Ela disse que reconheceu Nefertiti de um pequeno busto da famosa rainha Egípcia, que uma amiga certa vez lhe trouxe do Cairo. Ela "soube" que o faraó era casado com Nefertiti, mas não teve qualquer ideia do nome dele nem da identidade. José parecia estar a controlar o casal e a induzi-los a apresentar a criança ao mundo, mas ela não sabia porquê.

Confundida com o significado da visão estranhamente irresistível, consultei o Antigo Testamento para avivar a ideia que tinha do José. Lembrei-me, é claro, que enquanto filho favorito de Jacob, ele haviam sido vendido como escravo aos egípcios por ciúmes dos irmãos mais velhos. Eu sabia que, eventualmente, ele acabou por salvou a família da fome, quando a fome deflagrou, mas para além disso. . . que mais? Voltando ao Gênesis, li que "coisas ocultas lhe foram reveladas" e que ele era capaz de "interpretar sonhos." Por isso, um Faraó grato

fez dele governador de todo o Egipto e presenteou-o com uma esposa, Azenate, cujo pai Potífera era um sacerdote influente.

Com que então José era capaz de entender significados ocultos e interpretar sonhos! Em seguida, virei-me para a Enciclopédia Britânica e soube que Nefertiti era a esposa do faraó Amenhotep IV que, depois de abandonar o culto a Amón, "dedicou-se a Aton (o disco solar)." Posteriormente mudou p seu nome para Akenaton e construiu uma nova capital dedicada à adoração do sol nas margens do Nilo acima do Cairo. Evidências arqueológicas sugeriram que Nefertiti também foi uma "fervorosa defensora do culto de Aton)." Eles tiveram sete filhas, porém, não filhos. De repente, percebi o quão estranha era que Jeane Dixon, que não tinha conhecimento de que Nefertiti e o seu marido tinham adorado o sol, ainda assim, "os tenha visto a sair do disco solar numa visão.

CAPÍTULO 20

As gerações recentes maravilharam-se com a perspicácia do poeta vitoriano Alfred Tennyson, que escreveu em Locksley Hall:

Pois eu mergulhei no futuro, até onde o olho humano podia ver,
Vi a visão do mundo, e toda a maravilha que viria a ter lugar;
Vi os céus encherem-se de comércio, galeões de velas mágicas,
Pilotos do crepúsculo arroxeado, descer com fardos caros;
Ouvi os céus encherem-se de gritos, e então caiu uma chuva de um horrível orvalho
Das marinhas aéreas das nações que lutavam no azul central.
Ao longo do sussurro que um vento quente sul fazia por todo o mundo,
Com os padrões dos povos a mergulhar na trovoada;
Até que o tambor de guerra não pulsasse mais e as bandeiras de batalha fossem desenroladas.
No Parlamento do homem, na Federação do mundo.

Quando essas palavras proféticas foram escritas em 1842, o avião ainda havia de ser inventado; no entanto, Tennyson aparentemente previu comércio mundial do século XX pelo tráfego aéreo, um chuva de destruição como a que foi lançada por aviões sobre Hiroshima e Nagasaki, e "marinhas aéreas das nações" travando guerras com bombardeiros bem acima da terra. Quem, pois, poderá contrariar a sua visão adicional de uma época em que os tambores de guerra serão silenciados e a paz retornará através de um Parlamento do homem?

Jeane Dixon prevê que essa paz pela qual os homens anseiam amanhecerá no ano de 1999, mas não antes de um holocausto mundial deixado a humanidade consternada e a levar à renovação espiritual. Algumas das previsões que ela fez de longo prazo para o restante do século são estas:

* As nossas duas maiores dores de cabeça serão o problema racial e a China vermelha. Através da subversão e intromissão desta última no conflito racial, numerosas nações Africanas e Asiáticas se vão voltar contra nós e provocar uma guerra mundial na década de década de 1980. O Vietname e a Coreia hão de levar-nos a essa guerra "inevitável" com a China vermelha.

* A história há de demonstrar que o tratado de proibição de testes foi mau para a América e será usado contra nós. É do nosso interesse nacional negociar com a Rússia, embora até a década de 1980 esse comércio beneficie mais o Kremlin do que a nós. Então virá um ponto de viragem, e iremos alinhar com a Rússia na guerra contra a China vermelha.

* A China vermelha irá invadir o território Russo, mas esse será um conflito de fronteira que não inflamará a guerra que está por vir, em que a China vermelha vai fazer uma "guerra de germes." Nesse período no final do século, o estreito de Davis se tornará na "corda de salvação Americana."

* Oficiais e cientistas Americanos estão a meter na gaveta por engano "um míssil bebé com aproximadamente dezoito centímetros de comprimento, verde escuro ou preto, em forma de balão alongado." Por volta de 1970, esse míssil, pequeno o suficiente para ser transportado para um campo de batalha por dois ou três soldados, será criticamente necessário para a proteção do nosso país, mas não estará acessível. Dois outros mísseis, "um na forma de baleia miniatura com duas barbatanas minúsculas e outra que faz explodir um instrumento semelhante a uma calha ou tubo," também deve ser concluído apressadamente.

* A nossa política externa deve ser motivada pelo desejo de proteger os interesses Americanos, em vez de "algum misterioso ideal humanitário." Não devemos tentar moldar as nações Europeias à nossa própria imagem, mas aceitar as diferenças e trabalhar com elas.

* O nosso programa espacial devia ser acelerado, e partes dele que agora se encontram sob controlo civil devem ser transferidas para a Força Aérea, onde poderiam ser conseguidos progressos sem precedentes que protejam a nossa segurança. A Rússia será a primeira nação a colocar um homem na lua, provavelmente daqui a três anos.

* O Presidente Johnson está a tornar-se "ciente do facto que existirem simpatizantes comunistas no nosso governo" e tomará medidas no que ele considera tempo apropriado para os eliminar, mas a ação virá tarde demais. Essa situação não é da sua autoria, pois ele herdou esses funcionários.

* Os anos entre 1964 e 1967 serão um período de grande perigo nacional, tanto no campo doméstico quanto no das relações com o estrangeiro. Erros serão

cometidos que não poderão ser inteiramente percebidos durante uma década. A América terá três presidentes no período entre 1961 e 1969.

* Grande sabedoria decorrerá de certas decisões tomadas por Gamal Abdel Nasser, Presidente da República Árabe Unida, e por causa de algumas alianças que ele virá a forjar.

* O Papa Paulo VI irá deixará a maior marca de sempre na história do papado, mas ele e o Presidente Lyndon B. Johnson são vulneráveis a enormes perigos pessoais.

* O programa do Presidente para a Grande Sociedade fracassará, porque os canais estarem a operar em todas as direções e nenhuma das extremidades estar fechada. A guerra que irá travar contra a pobreza também fracassará a menos que mais espiritualidade seja introduzida no programa, porque "o homem não vive só de pão, e é preciso mais do que comida e dinheiro para restaurar a dignidade do homem."

* Nas próximas duas décadas, iremos avançar constantemente ladeira abaixo "no orgulho, realizações e dignidade," até o surto de guerra nos levar a dar-nos conta dos nossos erros e inspirar um programa de reforma.

* Sargent Shriver e Richard M. Nixon apresentam "excelentes vibrações" para o bem da América e servirão bem o seu país. Contudo, o primeiro, deve proteger-se contra tentativas de assassinato.

* Os princípios de Barry Goldwater serão justificados, e apesar da sua esmagadora derrota nas pesquisas grandes honras lhe hão de ser prestadas dentro de vinte anos. Ele chegará a ser venerado a um ponto ainda maior do que o Herbert Hoover, que foi falsamente castigado pela Grande Depressão, mas viveu para se tornar o estadista reverenciado mais velho.

* O partido Republicano irá sair vitorioso nas urnas em 1968, mas na década seguinte o sistema bipartidário conforme o conhecemos irá desaparecer da cena Americana.

Jeane Dixon aprendeu por experiência própria que as primeiras horas antes do amanhecer, fornecem os canais mais claros para a meditação psíquica. Consequentemente, ela levantou-se às duas horas da madrugada na manhã do dia 2 de Novembro de 1964, para meditar nos resultados que se seguiram ao dia das eleições. Ficou perturbada por nas últimas semanas o elefante desaparecer da sua bola de cristal; apenas o burro permaneceu, a forçar e a abrir caminho por entre nuvens escuras.

Como isso nunca havia acontecido em todos os anos anteriores em que previra os resultados das eleições, ela esperava encontrar uma explicação para a

perplexidade. As luzes da rua lançavam um brilho amarelo pálido através das janelas do quarto em que ela ficara na penumbra, com a bola de cristal na mão. O burro ainda estava lá, a empurrar o focinho contra a linha de chegada, mas onde estava o elefante Republicano? Então concentrada estava ela no pequeno quadro na bola brilhante que ficou vagamente consciente de uma estranha sensação de suspense até que ela olhou para o leste e "viu um magnífico pavilhão de mármore."

Jeane descreve a visão assim:

"Sentado num trono ante colunas de mármore caneladas estava um Imperador Romano maravilhosamente adornado que, com grande energia e força, atirava pedaços de comida para as multidões distantes de bárbaros esfarrapados. Hordas foram gradualmente avançando, a aproveitar os petiscos espalhados, enquanto a beleza irradiava do requintado pavilhão.

Observando atentamente, Jeane notou que o imperador estava a começar a lançar a comida de forma mais descuidada, com menos vitalidade, e que parte dela estava a cair junto aos seus pés; e finalmente os bárbaros varreram o pavilhão como um enxame de gafanhotos, e erradicaram todos os traços da cultura e refinamento que refletia.

Enquanto a escuridão envolvia a cena, Jeane sentiu que, de uma forma simbólica, ela não só testemunhou o declínio e queda do Império Romano, e a subsequente Idade das Trevas, que obliterou a luz do conhecimento, mas também recebeu um aviso subtil de que a América estava da mesma forma a ser drenada da força necessária por meio de uma descuidada ajuda externa.

Enquanto ela estava em estado de devaneio, uma nova visão começou a formar-se, e Jeane de repente se viu no centro dela, a conversar com uma amiga reconhecível que parecia implicitamente confiar nela, e uma enorme mulher velha que representava a Voz da Sabedoria.

Uma música vitoriosa frenética inundou a sala através de janelas, e Jeane sabia instintivamente que uma tomada de posse Presidencial Americana estava em andamento do lado de fora. A amiga passou-lhe ternamente uma menina, dizendo: "Eu não a confiaria a ninguém senão a ti. Por favor, proteja-a, porque eu a amo muitíssimo."

Assentindo sabiamente, a velha senhora advertiu: "Esta é a filha do amor. Não deves deixar que nada lhe aconteça." Jeane abraçou a criança nos seus braços, e quando ela saiu de casa a porta fechou-se silenciosamente atrás dela. Ela olhou na direção de onde a música vinha, mas o belo pavilhão de inauguração que até recentemente estava lotado de foliões foi abandonado, e um entulho imundo cobria o seu piso liso de mármore. O bebé era agora uma criança,

e Jeane segurou-o pela mãozinha enquanto a conduzia pela escadaria de mármore abaixo.

Ela sentiu-se estranhamente atraída para o pavilhão, mas como estava muito sujo para a criança andar por lá, eles passearam pelo lado, na relva verde-esmeralda, tão suave quanto uma carpete de veludo. Jeane pareceu perceber que o pavilhão de mármore era a América, e sentiu-se enjoada por ter ficado tão cheio de sujidade. Agora fluía uma água pura, cintilante e clara através da relva e lambia-lhe delicadamente os tornozelos, mas ela reparou tristemente que a inundação de purificação estava a varrer por baixo em vez dos detritos do piso do pavilhão.

A criança que caminhava alegremente ao lado dela abruptamente deslizou para um buraco invisível. Abraçando o pavilhão em busca de apoio, Jeane puxou freneticamente o braço do bebé que tão carinhosamente tinha sido confiado aos seus cuidados, e ao se esforçar por a levantar implorou à criança: "Ajuda-me. Ajuda-me a salvar-te. Tu podes ajudar-me se o tentares."

A criança não fez nenhum esforço para ajudar, mas rolou lentamente sobre si própria e olhou para ela; e apesar de uma polegada de água limpa lhe cobrir o rostinho, Jeane sabia que jamais tinha visto tal serenidade, amor avassalador e sabedoria nos olhos humanos. Ela continuou a puxar futilmente até que a criança sorriu e disse alegremente: "Precisa ser assim. Tem que ser assim. Tu você vês que tem que ser assim?"

Jeane virou-se e olhou de novo para o lixo indescritível que cobria o chão do pavilhão, e sentiu que ela lhe pertencia; que essa era a América dela. Oprimida por um sentimento de vergonha, ela assistiu silenciosamente enquanto nuvens cinzentas e esfumaçadas começaram a agitar os detritos, como caixas de fósforos presas no funil de um tornado. Ela ergueu os olhos e percebeu que acima das nuvens escuras se evidenciavam outras mais negras ainda, que se desdobravam como a raiva se desdobra como se sugada por um imã gigante. Tanto quanto ela podia ver o horizonte apresentava-se sombrio e atormentador; mas perto do topo das nuvens negras um fogo crepitava e queimava com uma intensidade incandescente, que consumia gradualmente os detritos repulsivos. Acima do calor sobrenatural uma chama suave começava a brilhar, e ela viu com alívio que a chama de cura estava a espalhar-se por todo o universo a fim de dispersar as acirradas nuvens negras.

"Esta é a flâmula da aura, esta é a flâmula da aura," disse-lhe repetidamente uma voz, e lentamente uma serenidade azul voltou ao céu torturado. Olhando de relance para a direita, Jeane então viu uma bela colina verde na qual brilhava uma eterna chama, e como a visão desaparecesse, ela percebeu que a colina apresentava uma acentuada semelhança com a encosta de Arlington, na qual os restos mortais de John Fitzgerald Kennedy repousam ao lado de uma chama eterna. Naquele instante, ela sentiu que lhe tinha sido mostrado por que a morte

do Presidente Kennedy era parte integrante do plano de Deus; e por que o seu aviso de assassinato iminente não pretendia alcançá-lo nem impedi-lo de completar a sua missão predestinada na vida.

Jeane interpreta essa visão como um aviso prévio de que os Americanos devem pagar caro pela "confusão, degradação, e imoralidade das nossas políticas, negócios, trabalho e vidas familiares"; pela obsessão que têm por coisas materiais e pelos compromissos que têm com o mais alto princípio. Como os Romanos que desperdiçaram a sua grande liderança cultural e política com pão e circos, ela sente que também estamos a construir detritos nauseabundos que precisam ser consumidos por fogos de purificação antes de a paz poder retornar a um mundo conturbado. Jeane diz disso:

"Vi os escombros da nossa vida nacional espalhados pela América, mas a rodeá-la havia um mar de pura relva verde que era inundada de água limpa e espumante que ainda deixava os escombros por varrer. Esse era o tempo presente, e à medida que as nuvens cinzentas começavam a agitar-se eu soube que elas representavam a luta entre as raças -- uma luta que dominará as décadas de 60 e 70. Depois disso vieram o nuvens mais negras ainda, a representar uma guerra horrível na qual muitas nações asiáticas e africanas a quem ajudamos com ajuda externa se juntavam à China Comunista para se juntarem contra nós e, como os bárbaros na visão da Roma antiga, tentavam destruir o nosso modo de vida. Isso ocorrerá na década de 1980 e, devido a um novo tipo da guerra de germes, muitos morrerão como formigas.

"Então vem a flâmula da aura, como uma visão de esperança, para dissipar as nuvens de guerra e depois a chama eterna. Esse é o verdadeiro significado da vida e morte do Presidente Kennedy: através do seu martírio, ele acenderia uma chama eterna para lembrar aos povos do mundo a eterna chama de Deus em cada um de nós.

Durante o breve período em que John Kennedy esteve sob os holofotes do público, ele foi capaz de acender no coração dos homens uma consciência que há mais na vida do que a estreita busca do ganho pessoal. Por a sua vida nesta terra ter sido interrompida no auge, foi-lhe possível tornar-se num símbolo eterno da juventude, vitalidade, cultura e intelecto. Isso não foi obra dele, mas de Deus.

Como o cortês polícia de Washington na esquina, que irradia boas vibrações para com todos os transeuntes, e como cada um de nós que tenta desenvolver os talentos que nos eram confiados, o Presidente Kennedy foi simplesmente um instrumento da vontade de Deus. Através dele, Deus demonstrou que dentro de cada um de nós queima essa chama eterna; que a nossa grandeza não reside no tamanho de nossas contas bancárias, mas na nossa fé e no nosso desenvolvimento de talentos divinamente concedidos.

“Precisamos perceber os nossos próprios talentos e, tendo-os percebido, aceitá-los; e exercita-los como uma sinfonia em que todos os outros instrumentos são afinados a fim de se criar um universo melhor. Eu estava errada ao tentar impedir a morte do presidente, há nove anos, por me ter sido mostrado que estava pré-determinado.

A pequena criança que eu tentara resgatar na visão ensinou-me mais uma vez essa grande verdade: que a vontade da humanidade não pode mudar a vontade de Deus.

“Que sorte que John F. Kennedy foi escolhido por nosso Senhor para tal papel! Como a criança que disse: Tem que ser assim’, ele não desejaria que a sua vida ou morte tivessem sido de outra forma. Isso eu sei por causa de outra visão que apareceu diante de mim em 25 de Novembro de 1963, enquanto eu estava a assistir ao seu funeral na televisão. O caixão do Presidente estava ser arranjado na Catedral de São Mateus -- a mesma igreja em que tive pela primeira vez a visão do seu assassinato em 1952 -- e ao ser solenemente erguido no caixão, eu de repente, viu John Fitzgerald Kennedy a dançar uma *jiga* (dança irlandesa) no topo daquilo.

Ele estava feliz, alegre e livre! A procissão do funeral desceu lentamente a avenida, com o Presidente continuando seu alegre rodopio até chegar à Memorial Bridge. Naquele momento, vi o tio Sam erguer as duas mãos, como se pronunciasse uma bênção, e quando olhei de volta para o caixão, restava apenas um rasto de fumo onde o presidente estivera a dançar.”

Na encosta verde, em frente à Memorial Bridge, uma chama eterna agora ilumina o túmulo do trigésimo quinto Presidente da América. Jeane Dixon acredita que essa tocha simbólica pode servir de inspiração para quem viver durante o holocausto que ela prevê para os anos 80. Após esse período, ela prevê que Roma se tornará novamente o principal centro de cultura do mundo, conhecimento e religião; e que a criança do Médio Oriente cujo nascimento ela “testemunhou na visão da Rainha Nefertiti” a 5 de Fevereiro de 1962, unirá todos os credos e seitas beligerantes numa fé abrangente.

Jeane Dixon disse que a humanidade começará a sentir a grande força desse homem por volta de 1980, e o seu poder “crescerá vigorosamente” até 1999, quando reinará a “paz na terra para todos os homens de boa vontade.”